

masf  
journal |

**MEDIAÇÕES:**  
APRENDIZAGEM  
PATRIMÓNIO E  
MUSEUS





## FICHA TÉCNICA

### TÍTULO

MASF JOURNAL

### SUBTÍTULO

Mediações: Aprendizagem, Património e Museus

### COORDENAÇÃO

João Henrique Silva  
Carolina Rodrigues Ferreira  
Elisa Vasconcelos Freitas  
Martinho P. Mendes

### EDITORES

Carolina Rodrigues Ferreira  
Elisa Vasconcelos Freitas

### EDIÇÃO GRÁFICA

Ana Antunes

### EDIÇÃO

Museu de Arte Sacra do Funchal

### COMISSÃO CIENTÍFICA

Fernando António B. Pereira  
Isabel Santa Clara  
Mercês Lorena  
António Candeias  
Helena Rebelo  
João Alves da Cunha  
Nuno Saldanha  
Maria Isabel Roque  
Alice Semedo  
Marta Ornelas  
Hélder Spínola  
Francisco Aznar Vallejo

### LOCAL DE EDIÇÃO

Funchal

### ANO

2020

### NÚMERO

03

### PERIODICIDADE

Anual

### ISSN

2184-2272

### IMAGEM DE CAPA

Fotografia captada durante uma atividade do Serviço Educativo do MASF, na exposição temporária "Ícone - Beleza e Mistério"

© Arquivo MASF



# ÍNDICE

|                                                                                                                                                                                                                                                                                          |     |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Prólogo / Prologue                                                                                                                                                                                                                                                                       | 05  |
| Introdução / Introduction                                                                                                                                                                                                                                                                | 07  |
| ENTREVISTA / INTERVIEW — Padre António Estêvão Fernandes                                                                                                                                                                                                                                 | 13  |
| ARTIGOS — CONFERENCISTAS / CONFERENCE PAPERS                                                                                                                                                                                                                                             |     |
| <b>Margarida Ornelas Camacho</b>                                                                                                                                                                                                                                                         |     |
| <i>Acessibilidade e mediação cultural: Reflexões em torno do Palácio de São Lourenço</i><br><i>Accessibility and cultural mediation: reflections on Palácio de São Lourenço</i>                                                                                                          | 25  |
| <b>Luís Nobre</b>                                                                                                                                                                                                                                                                        |     |
| <i>A Arte Contemporânea em Contextos Museológicos. Um Território Para Explorar</i><br><i>Contemporary Art In Museological Contexts. A Territory to Explore</i>                                                                                                                           | 61  |
| <b>Hélder Spínola</b>                                                                                                                                                                                                                                                                    |     |
| <i>Literacia do Património Natural</i><br><i>Natural Heritage Literacy</i>                                                                                                                                                                                                               | 75  |
| <b>Francisco Aznar Vallejo</b>                                                                                                                                                                                                                                                           |     |
| <i>La dimensión formativa en la socialización del Patrimonio</i><br><i>The training dimension in the socialization of cultural Heritage</i>                                                                                                                                              | 89  |
| ARTIGOS — CONVITE À PARTICIPAÇÃO / CALL FOR PAPERS                                                                                                                                                                                                                                       |     |
| <b>Isabel Eunice Baptista Correia &amp; Margarida Pereira de Magalhães Vasconcelos</b>                                                                                                                                                                                                   |     |
| <i>Uma Visitação e Vieira Lusitano</i><br><i>A Visitation and Vieira Lusitano</i>                                                                                                                                                                                                        | 105 |
| OUTROS TEXTOS — CONVITE À PARTICIPAÇÃO / CALL FOR PAPERS                                                                                                                                                                                                                                 |     |
| <b>Liliana Melim</b>                                                                                                                                                                                                                                                                     |     |
| <i>Laboratório Narrativas Encadeadas: Planificação de Atividades Educativas com o Património Cultural e Natural do Arquipélago da Madeira</i><br><i>Narrative Chaining Laboratory: Planning Educational Activities with the Cultural and Natural Heritage of the Madeira Archipelago</i> | 135 |
| FOTORREPORTAGEM / PHOTO REPORTAGE — As Conferências do Museu 2019                                                                                                                                                                                                                        | 172 |





## PRÓLOGO

Visando garantir a memória d'*As Conferências do Museu 2019*, o terceiro número do *MASF Journal* é também uma oportunidade para que um público mais vasto possa participar e ter acesso a um conjunto de saberes e de experiências que expressam a relevância do tema e a pertinência da realização.

Desde o começo deste projeto, em 2017, sempre o apresentámos como um espaço de reflexão e debate em torno de temas afins de uma área comum - museus, arte e património - no sentido de suscitar investigação e partilhar conhecimentos entre especialistas e os vários públicos interessados. A verdade é que a escolha do tema *Mediações: Aprendizagem, Património e Museus* não foi aleatória, tratava-se de evocar e celebrar uma data cara ao Museu, precisamente a da criação dos seus Serviços Educativos em 1994, pelo que agora iriam ocorrer os 25 anos de um serviço que foi pioneiro no contexto regional. A efeméride era, então, mais que oportuna para propor e apresentar um conjunto de temas que abordariam questões transversais à museologia e à educação pela arte, com uma abordagem multidisciplinar das variantes técnicas e pedagógicas que a pluralidade temática deveria convocar.

Assim, os dois Painéis que refletiram o tema geral das Conferências - "Mediações Educativas em Museus" e "Educação Patrimonial para todos" – buscavam o diálogo dos diferentes contributos, teóricos e práticos, dos vários preletores, dando azo à apresentação de experiências pedagógicas indutoras de melhor compreensão dos processos criativos e para uma maior fruição da beleza, da arte e do património como lugares de mediação do sentido, e por onde passa, também, a humanização do indivíduo e das sociedades.



Claro que, sendo esta reflexão feita num museu diocesano cuja identidade guarda mui estreita ligação ao território e à herança artística, patrimonial e religiosa da própria Ilha no seu espaço atlântico, era objetivo das Conferências explicitar algumas mediações criativas, museológicas ou apenas didáticas, capazes de iluminar a compreensão e de contribuir para desvelar as múltiplas dimensões e valores que estruturam o património cultural, designadamente pela iniciação ou pela interpretação da obra de arte de cariz religioso.

Neste sentido, estruturando o programa das *Conferências do Museu 2019* com uma grande variedade de temas com enfoque regional, também em conexão com experiências semelhantes, mas oriundas de paisagens culturais diferentes, visávamos alargar o olhar a novos horizontes de compreensão da importância do património e da arte no contexto pedagógico proposto para os Bens Culturais da Igreja, tanto na sua abrangência como na multiformidade das suas diferentes narrativas.

Resta-nos expressar aqui um renovado agradecimento a todos os autores que deram o seu contributo para esta publicação, assim como aos membros da Comissão Científica das Conferências: os textos reunidos nesta Revista são o melhor testemunho de que os objetivos deste projeto e deste tema foram alcançados, cabendo-nos deixar aos leitores a eventual revisitação desta proposta de comunicação, por onde passam conhecimentos e experiências diversas, os quais, tomando por tema nuclear a obra de arte de natureza religiosa, procuram, na sua abordagem omnicomprensiva, não prescindir da contemporaneidade da linguagem e das suas (novas) mediações.

João Henrique Silva

(Diretor do Museu de Arte Sacra do Funchal)

# INTRODUÇÃO

Associado à iniciativa *As Conferências do Museu* de Arte Sacra do Funchal, o número 03 da publicação *MASF Journal* adota o tema da 3ª edição das Conferências do Museu, divulgando particularmente os assuntos desenvolvidos nas comunicações apresentadas por conferencistas que participaram na iniciativa. Assim, a 8 e 9 de março de 2019 As Conferências do Museu desenvolveram-se em torno do tema ***Mediações: Aprendizagem, Património e Museus*** sendo este o tema do **número 03 do MASF Journal**. No cerne das reflexões estão as questões de natureza educativa, em torno da arte e do património. A escolha do tema nasceu da aproximação à celebração dos 25 anos da fundação do Serviço Educativo no Museu de Arte Sacra do Funchal (MASF), uma instituição que tem desenvolvido programas de estudo e comunicação das suas coleções junto dos vários públicos. Partindo do caso concreto do património cultural de natureza religiosa, pretendeu-se criar um espaço alargado de partilha, debate e reflexão, centrado na multiplicidade e transversalidade dos conceitos, definições, âmbitos e espaços da educação patrimonial de hoje.

Com vista à qualidade e adequação do texto ao tema a que se destina cada edição, as contribuições submetidas à publicação na revista, foram sujeitas a uma avaliação pela Comissão Científica, através do sistema de revisão cega por pares (*peer-review*).

A estrutura adotada continuou a reservar um espaço destinado ao **convite à participação (*call for papers*)**, que esteve aberto a todos aqueles que de alguma forma pretendessem publicar sobre o tema desta edição.

Além dos temas específicos afetos à edição de cada ano das *Conferências*, pela primeira vez, o *MASF Journal* abre espaço na chamada para trabalhos, para contributos que digam respeito a estudos e investigação diretamente relacionados com as coleções do MASF e que acrescentem novidade e novas perspetivas sobre o estudo e conhecimento das mesmas.

Além dos textos, uma entrevista e uma reportagem fotográfica sobre o evento *As Conferências do Museu* continuam, à semelhança do que aconteceu no primeiro número, a integrar a estrutura desta publicação.

## ESTRUTURA E CONTEÚDOS NO MASF JOURNAL Nº03:

Na **primeira secção** dedicada à entrevista, o MASF desafiou o **Padre Estevão Fernandes**, atualmente em Roma a fazer uma *Licenza Canonica* em Bens Culturais da Igreja na Pontifícia Universidade Gregoriana. O entrevistado, sacerdote da Diocese do Funchal, foi desafiado a refletir e partilhar algum do seu pensamento sobre Bens Culturais da Igreja, sobre o lugar que estes ocupam e sobre a sua preponderância no contexto cultural contemporâneo. No decurso da entrevista, Pe. Estevão reflete sobre diversas questões em torno deste tema não só a partir de perspetiva global, mas também, numa perspetiva local, em que se refere particularmente à Diocese do Funchal.

A **Segunda secção** reúne textos resultantes dos conteúdos abordados nas comunicações pelos diversos conferencistas participantes na 3ª edição d'As *Conferências do Museu*. Os artigos produzidos pelos diversos conferencistas são organizados de acordo com sequência alfabética dos apelidos.

**Margarida Camacho** apresenta o caso do Serviço de Mediação Cultural do Palácio de São Lourenço no Funchal, realçando o intuito com que surge: o de aproximar os públicos, principalmente os locais, deste Monumento Nacional cuja área de Residência Oficial do representante da República Portuguesa funciona também, desde 1995, com áreas visitáveis que foram musealizadas para esse efeito.

Partindo dos conceitos “acessibilidade cultural” e “democracia cultural”, e no contexto do surgimento da Associação Acesso Cultura, a autora expõe a evolução do Serviço Educativo deste Monumento, a acompanhar aquelas que foram sendo as exigências de acessibilidade física, intelectual e social dos espaços culturais.

**Luís Nobre** relata descritivamente algum do seu trabalho enquanto artista que tem desenvolvido projetos de intervenção em diversos espaços museológicos. O artista procura mostrar



a forma como tem explorado, através principalmente do desenho, a construção de diálogos entre o seu trabalho e os espaços e objetos museais, sejam eles de arte antiga, arte sacra ou de outra natureza.

**Hélder Spínola** aborda no seu artigo a importância do conhecimento, atitude e comportamento para a Literacia do Património Natural.

Defende que para a eficácia da educação ambiental, conjugando a ação humana e o equilíbrio natural, é imprescindível o investimento no envolvimento da comunidade nos processos de utilização dos recursos naturais.

**Francisco Aznar Vallejo** enceta argumentando a relevância ímpar do património cultural na estruturação do sistema de símbolos e valores que moldam e definem uma sociedade e os seus indivíduos. O autor defende assim que, para compreender a relevância e o alcance do património é importante ter presentes o território e sociedade em que se insere e com quem precisa ser conjugado e articulado, com sentido prático e produtivo. Para isto, entende ser necessário romper com a prática tradicional de entender o património apenas de forma diletante ou contemplativa, para passar a convertê-lo num recurso ativo na produção de benefícios da sociedade em que se insere. Esta tarefa de gestão do património, revela-se complexa e exigente de coerência. Daqui decorre a necessidade de rever e consolidar a formação para a gestão do património cultural. São estas as preocupações que levam ao desenho do Mestrado em “Uso y Gestión del Patrimonio Cultural” na Universidade de La Laguna, cujo plano, objetivos, organização e módulos Vallejo apresenta e explica, justificando e fundamentando.

Na **segunda secção**, dedicada aos contributos submetidos através do convite à participação, contamos, neste número, com a participação em formato artigo, de duas autoras dos campos de estudo da história da arte e das ciências da arte. Ainda neste âmbito contamos com o relato de uma atividade desenvolvida no âmbito das Conferências do Museu 2019.

**Isabel Correia e Margarida Vasconcelos** apresentam um estudo inicial à pintura *Visitação*, que integra a coleção do Museu de Arte Sacra do Funchal e que é proveniente da Capela do antigo hospital da Misericórdia do Funchal. O estudo decorre do programa de estágio que as autoras, enquanto estudantes do ensino superior, realizaram durante o período de um mês neste Museu. As autoras começam por explorar os contextos de proveniência da peça, para passar depois à análise estilística e iconográfica da obra, colocando em discussão a atribuição da autoria da mesma ao artista português Vieira Lusitano. Por fim realizam o estudo técnico e material da pintura e um diagnóstico do seu estado de conservação.

**Liliana Melim** sistematiza e analisa a atividade desenvolvida no âmbito da 3ª edição das Conferências do Museu e que resultou em duas principais ações: *Exposição de pósteres* envolvendo as instituições ligadas ao património cultural e natural da Região Autónoma da Madeira e o *Laboratório Narrativas Encadeadas: Planificação de atividades educativas com o património cultural e natural do Arquipélago da Madeira*.

A primeira ação desafiou as referidas instituições a partilhar aquela que é a sua missão e ação no âmbito da educação patrimonial, através da criação de um póster que foi exposto no espaço onde decorreram as conferências, formando uma pequena exposição, que possibilitou aos participantes das Conferências do Museu 2019 tomarem contato com o trabalho e dinâmica dos Serviços educativos afetos às mais diversas instituições que têm por missão cuidar do nosso património cultural e natural.

A apresentação de todo este material na exposição serviu de ponto de partida para o desenvolvimento da segunda ação supracitada, o *Laboratório Narrativas Encadeadas: Planificação de atividades educativas com o património cultural e natural do*

*Arquipélago da Madeira*, uma componente prática da formação, também integrada nas Conferências do Museu 2019 que se destinou especialmente a profissionais da educação participantes.

**Na última secção** do *MASF Journal*, a equipa editorial divulga a fotorreportagem referente à segunda edição d'As *Conferências do Museu*, decorrida em 2019. Um registo para memória futura, do programa incluindo a exposição de pósteres, a apresentação do nº2 do *MASF Journal* e das comunicações decorridas nos dias 8 e 9 de 2019.

Carolina Rodrigues Ferreira e Elisa Vasconcelos Freitas





# Entrevista com Padre António Estêvão Fernandes

## NOTA BIOGRÁFICA

36 anos - Naturalidade: Campanário

2008. Mestrado Integrado em Teologia, na UCP Lisboa, na área da Teologia Bíblica

2008. Ordenação Presbiteral e nomeação para Administrador Paroquial da Visitação, Funchal.

2010. Secretário Episcopal e Diretor Espiritual do Seminário

2014. Membro da Comissão Organizadora do Congresso dos 500 Anos : “Diocese do Funchal - A primeira Diocese Global”.

2017 - ... até hoje: Frequenta Licença Canonica em Bens Culturais da Igreja na Pontificia Universidade Gregoriana, em Roma.

## **Como situa os Museus de Arte Sacra no contexto das orientações gerais para os chamados “bens culturais da Igreja”? No contexto da cultura contemporânea, qual a relevância dessas orientações?**

Os bens culturais da Igreja são uma realidade complexa e variada. Hoje, quando abordado, ainda é um conceito “subcompreendido”, pois muitas vezes é identificado somente com os bens arquitetónicos, e as obras de arte sacra da Igreja. Importa aludir que quando nos referimos aos Bens Culturais da Igreja, na senda do trabalho da Pontifícia Comissão para os Bens Culturais da Igreja, criada pelo Papa João Paulo II nos anos noventa, estamos a falar de todo um complexo de bens nascidos da e para a missão da Igreja nas várias épocas, culturas e lugares por onde essa mesma missão se desenvolveu. Assim, referir “bens culturais da Igreja” é envolver um conjunto de património artístico que engloba arquitetura, pintura, escultura, mosaicos, e as bibliotecas e arquivos com os seus livros e documentos históricos, mas também obras literárias, teatrais e cinematográficas que transportam em si valor artístico e eclesial. Importa ainda não esquecer todas as formas de piedade popular, as representações teatrais, realizadas sobretudo por ocasião da Quaresma e Semana Santa e as tradições rituais próprias de cada cultura, lugar e tempo. Como podemos constatar, o conceito de “bens culturais da Igreja” é muito abrangente, e nele, os museus de arte sacra referem-se, ainda que num contexto mais imediato, a uma parte desses bens, o chamado património artístico – a pintura, escultura, a ourivesaria, entre outros bens móveis.

Neste contexto os museus de arte sacra têm como missão primeira a preservação desses bens, tornando-os depois num património vivo, que testemunha o devir da Igreja ao longo dos tempos, na relação estreita com os seus génios, estilos artísticos e correntes culturais. Tornam-se assim polos geradores de vínculos, fundamentais para compreender os seus espólios e, nessa dinâmica, desenvolvem ambientes pedagógicos para o diálogo com a cultura contemporânea. Pedagógico não só porque guardam e cuidam de uma memória

tão necessária para compreender as raízes do mundo à nossa volta, mas porque testemunham o modo como a Igreja soube e pode dialogar com o nosso tempo, e com a sua produção artística.

Hoje, no âmbito dos bens culturais da Igreja, a atividade dos museus de arte sacra implica um conjunto de tarefas que têm muito de missão e de desafios, tais como: a preservação da memória; a formação, que implica não só aqueles que trabalham no museu mas todos aqueles que com ele se relacionam, seja no âmbito eclesial, seja no âmbito social; e a ligação ao território e às suas instituições e ambientes eclesiais, culturais e educativos. Mas, ao mesmo tempo, essa ação enfrenta o desafio de converter o museu numa plataforma de diálogo da Igreja com a cultura contemporânea, na medida em que no ADN das coleções dos museus de arte sacra, está o testemunho vivo do diálogo da Igreja com os meios culturais de cada tempo. E este é, a meu ver, um dos grandes contributos que os museus de arte sacra podem oferecer à Igreja. Quando se fala de valorização dos bens culturais da Igreja, fala-se de um dinamismo que vai muito mais além do que o simples restauro ou conservação. Trata-se fazer de uma coleção um polo de sentido, inspiradora da busca de sentido para o tempo atual, como o foi, ainda que de maneira diversa, para o tempo em que foi criada.

### **Mas o reconhecimento dessa importância varia muito de diocese para diocese, não é verdade?**

Sim, até porque nem todas as dioceses têm um museu de arte sacra propriamente dito. Muitas vezes são espaços colocados nas dependências das catedrais diocesanas, com um ambiente que mais se assemelha a um repositório de objetos litúrgicos, que não estão propriamente expostos, referenciados e contextualizados. Depois, porque não se efetivou ainda uma dimensão fundamental dos museus eclesiais, já acentuada desde 2001, que é a sua dimensão pastoral. Temos de ser sinceros e assumir que quer o património das paróquias, quer os museus eclesiais com as suas coleções são muitas

vezes olhados mais como problema e preocupação – habitualmente de carácter financeiro – do que como oportunidade pastoral, quer no âmbito da cultura, quer da catequese e até do turismo.

Um exemplo claro da subvalorização pastoral dos museus eclesiais pode ser visto através da participação dos seus responsáveis na elaboração dos planos pastorais das dioceses ou até, na participação nos conselhos diocesanos de pastoral. Não quero com isto dizer que estas instituições deveriam ser obrigatoriamente consultadas ou ter assento nestas estruturas, mas também me parece muito pouco convocá-los, apenas, para alguma efeméride pastoral mais assinalável.

Estou convicto de que, com a diversidade das coleções dos museus diocesanos, não será difícil, a par da identidade e propostas próprias destas instituições, estabelecer uma colaboração pastoral efetiva, quer no âmbito do plano pastoral, quer até no âmbito da ligação às paróquias que são, muitas vezes, as proprietárias das obras que estão nos museus.

### **Como vê e quais são os grandes desafios, do ponto de vista da gestão (financeira, e artística), que se colocam aos museus de arte sacra?**

Para além do desafio, enunciado anteriormente, de assumir os museus de arte sacra como espaços relevantes para a pastoral diocesana, reconheço que os desafios, relacionados com a gestão financeira e artística, colocados aos museus no seu geral são enormes. Em primeiro lugar, porque serão apenas dois ou três os museus autossustentáveis no mundo. Aliás, a aposta financeira na cultura é sempre um campo problemático em várias nações. Neste contexto, é normal que os museus de arte sacra sofram do mesmo problema. Mas, a partir dos contactos e de realidades com que me vou encontrando, uma coisa parece-me certa: estes museus muito dificilmente serão autossustentáveis, o que não dispensa o esforço necessário e constante para, quanto possível, se procurar atingir essa meta. Assim, é importante olhá-los como prioridade e oportunidade para o nosso



tempo e, a partir daí, assumi-los como lugares onde se deve investir, não no sentido puro de aritmética financeira, mas sobretudo percebendo que estamos a investir em cultura e que isso significa investir na humanidade e no seu futuro.

Por outro lado, a gestão artística das coleções de arte sacra não é fácil. Quer porque implicam da parte da conservação um acompanhamento constante, quer porque muitas vezes são obras solicitadas, seja a nível eclesial, seja a nível cultural. Nós somos responsáveis por cuidar deste património para que ele chegue às próximas gerações. Temos esse dever e, mais que dever, obrigação. E, por isso, tudo aquilo que coloque em causa a integridade das obras de arte é uma linha vermelha que nunca deve ser pisada, quer eclesialmente, quer culturalmente. Não podemos ser desintegradores da memória daqueles que ainda não nasceram. Tendo em conta este pressuposto, também me parece importante que quanto possível, também se consiga vivificar o património que é custodiado nos museus de arte sacra, seja no seu âmbito litúrgico, seja no âmbito até da piedade popular, mas sem nunca se colocar em causa a conservação e a segurança das obras. Isto seria o desejável, contudo sabemos que isto implica meios financeiros, pessoais e materiais, nem sempre fáceis de alcançar.

### **Considera que a arte cristã pode ser relevante – ou seja, significativa ou dadora de sentido (mesmo hoje, ou sobretudo hoje) – em termos de evangelização?**

Não tenho qualquer dúvida em relação a isso. Está no código genético da arte cristã essa dimensão significativa. Se pensarmos no berço da arte cristã que foram as catacumbas, se lembrarmos a arte medieval sobretudo com as iluminuras e miniaturas nos grandes manuscritos, se passarmos até pelo barroco, sem tocar no mais que conhecido código artístico renascentista com todo um intricado de símbolos e significados que tinham as suas raízes na cultura clássica, sem sombra de dúvida que a arte cristã é um espaço privilegiado de significação e de sentido para o tempo atual, até no âmbito da evangelização. Penso que, a nível eclesial, perdemos esse nexo entre

arte e evangelização com a crise modernista e, desde aí, ainda não fomos capazes de nos encontrar totalmente com esta dimensão fundamental da arte. Pensemos, por exemplo, em percentagens. De entre os visitantes dos museus de arte sacra, qual é a percentagem de turistas e qual é a percentagem de conterrâneos, sem contar com as atividades educativas? Basta olharmos para este aspeto para nos apercebermos que grande parte do nosso património está mais afeto à *fruição turística* do que à fruição evangelizadora, assumida pela própria comunidade onde se situa o museu. Por outro lado, isto também levanta a questão da capacidade de entrarmos e fazer entrar aqueles que nos estão confiados num diálogo mais significativo com as nossas obras de arte. Tomo até o meu exemplo pessoal. Durante os cinco anos de curso de teologia, não me foi proporcionado nenhum curso relativo a arte cristã ou património. Os primeiros e mais exigentes contactos que tive com esta realidade foram durante a minha vida pastoral na diocese, o que me trouxe até à formação onde me encontro hoje, formação essa que é já o reconhecimento oficial das universidades pontifícias que a arte cristã pode marcar a diferença em termos de evangelização e cultura. E quando se fala de evangelização, não estamos a nos referir a uma catequização pura e dura. Tem muito mais a ver com uma expressão que sempre me tocou muito nos estudos narrativos do texto bíblico, da autoria de Maria Gabriela Llansol que, referindo-se à narrativa, dizia ser necessário “acender o texto”. Este é um dos nossos grandes desafios em relação à arte cristã, acender-lhe o sentido, mais vasto, mais profundo, até porque cada obra pode se tornar, para aquele que se lhe está diante, a epifania do rosto de Deus, passo a expressão.

**Essa “pedagogia do sentido”, sem ser uma catequização explícita, pode também dar orientações importantes para os serviços educativos dos museus?**

Sem dúvida alguma. Não se deve confundir serviços educativos de um museu de arte sacra com catequese, tal como não se deve confundir catequese com as aulas de Educação Moral Religiosa Católica. E

devemos até tentar fugir da expressão, às vezes fácil demais, que diz que a arte sacra cristã nasceu com o objetivo de catequizar. Embora alguma arte cristã possa ter nascido para isso, não podemos reduzir todo o complexo artístico cristão a essa dinâmica, até porque muita dela nasceu como dom e oferta grata a Deus. Uma vez, na primeira aula de um curso seminarial na universidade católica em Lisboa, o professor entregou-nos um texto do pedagogo e filósofo brasileiro Rubem Alves. O texto chamava-se *A arte de criar fome*, e falava da missão do educador e até do ensino em geral. Deveria ser todo um percurso de geração de fome, condição fundamental do caminho. Ainda hoje, passados quase 20 anos, nunca mais me esqueci desse texto e da perspectiva com que aquele meu professor olhava para a sua missão. Isto para dizer, que é assim que considero que devem ser encarados os serviços educativos dos museus. Iniciando uma leitura ‘evidente’ da coleção, um percurso propedêutico que inicia aos símbolos e a todo o ambiente da coleção, ou seja, à dimensão “cromossomática” que deu origem àquelas obras, desvelando as dimensões de uma memória humana, eclesial e cultural que ali está presente, deverá, ao mesmo tempo, iniciar a uma pedagogia de leitura de sentido antropológico e teológico do nosso tempo tão povoado de imagens epidérmicas.

### **Que desafios os bens culturais em geral e os museus de arte sacra em particular, colocam às dioceses portuguesas, e à nossa em especial?**

Desde que o Secretariado Nacional dos Bens Culturais da Igreja foi criado que se têm vindo a desenvolver um conjunto de iniciativas, reconhecidas até internacionalmente, que têm conduzido a uma maior consciencialização sobre a importância da inventariação, conservação e valorização dos bens culturais da Igreja. Tal como em muitas outras dioceses do mundo, também no nosso país um dos grandes desafios que se colocam aos bens culturais e aos museus de arte sacra em particular é o de assumir estes bens e estes espaços

como lugares propícios do diálogo da Igreja com o mundo contemporâneo e como instrumentos fundamentais da missão eclesial. Claro que a inventariação e conservação dos bens serão sempre tarefas urgentes, mas a estas é preciso que se junte uma valorização com mais ousadia, na fidelidade às raízes dos bens culturais da Igreja, mas sem deixar de ousar novas iniciativas, capazes não só de reavivar a dimensão da memória que o cristianismo hoje, de modo particular, propõe à Europa e ao mundo mas, ao mesmo tempo, de gerar dinâmismos de criatividade e sinergias com a cultura contemporânea e com a sua dimensão artística.

Na nossa Diocese o trabalho que é feito no Museu de Arte Sacra, não só na conservação e nos serviços educativos, mas também, mais recentemente, na produção de conhecimento através das Conferências do Museu, é um trabalho no âmbito dos Bens Culturais e dos Museus de Arte Sacra que a todos orgulha. No entanto, um dos desafios urgentes e mais do que atual que se coloca à nossa Diocese nesta área é o desafio da formação para todos os agentes diretamente envolvidos com os bens culturais da Igreja. É, no meu ponto de vista, o desafio mais premente. Penso que, a partir dele, poder-se-ão abrir outras perspetivas no sentido da valorização real e efetiva dos bens culturais. Neste sentido, o Museu de Arte Sacra do Funchal poderá se tornar uma plataforma fundamental de cooperação com as paróquias, seja no âmbito formativo seja na criação de sinergias que promovam localmente e turisticamente a valorização do património que esta igreja local foi capaz de gerar em 500 anos de história.

A construção de sinergias entre a comunidade diocesana e a sociedade civil é outro dos desafios cada vez mais evidente e que, neste âmbito, se torna fundamental não só pela dimensão do património artístico cristão na totalidade do património regional mas também, pela necessária valorização poliédrica, na medida em que se torna impossível compreender a arte cristã sem uma semântica religiosa e eclesial. Sem estas, uma abordagem meramente estilística deixaria essa mesma arte órfã do seu contexto originário e significativo.

## **Que ligações vê como possíveis e enriquecedoras, entre a arte sacra a arte contemporânea?**

Um dos handicaps dos museus de arte sacra ou, se quisermos, dos museus diocesanos é o facto de quase todas as suas coleções terminarem com o barroco ou, quanto muito, com o neoclássico. Se fizemos uma pesquisa por museus de arte sacra ou museus diocesanos, que contemplem nas suas coleções arte cristã contemporânea, ou que integrem, como parte dos seus planos anuais, parcerias com instituições de arte contemporânea, não sei se encontraremos muito mais que uma dezena. Anima-me muito saber que das primeiras grandes obras de arte contemporânea que habitaram os espaços do Vaticano foram a *Ressurreição* que está na Aula Paulo VI, se calhar, a obra de arte mais vista depois da Capela Sistina, e a Pia Batismal feita para a Capela Sistina, e que está agora no museu da sacristia de São Pedro, ambas de Pericle Fazzini. Anima-me porque são obras que falam de vida nova, de um novo começo, de promessa. E precisamos tanto disto na nossa relação com a arte contemporânea, e de lhe dar espaço nos museus de arte cristã.

Claro que uma das dificuldades destas ligações se relaciona com a ideia de que, depois do iluminismo, a arte quase no seu geral começa a ser permeada de um certo secularismo. Mas, ainda assim, a Igreja não pode deixar de se confrontar com ela, em nome da sua missão no mundo. Vem-me à mente a expressão de Cézanne, retomada mais tarde por Paulo VI, que equipara o trabalho do artista à missão do sacerdócio, ou seja, de mediadores de sentido para a humanidade. Assim, enquanto serviço à humanidade e ao mundo, a arte sacra e alguma arte contemporânea não podem deixar de se encontrar e de se confrontarem. É, por isso, fundamental um contínuo diálogo sincero, mutuamente enriquecedor. Elegia a categoria “encontro” como projeto fundamental na relação entre a arte cristã e a arte contemporânea e os seus artistas.



De realçar, aliás, que existem algumas experiências interessantes que já acontecem neste âmbito, mundo fora, como por exemplo na Alemanha, com laboratórios chamados “Pedagogia Eclesiástica”, nos quais se iniciam os jovens artistas à *perceção* das obras de arte cristã – Arquitetura, escultura, pintura, ourivesaria e paramentaria – não como elementos de museu, mas como elementos vivos da vida de uma comunidade, inspirando assim, novas criações artísticas contemporâneas. Ainda recentemente presenciei, nos Museus do Vaticano, a uma parceria entre estes e a Academia de Belas Artes de Itália, em que os alunos, a partir da escultura clássica, aprimoravam a sua capacidade de desenho, estando todo o semestre, na aula de desenho, sentados diante da obra de arte que desenhavam criativamente, com o Museu a funcionar normalmente. Estas são iniciativas mais direcionadas para o aspeto criativo.

Em relação à arte contemporânea, as ligações são possíveis não tanto a partir da imediata clarividência de leitura da obra contemporânea, como acontece com muitas das obras das coleções dos museus de arte sacra, mas sobretudo a partir da categoria “biografia”, aqui no sentido lato, e que está por detrás da criação da obra de arte contemporânea. A gramática da arte contemporânea é mais exigente, pede-nos humildade, estudo e diálogo – mas não estavam estas categorias presentes ao longo da história da arte cristã?

**É possível criar nos museus de arte sacra estratégias de trabalho que sejam basicamente uma abertura para o diálogo com o contemporâneo, uma sinergia de sentido que, sem apologéticas fáceis, procura despertar o olhar e a mente para um sentido maior, para uma transfiguração do visível e para lá do visível, e portanto, para uma abertura contemporânea à dimensão religiosa?**

Esse é um dinamismo fundamental para o futuro dos museus de arte sacra. A sua missão não se pode reduzir apenas à descodificação das criações artísticas do passado, mas, de certa forma, a partir desse substrato, capacitar-se como uma plataforma de encontro com o mundo

contemporâneo, na qual se abre a cultura do imediato à dimensão do eterno. Por isso, mais do que pensar um museu de arte sacra enquanto “oficina” que procede à reparação de um certo sentido ou conteúdo perdido, importa sobretudo um museu de arte sacra “laboratório”, ou seja, espaço onde continuamente, se renovam experiências de resposta às incógnitas do presente. A criação artística é por si só transcendente, vai além do imediato, abre o humano para além da matéria e, neste aspeto, os museus de arte sacra poderão dar um enorme contributo ao mundo e à cultura contemporânea, ajudando-a a ultrapassar uma certa “estrutura binária”, que advém do mundo tecnológico em que estamos envolvidos que impõe o imediato e que, de certa forma, esvazia a dimensão humana da capacidade de reler a sua própria narrativa de sentido.

**Então, numa perspetiva de futuro, passará muito por aí – pela construção dessas “pontes” no terreno mesmo das artes – passará por tais mediações a própria capacidade de “sobrevivência” e de “pertinência” dos museus de arte sacra?**

Todo o espólio de um museu de arte sacra é um testemunho fundamental de pontes. Cada pintura, cada escultura, cada objeto sagrado usado na liturgia testemunham uma inumerável quantidade de pontes estabelecidas entre os seres humanos e entre o ser humano e Deus. Por isso, numa perspetiva de futuro, os museus de arte sacra que ignorem este seu código genético de estabelecer ligações acabarão por não subsistir. A arte cristã foi, em cada tempo, o resultado do diálogo com o seu contexto. Todas as coleções de arte cristã que a Igreja possui são expressão clara disso em cada época. Abrir cada vez mais os museus de arte sacra a essa mediação é uma expressão de fidelidade à sua identidade e à sua missão, não só como espaço de encontro e de diálogo, mas também como espaço de inspiração artística, de questionamento e de oferta de sentido à cultura contemporânea. E neste âmbito, os Museus Diocesanos podem oferecer um grande contributo à Igreja e ao mundo.

# ARTIGOS

## CONFERENCISTAS



Camacho, Margarida Ornelas

*Acessibilidade e mediação cultural: Reflexões em torno do Palácio de São Lourenço*  
*Accessibility and cultural mediation: reflections on Palácio de São Lourenço*

Nobre, Luís

*A Arte Contemporânea em Contextos Museológicos. Um Território Para Explorar*  
*Contemporary Art In Museological Contexts. A Territory to Explore*

Spínola, Hélder

*Literacia do Património Natural*  
*Natural Heritage Literacy*

Vallejo, Francisco Aznar

*La dimensión formativa en la socialización del Patrimonio*  
*The training dimension in the socialization of cultural Heritage*

# ACESSIBILIDADE E MEDIAÇÃO CULTURAL: REFLEXÕES EM TORNO DO PALÁCIO DE SÃO LOURENÇO

## ACCESSIBILITY AND CULTURAL MEDIATION: REFLECTIONS ON PALÁCIO DE SÃO LOURENÇO



Margarida Ornelas Camacho

margaridacamacho.palacio@gmail.com

Palácio de São Lourenço

### NOTA BIOGRÁFICA

Licenciada em História pela Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa, lecionou História e foi Técnica Superior na Direção Regional dos Assuntos Culturais.

Em 1993 integrou o Gabinete do Ministro da República. Como responsável pelos Serviços da Área Museológica do Palácio de São Lourenço, coordenou o programa de conservação e restauro do património móvel do andar nobre deste Monumento entre 1993 e 1997.

Foi responsável pela definição do percurso visitável e criação do Serviço Educativo na abertura do Palácio ao público em 1995, pelo posterior alargamento do âmbito dos Serviços da Área Museológica e acompanhamento das questões de conservação do património móvel e imóvel. É autora de textos institucionais, de investigação e de divulgação sobre o Palácio de São Lourenço e temáticas relacionadas.

Participou na formação do “GAM – Grupo para a Acessibilidade nos Museus” em 2004, da Acesso Cultura em 2013 e da Associação Casas com Histórias em 2017.

## RESUMO

O Palácio de São Lourenço, compatibilizando a sua condição de residência oficial com a prática museológica, refletiu a evolução dos serviços educativos nas últimas décadas, marcada pelo debate sobre o papel social das instituições culturais. Face aos conceitos vigentes de “democratização do acesso à cultura” e “criação de novos públicos”, emergem os conceitos de “democracia cultural” e “acessibilidade cultural”, cabendo às instituições e aos profissionais um papel de mediação centrado na participação dos públicos e aprendizagem recíproca.

O então designado “serviço educativo” do Palácio de São Lourenço estrutura-se formalmente em 1995, abrindo à comunidade este Monumento Nacional anteriormente inacessível. Integrou em 2004 o GAM - Grupo para a Acessibilidade nos Museus e a Acesso Cultura em 2013. O envolvimento crescente dos públicos implicou a sua transformação gradual num serviço de mediação cultural que procura assegurar a participação da comunidade na construção de uma identidade comum.

**PALAVRAS-CHAVE:** Acessibilidade; Mediação; Aprendizagens; Participação.

## ABSTRACT

Palácio de São Lourenço, coordinating its function as an official residence with a museum practice, has reflected on the evolution of educational services in the last decades, which have been marked by the debate over the social role of cultural institutions. From present-day concepts such as “democratization of the access to culture” and “reaching new audience”, emerge new ones, namely “cultural democracy” and “cultural accessibility”; and it is up to these institutions to play the role of mediators, a role centered around the participation of the public and reciprocal learning.

The Educational Service of Palácio de São Lourenço was formally established in 1995, opening to the community this national monument, which to the date was inaccessible. It has integrated the GAM - Grupo para a Acessibilidade nos Museus (Museums Accessibility Group) in 2004 and Acesso Cultura (Access Culture) in 2013. The growing involvement of the public has gradually transformed it into a service of cultural mediation that seeks to ensure the participation of the community in the development of a common identity.

**KEYWORDS:** Accessibility; Mediation; Learnings; Participation.



## INTRODUÇÃO

O Palácio de São Lourenço (Imagem 1) - cujos primórdios remetem para a residência do segundo Capitão Donatário do Funchal em finais do séc. XV e posteriormente fortificada - data do último quartel do séc. XVIII, sendo classificado como Monumento Nacional em 1943<sup>1</sup>. Nele estão sedeadas desde o séc. XIX duas instituições, civil e militar, ficando o andar nobre ou “Palácio” e seus jardins adstritos à residência oficial dos governadores civis, após 1976, à residência oficial do Ministro da República e, desde 2006, do Representante da República para a Região Autónoma da Madeira.

<sup>1</sup> Decreto-Lei 32.973, de 18 de agosto de 1943.

Aqui funcionou o primeiro museu da Madeira, o Gabinete de História Natural, iniciado em abril de 1850, ao qual o governador José Silvestre Ribeiro afetou várias dependências, dissolvido após a sua cessação de funções em 1852.

Depois da reabilitação do património móvel e imóvel iniciada em 1992, parcialmente concluída em 1995, a área civil do Palácio de São Lourenço é aberta ao público a 22 de setembro desse ano, disponibilizando à comunidade a fruição deste monumento anteriormente inacessível. Embora sem expressão orgânica, não se constituindo formalmente como museu, dispôs desde logo de um serviço educativo alinhado com a prática museológica que se generalizava no País e nesta Região, mantendo-se integrado nos serviços do Gabinete do Ministro da República, e após 2006, do Representante da República.

O relacionamento com os públicos, inicialmente focado nos visitantes estrangeiros e na vertente educativa, essencialmente dirigida à faixa etária infantojuvenil, alargou-se a outros segmentos da população, tornando-se centrais as questões da acessibilidade cultural. A partir de 2004 o Palácio de São Lourenço integra o GAM - Grupo



Imagem 1\_Palácio de São Lourenço,  
alçados sul e leste.

© ArquivoAMPSL, Roberto Pereira | 2008

para a Acessibilidade nos Museus e, em 2013, a Acesso Cultura. O envolvimento crescente da comunidade, bem como a promoção da qualidade das visitas autónomas implicaram a emergência de um serviço de mediação cultural aberto à experimentação e ao estabelecimento de parcerias informais, condicionado à singular tipologia da designada Área Museológica do Palácio de São Lourenço.

## METODOLOGIA

A elaboração deste artigo fundamentou-se na pesquisa bibliográfica geral e específica, bem como na pesquisa iconográfica e documental, essencialmente a consultada no Arquivo da Área Museológica do Palácio de São Lourenço (AAMP SL), integrado no Gabinete do Representante da República para a Região Autónoma da Madeira. A documentação ilustra cabalmente a evolução do serviço educativo inicial para um serviço de mediação cultural no caso em estudo, processo que este artigo pretende contribuir para elucidar.

## DOS ANOS 1990 AO SÉC. XXI: SURGIMENTO DOS SERVIÇOS EDUCATIVOS NA RAM NO CONTEXTO NACIONAL

### Serviços Educativos em Portugal

Referindo a sua vivência em Paris a partir de 1958, a pintora Lourdes Castro afirma que “em Paris também não havia nada, ainda não se fazia nada nos museus. Os museus eram mesmo museus” (Pacheco, 2019, p. 28), traduzindo uma perceção destas instituições que nas décadas seguintes se foi, gradualmente, alterando.

Em Portugal, independentemente do intenso debate teórico em torno do papel e da função social e educativa dos museus, estes eram até à década de 90 do séc. XX percecionados por um público selecionado como espaços estáticos, onde era conservado e estudado o acervo, perante o qual a atitude do visitante era sobretudo reverente e contemplativa. O público era, com poucas exceções, sujeito passivo de uma realidade museológica cuja interpretação lhe era facultada através de uma narrativa única, transmitida em visitas autónomas, guiadas ou em suportes diversos, sem prejuízo de experiências pioneiras desde os anos 50, com destaque para o Serviço de Educação do Museu Nacional de Arte Antiga, o primeiro Seminário sobre “Museus e Educação” da Associação Portuguesa de Museologia em 1967 e o Serviço Educativo do Museu da Fundação Calouste Gulbenkian em 1970 (Moura, 2011, pp. 3-4).

As críticas ao sector museológico, desde o início dos anos 70, salientavam a sua fraca abertura ao exterior, questionando a “relação dos museus com as comunidades” e o “exercício da sua função social” (Gomes & Lourenço, 2009, p. 15). Mais tarde, este questionamento extravasaria dos museus para outros espaços culturais.

Apesar do investimento no sector cultural nos anos 80 e 90, a “construção, requalificação e apetrechamento dos espaços culturais não gerou automaticamente um alargamento social dos públicos” (Gomes & Lourenço, 2009, p. 13) tradutora de uma efetiva “democratização cultural”, desígnio assumido “nos programas políticos dos sucessivos governos constitucionais”, de que decorre a necessidade de “criação de novos públicos para a cultura” (Gomes & Lourenço, 2009, p. 11). A criação de serviços educativos nas instituições culturais seria determinante para estabelecer esse novo relacionamento com os públicos, sobretudo a partir do movimento de renovação patrimonial e museal que se verifica em Portugal nos anos 90 do séc. XX (Rocha-Trindade, 1993, pp. 72-73).



Nessa década de 90, o debate nacional em torno da criação de serviços educativos em museus, monumentos e outros espaços culturais já não questionava a pertinência da existência desses serviços, mas a dificuldade da sua implementação em muitas instituições que continuavam a privilegiar quase exclusivamente questões diretamente ligadas às suas coleções, bem como o modelo a adotar, estritamente ligado à especificidade da qualificação dos seus profissionais. Com efeito, contestava-se a “escolarização do museu” pelo recurso a docentes requisitados para esta função, como acontecia na maioria das instituições que já incorporavam serviços educativos, defendendo-se então a formação de um corpo de técnicos próprio e a oferta de formação superior adequada (Duarte, 1993, pp. 7-8).

A prática das décadas seguintes, os encontros de profissionais e a formação específica proporcionada por entidades como o Centro Nacional de Cultura, a Associação Portuguesa de Museologia (APOM), o Conselho Internacional dos Museus (ICOM), a Rede Portuguesa de Museus (RPM), entre outras, contribuiu para a qualificação dos técnicos dos serviços educativos de museus e monumentos, surgidos maioritariamente por decisão das tutelas, em alguns casos, como um corpo quase estranho ou secundarizado no funcionamento da instituição. Por vários fatores, entre os quais a carência de técnicos superiores na maioria destas instituições, essa compartimentação esbate-se gradualmente, levando a um maior envolvimento e coesão das equipas. Em finais da década de 90, 59% dos museus portugueses referia possuir serviços educativos (Santos, 2000). Em 2000-2003, a existência desses serviços constata-se sobretudo em instituições da Administração Central – dois terços dos casos - e Regiões Autónomas - percentagens superiores a 50% - (Neves, 2005), e os seus técnicos desempenharão, crescentemente, um papel primordial, não apenas refletindo nas suas práticas o debate em torno da acessibilidade cultural integrada, mas sendo impulsionadores e participantes ativos desse debate em todo o país, incluindo as duas Regiões Autónomas.

## **Surgimento dos Serviços Educativos na Região Autónoma da Madeira**

Na Madeira, desde os anos 70 se realizou um trabalho pioneiro de acessibilidade cultural focado nas pessoas com necessidades especiais, através da Direção Regional de Educação Especial e Reabilitação e serviços que a antecederam e de projetos de Educação Artística, não envolvendo ainda o sector museológico.

Embora antes da existência de serviços educativos fosse já dada especial atenção ao público escolar nos museus da Região Autónoma da Madeira, cingindo-se ao acompanhamento pontual de visitas de estudo, a génese de serviços dos museus dirigidos especificamente a esse público foi a criação da Secção Didática do Museu Municipal do Funchal (atual Museu de História Natural) em 1990, que mantém ainda essa designação, a que se juntou a Secção Didática da Estação de Biologia Marinha do Funchal, inaugurada em 1999.

Antecedendo a criação de serviços educativos na Madeira, com esta designação e os objetivos mais abrangentes que lhes estão associados, realizou-se em 1994 uma ação de formação com Ana Duarte, reconhecida dinamizadora destes serviços e autora de “Educação Patrimonial” (1993), promovida pelo Museu de Arte Contemporânea da Direção Regional dos Assuntos Culturais (DRAC), no Forte de São Tiago.

No mesmo ano, surge o Serviço Educativo do Museu de Arte Sacra do Funchal, a que se segue em 1995 a formalização do Serviço Educativo do Palácio de São Lourenço e a criação dos Serviços Educativos do Museu Quinta das Cruzes (DRAC), Museu Henrique e Francisco Franco e Museu A Cidade do Açúcar (Câmara Municipal do Funchal) em 1996, generalizando-se nos anos seguintes estes serviços em museus e outras instituições culturais desta Região Autónoma.



## Evolução e situação atual

Presentemente, as instituições museológicas são ainda correntemente percecionadas como complementares ou parceiras na educação formal e não formal (Duarte, 1993; Campos, 2019), embora essa função educativa não esgote de forma alguma o seu papel social. Refletindo a importância dessa função das instituições culturais, os serviços educativos vão incorporando públicos muito diversos, aos quais procuram responder através de estratégias diferenciadas. Os públicos tornam-se sujeitos ativos e intervenientes que os novos serviços integram e a quem propõem, ao invés de imporem, chaves para a interpretação da realidade museológica.

O “*Serviço Educativo*” tradicional evolui para um “*Serviço de Mediação Cultural*” que se assume como facilitador da abordagem dessa realidade, aberto às expectativas de todos os públicos, incluindo aqueles para quem é essencial o tempo e o silêncio da contemplação individual, como o poeta João Miguel Fernandes Jorge (2002).

O panorama atual do sector é complexo, não apenas em Portugal, mas no plano internacional. As instituições procuram responder a novas exigências de acessibilidade física, intelectual e social e embora cientes de que o “para todos” é uma utopia, pretendem atingir o leque mais alargado possível de segmentos do público. Presentemente, coexistem na maioria dos museus visitas guiadas por “educadores”, visitas orientadas ou comentadas por “mediadores” e visitas autónomas cada vez mais suportadas nas novas tecnologias. Há experiências de serviços educativos externos aos museus, em regime de *outsourcing*, como ocorreu aquando da reabertura faseada do Museu de Arte Popular em Lisboa, a partir de 2010. Noutros casos, as estratégias tradicionais são definitivamente abandonadas, como no Museu de Arte de São Paulo (MASP), que desde 2015 fundiu os

seus departamentos especializados, unindo as atividades pedagógicas às curatoriais. O MASP não realiza visitas mediadas, propondo várias atividades e projetos para que o público tenha total autonomia na sua exploração das exposições<sup>2</sup>.

<sup>2</sup> Ver <https://masp.org.br/mediacao>

A recente evolução do sector museológico e cultural reflete um novo quadro conceptual que volta a questionar a função social das instituições. Da “democratização do acesso à cultura”, focada na criação dos novos públicos para a cultura, emerge o conceito de “democracia cultural”, pressupondo uma nova perceção dos espaços culturais como locais de exercício da cidadania, instituições ativistas que pretendem contribuir para a formação de cidadãos informados e empenhados, envolvendo-se nas questões do quotidiano das comunidades, como o ambiente e os direitos humanos (Janes & Sandell, 2019). Neste contexto, o museu abandona o discurso “educativo” no topo de uma hierarquia dos conhecimentos, surgindo como lugar de partilha desses conhecimentos, trabalhando já não “para” mas “com” os públicos. A “educação” cede à “mediação”, o “acesso” dá lugar à “participação”: “Só quando tivermos uma democracia cultural, onde todos tenham a mesma capacidade e oportunidade de participar na vida cultural, teremos a possibilidade de atingir uma verdadeira democracia política” (Holden, 2008, p. 34).

Muitos projetos surgidos nos últimos anos refletem esta evolução conceptual maioritariamente à margem da política cultural oficial. “Em Portugal, o Estado ainda fala na ‘democratização do acesso à cultura’ e vê a sua concretização nas entradas gratuitas e no acesso a conteúdos digitais, continuando a ignorar as questões mais complexas relacionadas com o acesso e a participação cultural” (Vlachou, 2018, p. 154).

O atual debate conceptual e teórico coloca em causa a própria designação tradicional de serviços “educativos” ou “de extensão cultural”,

assumindo estes, crescentemente, a dimensão de comunicação com os públicos e mediação cultural, questão recorrente em encontros de profissionais do sector. Mas independentemente de se questionar hoje a sua designação e o seu modelo, os “serviços educativos” foram e são determinantes na evolução do conceito de acessibilidade aos espaços culturais, do acesso físico à acessibilidade integrada (física, intelectual, social). Foram lugares de liberdade criativa, de experiências inovadoras, de reflexão e debate sobre o seu próprio papel nas instituições e na relação destas com os públicos - da “educação” à “mediação”, da “aprendizagem” em sentido único à “participação” pressupondo aprendizagens conjuntas. Foram ainda lugares permanentemente abertos ao diálogo e troca de experiências entre profissionais de cultura, através de Encontros de e sobre serviços educativos, destacando-se recentemente “Mediação Cultural, aprendizagens para todos - Encontro de Educação, Cultura e Património”, realizado a 11, 12 e 13 de Outubro de 2018 no Fórum Lisboa (cujo debate final levou significativamente a concluir que na próxima edição deste Encontro será substituída a referência a “*aprendizagens para todos*” por “*aprendizagens com todos*”) e “Mediações: Aprendizagem, Património e Museus”, que teve lugar a 8 e 9 de Março de 2019, no Museu de Arte Sacra do Funchal.

Foram os profissionais destes serviços que estiveram na origem da criação de grupos informais e associações, entre as quais o GAM e a Acesso Cultura, e contribuíram significativamente para o atual reconhecimento da centralidade da temática do relacionamento com os públicos – comprovada pelo recente Estudo de Públicos de Museus Nacionais (EPMN) promovido pela Direção-Geral do Património Cultural (DGPC), visando a produção de informação actualizada e fiável para uma melhor resposta aos desafios colocados pela relação dos museus com os públicos, cujos resultados faseados vêm sendo divulgados desde 2018<sup>3</sup>.

<sup>3</sup> [dgpc@dgpc.pt](mailto:dgpc@dgpc.pt);  
[cies@iscte-iul.pt](mailto:cies@iscte-iul.pt)

# ALGUNS CONTRIBUTOS PARA A PROMOÇÃO DA ACESSIBILIDADE INTEGRADA NA REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

## GAM – Grupo para a Acessibilidade nos Museus



Na sequência do debate suscitado pelos participantes na Conferência “Todos Diferentes. Todos iguais? – Questões de acessibilidade em museus e centros de ciência”, que se realizou em 24 de Outubro de 2003 no Pavilhão do Conhecimento, nasce em Janeiro de 2004 o GAM - Grupo para a Acessibilidade nos Museus, informalmente constituído por profissionais desta área, que em 10 anos de existência procurou colocar as questões de acessibilidade no centro das preocupações e da reflexão dos museus portugueses.

A sua intensa atividade, traduzida na realização de uma Conferência anual e workshops que ocorreram com regularidade, subordinados a temáticas de acessibilidade, mereceu da APOM a atribuição ao GAM do Prémio Inovação e Criatividade 2008. O GAM coordenou ainda a realização do estudo “Museus e Público Sénior em Portugal”, apoiado pela Fundação Calouste Gulbenkian, que constitui a primeira informação sistematizada sobre esta temática em Portugal (Faria, et. al., 2013).

O Palácio de São Lourenço foi membro institucional do GAM desde a sua fundação, tendo mais tarde aderido o então denominado Museu Municipal do Funchal. Nestas instituições, o questionamento em torno das temáticas da acessibilidade refletiu-se nas práticas e

atividades dos seus serviços educativos, algumas delas realizadas em parceria, como a partir de 2008 o percurso orientado “De Palácio a Palácio: um percurso sensorial pela Cidade do Funchal (do Palácio de São Pedro ao Palácio de São Lourenço)”, adaptado para diversos públicos, incluindo grupos integrando pessoas com baixa visão ou invisuais (Imagem 2).



Imagem 2\_ Percurso orientado  
“De Palácio a Palácio: um percurso  
sensorial pela Cidade do Funchal  
(do Palácio de São Pedro ao Palácio de  
São Lourenço)”. © ArquivoAMPSL,  
Mafalda Freitas | 2008

## Acesso Cultura, Associação Cultural

Em 2013, a dinâmica crescente gerada pelo GAM leva à sua transformação de grupo informal em associação, nascendo assim a Acesso Cultura, Associação Cultural, que se afirmou pelo empenho na promoção da melhoria das condições de acesso – nomeadamente físico, social e intelectual – aos espaços culturais e à oferta cultural, em Portugal e no estrangeiro (Acesso Cultura, 2016). São seus objetivos colocar as questões relacionadas com a acessibilidade no centro da reflexão e da prática do sector cultural; contribuir para a preparação técnica dos profissionais da cultura em questões de acessibilidade de forma a promover a mudança no terreno; promover o diálogo e a reflexão sobre as questões de acessibilidade em fóruns públicos; intervir publicamente sempre que o direito de acesso à cultura não seja respeitado<sup>4</sup>.

Esta associação realiza cursos de formação, consultorias técnicas em espaços culturais, seminários, conferências e workshops. Desenvolve projetos de investigação, divulga notícias e estudos e estabelece relações de cooperação com organismos congéneres, nacionais ou estrangeiros. As suas iniciativas com maior visibilidade são a realização simultânea de quatro debates anuais sobre temáticas diversas em Castelo Branco, Évora, Faro, Funchal, Lisboa, Ponta Delgada, Porto e Vila Nova de Famalicão, e a Semana Acesso Cultura, que se realiza anualmente na terceira semana de junho. Ao longo desta

<sup>4</sup> <https://acessocultura.org/>

semana decorrem a iniciativa “Portas Abertas: Visitas aos bastidores das instituições culturais” em todas as instituições aderentes, o concurso de fotografia “É possível captar a acessibilidade?” e a entrega do Prémio Acesso Cultura, instituído com o objetivo de distinguir e divulgar entidades e projetos que se diferenciam pelo desenvolvimento de políticas exemplares e de boas práticas na promoção da acessibilidade em Portugal.

Refletindo a emergência do conceito de democracia cultural, a assembleia geral de 9 de março de 2019 aprovou a proposta de atualização da missão da Acesso Cultura, que passa da promoção do acesso integrado “aos espaços culturais e à oferta cultural” definida em 2013 para a promoção do acesso “à participação cultural”.

Na Região Autónoma da Madeira, a Semana Acesso Cultura é assinalada desde a primeira edição com a participação do Palácio de São Lourenço e de outras instituições. Os debates dinamizados regularmente desde 2018 por associados individuais, além de um sócio institucional - o Grupo Dançando com a Diferença, ao qual, no âmbito dos Prémios Acesso Cultura, foi atribuído em 2016 o Prémio Acessibilidade Física – têm constituído espaços de diálogo vivo e aberto à comunidade (Diário de Notícias da Madeira, 16 jun. 2019, p. 36; JM, 19 jun. 2019, p. 17) (Imagem 3).

Imagem 3\_Palácio de São Lourenço, Sala Multiusos do Gabinete do Representante da República para a R.A.M., Semana Acesso Cultura, Debate “Como viver juntos?”. © ArquivoAMPSL, Orlando Gonçalves | 2019





## PALÁCIO DE SÃO LOURENÇO: LUGAR DE COMUNICAÇÃO, REFLEXÃO E FRUIÇÃO

### Ultrapassando o estigma da inacessibilidade

A ligação do Palácio de São Lourenço ao GAM e Acesso Cultura decorreu da procura de adequadas estratégias de comunicação envolvendo a participação alargada da sociedade. Este foi o grande desafio da sua abertura: desde logo, o de ultrapassar o inevitável estigma da inacessibilidade, que se traduzia de diversas formas num monumento com forte carga simbólica histórica, política e institucional.

Quando é aberto ao público, em 1995, as memórias do Estado Novo eram ainda significativas para as gerações que recordavam esse período. Aqui se situara o Governo Civil e a residência privada dos governadores civis até à extinção do cargo em 1976, data da consagração do regime autonómico. Do período anterior a 1974, perduravam ainda as memórias da emigração e da guerra colonial, sendo os serviços administrativos os únicos espaços do monumento então franqueados à população. A secretaria do Governo Civil foi especialmente marcante para as vagas de emigrantes madeirenses que a partir dos finais da década de 30 do séc. XX aqui obtiveram o necessário passaporte. Quanto à área militar, era ainda muito viva a memória da guerra colonial e dos aerogramas que muitas famílias vinham endereçar aos soldados distantes, nos serviços do “Comando” (designação que ainda perdurava entre os mais velhos).

O andar nobre do Palácio fora apenas utilizado em receções oferecidas pelos governadores civis a altas entidades nacionais e estrangeiras de visita à Madeira (Imagem 4), nas quais participava um número limitado de convidados, usualmente figuras institucionais que



Imagem 4\_Receção no Palácio de São  
Lourenço, por ocasião da visita do  
Presidente da República Craveiro Lopes  
à Madeira, Álbuns Governadores Civis.  
© ArquivoAMPSL, Perestrellos | 1955

ocupavam cargos de topo na administração pública madeirense e o representante da Diocese. Recordavam-se ainda os “bailes do 2 de janeiro”, oferecidos pelo governador civil madeirense João Inocêncio Camacho de Freitas às elites locais, nos anos 1950 e 1960.

Outras memórias nos foram trazidas por quem trabalhara no Palácio ou acedera pontualmente ao Salão Nobre, nas escassas cerimónias oficiais abertas ao público que ali se realizavam.

Esta realidade – a inacessibilidade do andar nobre e dos baluartes ajardinados que desde finais do séc. XVIII prolongavam o Palácio, apenas ocasionalmente franqueados a algumas entidades – manteve-se com raras exceções, embora noutro enquadramento institucional e político, entre 1976 e 1993, ano em que, ainda informalmente, começaram a realizar-se aqui as primeiras visitas guiadas sistemáticas. Nesse período e nas décadas seguintes, a temática da passagem do Palácio de São Lourenço do património do Estado para o domínio da Região Autónoma da Madeira esteve frequentemente presente no debate político regional, pelo que a mediatização política e institucional deste monumento sobrelevava a sua abordagem museológica. Não obstante as recorrentes iniciativas de divulgação, muitos continuavam a ignorar a possibilidade de visitarem livremente este monumento, sem necessidade de um pedido prévio.

No entanto, a conclusão dos restauros em curso (Imagem 5) e abertura do Palácio ao público haviam sido amplamente divulgadas de várias formas, em especial na imprensa regional diária e nacional<sup>5</sup>. Seria notícia posteriormente quer através de artigos de fundo (Revista Diário de Notícias da Madeira, 24 de nov. 1996, pp. 16-18), quer em frequentes notas divulgando atividades. Mas o estigma da inacessibilidade era ainda um obstáculo difícil de transpor, cedo se evidenciando que não bastava abrir o Palácio e aguardar os visitantes: era necessário criar dinâmicas específicas para assegurar a sua crescente fruição por parte da comunidade.



Imagem 5\_Palácio de São Lourenço, trabalhos de Conservação e Restauro do Núcleo de Pintura. © ArquivoAMPSL, Rui Camacho |1995

<sup>5</sup> Veja-se Separata Jornal de Notícias, n.º 115/108; Diário de Notícias n.º 460308; Diário de Notícias da Madeira, 24 set 1995, na RTP-Madeira e na RTP 1, esta última no próprio dia da abertura, 22 de setembro, no programa “Acontece”, de Carlos Pinto Coelho.

Outro fator constrangedor da acessibilidade alargada ao Palácio que então se pretendia promover foi, desde logo, a percepção pública do aparato militar da entrada pela Avenida Zarco (Imagem 6), que nas últimas décadas do séc. XX havia sido adotada como acesso comum, por mútuo entendimento das duas entidades sedeadas neste monumento, contrariando o entendimento constante das “Instruções” de 6 de fevereiro de 1836. Em função da nova arquitetura institucional decorrente da instauração do Liberalismo em Portugal, este conjunto edificado fora então dividido entre o Governo Civil e o Governo Militar da Madeira em duas áreas delimitadas sem zonas comuns, ficando todo o pátio central afeto ao governador civil, com entrada própria pelo Largo da Restauração.

Mais tarde, mercê de entendimentos que se foram forjando ao longo do tempo, alterou-se o estatuído naquelas “Instruções”, passando o pátio central a usufruto comum das duas instituições, mantendo estas entradas autónomas até às últimas décadas do séc. XX, em que é adotado um acesso único a esse pátio, pela Avenida Zarco. A entrada do governador civil, a partir do Largo da Restauração e interior do baluarte norte passou a ser raramente utilizada e deixou de sê-lo em 1991, quando o então Ministro da República cedeu esse espaço civil para instalação temporária de uma exposição da responsabilidade da instituição militar, cedência que perdura até hoje, encontrando-se ali parte da exposição permanente do Museu Militar inaugurado em 2009.

O facto de, a partir de então, uma única entrada dar acesso exterior a duas realidades museológicas muito distintas – na tipologia, percurso, espólio, objetivos, abordagens e narrativas – tornou mais complexa a percepção da independência funcional e orgânica dessas duas instituições por parte do público. Tal implica que a área civil, não dispondo presentemente de entrada autónoma, deva refletir na sua abordagem museológica uma identidade própria face à simbologia da entrada, não deixando de valorizar essa presença militar histórica a par da ocupação residencial por parte dos governadores,



Imagem 6\_Palácio de São Lourenço,  
Entrada pela Av. Zarco. © Arqui-  
voAMP SL, Roberto Pereira | 2008



a qual predominou sobre a função militar do monumento ao longo dos séculos, como ficou bem expresso na divisão do conjunto edificado determinada em 1836, “dada a diferença de representatividade das entidades em causa e principalmente à luz dos princípios desta época” (Carita, 1981, p. 97).

Esta partilha da ocupação museológica do mesmo monumento não é inédita, salientando-se o Mosteiro dos Jerónimos, que além do próprio mosteiro visitável, alberga o Museu Nacional de Arqueologia e o Museu de Marinha, dispondo, porém, estas três entidades museológicas de entradas autónomas que as identificam com clareza.

## Palácio de São Lourenço, “coleção visitável”



Não se assumindo desde 1995 como museu, a parte da área civil do Palácio de São Lourenço aberta ao público configura uma tipologia que veio a ser consagrada como “coleção visitável” no artigo 4.º da Lei n.º 47/2004, de 19 de Agosto, que aprovou a Lei Quadro dos Museus Portugueses: “conjunto de bens culturais conservados por uma pessoa singular ou por uma pessoa coletiva, pública ou privada, exposto publicamente em instalações especialmente afetas a esse fim, mas que não reúna os meios que permitam o pleno desempenho das restantes funções museológicas que a presente lei estabelece para o museu”.

Enquanto “coleção visitável”, a Área Museológica do Palácio de São Lourenço partilha com os museus o dever de conservação, estudo e divulgação dos bens móveis à sua guarda, bem como o empenho na promoção da acessibilidade dos visitantes, condicionada pela inexistência de recursos humanos específicos (para além de uma responsável nomeada para efeitos de conservação, estudo e divulgação). Este fator constituiu um grande desafio ao seu funcionamento, implicando estratégias de envolvimento e sensibilização para a conservação

preventiva e contacto com os visitantes dos funcionários integrados na instituição a que está afeta. Por outro lado, a compatibilização da agenda oficial com uma vivência museológica diária, para além da abertura em horários adaptáveis, obrigou o Serviço Educativo do Palácio de São Lourenço a assumir-se como lugar de reflexão e de experimentação do seu modelo de relacionamento com os públicos.

Tendo sido iniciado informalmente, o Serviço Educativo do Palácio nasceu para dar resposta adequada às visitas de grupos escolares a partir de outubro de 1993 e informal permaneceu durante os dois anos seguintes, em que o Palácio estava a ser alvo de um programa de reabilitação do património móvel e imóvel, que implicou o encerramento faseado dos salões do andar nobre. Acolhia essencialmente visitas solicitadas pela comunidade escolar e, com esta, desenvolvia já um trabalho partilhado de interpretação e exploração do património móvel e imóvel, de que é exemplo a exposição sobre este monumento realizada no final do ano letivo 1994-95, na Escola Básica dos 2.º e 3.º ciclos Dr. Horácio Bento de Gouveia e neste Palácio (Imagem 7).

Concluída a parte mais visível das intervenções de conservação, com destaque para o restauro de grande parte do núcleo de mobiliário no Instituto de José de Figueiredo, em Lisboa, o Palácio foi formalmente aberto ao público a 22 de setembro de 1995, data a partir da qual o Serviço Educativo do Palácio é estruturado de acordo com o modelo vigente em instituições similares, alargando progressivamente o seu âmbito de atividades (Imagens 8 e 9). Tal modelo vigorou entre 1997 e 2005, enquanto a este serviço esteve exclusivamente afeta uma colaboradora qualificada, autonomizando-o da área da conservação, passando a dispor de espaço próprio e desenvolvendo um vasto conjunto de iniciativas.

Desde 1997 se assinalou anualmente o Dia Internacional dos Monumentos e Sítios, mais tarde, o Dia Internacional dos Museus, as Jornadas Europeias do Património e a quadra natalícia, promovendo-se o ciclo musical “Fins de tarde no Palácio”.

Em 1997, formou-se o grupo infantojuvenil inclusivo “Amigos do Palácio” (Imagem 10), que funcionou até 2005, protagonizando





Imagem 7\_Palácio de São Lourenço,  
 Exposição de trabalhos do ano letivo  
 1994-95, da Escola Básica dos 2.º  
 e 3.º ciclos Dr. Horácio Bento de  
 Gouveia. © ArquivoAMPSL,  
 B. Conceição | 1995



Imagem 8\_Palácio de São Lourenço,  
 Pátio Central, visita de grupo sénior.  
 © ArquivoAMPSL, Paula Silva | 1997



Imagem 9\_Palácio de São Lourenço, Exposição do Serviço Educativo. © ArquivoAMPSL, Orlando Gonçalves |1998



Imagem 10\_Palácio de São Lourenço, Sala Vermelha, Grupo “Amigos do Palácio” com o Presidente da República Dr. Jorge Sampaio. © ArquivoAMPSL, Foto Londrina | 1998



numerosas iniciativas de sensibilização para a preservação do património móvel, imóvel e imaterial dos participantes e do público em geral, destacando-se as encenações históricas (Imagens 11 e 12) e o “Boletim dos Amigos do Palácio”. Para captar diversos públicos além da comunidade escolar que desde 1993 aqui acorria, dinamizaram-se iniciativas dirigidas a segmentos específicos, como as famílias e os visitantes com necessidades especiais em sentido amplo, englobando entre outros seniores, estrangeiros, portadores de deficiência física - estes no âmbito do projeto “Um Palácio para todos”, iniciado em 2003. Os primeiros materiais informativos em braille foram realizados com a colaboração da então Direção Regional de Educação Especial e Reabilitação, da Secretaria Regional de Educação. Tornaram-se centrais as questões da acessibilidade integrada, tendo-se concretizado nesse âmbito alguns dos projetos que então se pretendeu levar a cabo.

Nessa fase de grande dinamismo do Serviço Educativo do Palácio, ainda muito direcionado para a faixa etária infantojuvenil, um fator contribuiu decisivamente para evidenciar a necessidade do alargamento dos seus públicos. Lançada, em 12 de janeiro de 2001, a campanha do Diário de Notícias da Madeira “É meu. É seu. É nosso.” questionou durante seis meses a função do Palácio de São Lourenço, decorrendo um inquérito sobre as suas possíveis utilizações (Diário de Notícias da Madeira, 1 Maio 2001, p. 8). Embora os pressupostos e objetivos desta campanha não tivessem carácter patrimonial e museológico, ressaltou de muitas das declarações e respostas publicadas uma realidade a requerer especial atenção, tal como a formulação das hipóteses colocadas ao público nesse inquérito – de que não constava a possibilidade de este permanecer um Palácio visitável com o acervo existente, independentemente do enquadramento institucional.

Evidenciou-se, nalguns casos, distanciamento da realidade concreta e dos condicionamentos impostos pelas sucessivas Leis de Base do Património Cultural<sup>6</sup> a qualquer intervenção funcional num monumento classificado, fazendo refletir a urgência em promover o conhecimento e fruição efetiva do Palácio de São Lourenço, não apenas junto do público infantojuvenil, como maioritariamente ocorria, mas do público adulto, abrangendo amplos setores da comunidade.

<sup>6</sup> Lei n.º 13/85, de 6 de julho; Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro.



Imagem 11\_Palácio de São Lourenço, Salão Nobre, Encenações Históricas, “100 Anos da Visita Régia”. © ArquivoAMPSL, Orlando Gonçalves |2001



Imagem 12\_Palácio de São Lourenço, Encenações Históricas, “Visita de Maria Riddel em 1778”. © ArquivoAMPSL, Orlando Gonçalves | 2002

## Do Serviço Educativo ao Serviço de Mediação Cultural

Este pressuposto fundamentou a alteração do relacionamento com os públicos a partir de 2005, quando o serviço educativo em moldes tradicionais deu lugar a um serviço de mediação cultural com novos objectivos, abrindo-se às parcerias informais, aos estágios e ao voluntariado (Imagem 13).

Desde então, o foco da mediação convergiu para a qualificação das visitas autónomas em detrimento da obrigatoriedade de orientação pessoal de grupos escolares e de seniores, a cujos responsáveis passou a ser proposto um conjunto de actividades e materiais a seleccionar para uma exploração própria do percurso visitável. As estratégias de mediação das visitas autónomas passam sobretudo pela disponibilização de recursos informativos diversificados, tendo em conta a heterogeneidade dos visitantes e seus requisitos próprios (Imagens 14 e 15). Presentemente, são facultados guiões de percurso genéricos em quatro idiomas, braille, caracteres ampliados e SPS (portadores de paralisia cerebral) e guiões de percurso temáticos específicos para público infantil e juvenil e adulto. Continuam a realizar-se ocasionalmente visitas orientadas genéricas ou temáticas e visitas comentadas temáticas, para além de visitas musicadas (Imagem 16), nas quais músicos voluntários recriam ambiências em cada espaço do percurso.

O gradual envolvimento dos públicos levou à concretização de diversos projetos focados na aprendizagem mútua, como “Memórias do Palácio” (Imagem 17), com recolha e valorização de testemunhos e memórias. Mas é nos designados “percursos emocionais” (Imagens 18, 19 e 20) que melhor se traduz esta participação direta, apelando-se à partilha de vivências próprias convocadas pelas temáticas propostas. O mesmo ocorre nas visitas “Palácio do Averso” (Imagens 21 e 22), em que o público participa nos bastidores da manutenção e preparação do Palácio para eventos e receções.





Imagem 13\_Palácio de São  
Lourenço, Atelier de Verão com  
apoio do Voluntariado juvenil.  
© ArquivoAMPSL, Ana Andrade  
Costa | 2015



Imagem 14\_Palácio de São  
Lourenço, Visita autónoma –  
Público infantil. © ArquivoAMPSL,  
Ana Andrade Costa | 2015





Imagem 15\_Palácio de São  
Lourenço, Visita autónoma –  
Público adulto.© ArquivoAMPSL,  
Orlando Gonçalves | 2018

Imagem 16\_Palácio de São  
Lourenço, Sala do Baluarte,  
Visita Musicada.© ArquivoAMPSL,  
Orlando Gonçalves | 2016





Imagem 17\_Palácio de São  
Lourenço, Jardim interior,  
Recolha de “Memórias do Palácio”.  
© ArquivoAMPSL, Orlando  
Gonçalves | 2005



Imagem 18\_Palácio de São  
Lourenço, Salão Nobre, “Visitas  
Emocionais/Natal”. © ArquivoAMPSL,  
Orlando Gonçalves | 2018





Imagem 19\_Palácio de São  
 Lourenço, Salão Nobre,  
 “Visitas Emocionais/Bailes”.  
 © ArquivoAMPSTL, Orlando  
 Gonçalves | 2014



Imagem 20\_Palácio de São  
 Lourenço, Sala Verde, “Visitas  
 Emocionais/Banquetes”.  
 © ArquivoAMPSTL, Orlando  
 Gonçalves | 2014





Imagem 21\_Palácio de São Lourenço, Sala Verde, Visita orientada: “Palácio do Avesso”. © ArquivoAMPSL, Orlando Gonçalves | 2014



Imagem 22\_Palácio de São Lourenço, Sala Verde, Visita orientada: “Palácio do Avesso”. © ArquivoAMPSL, Orlando Gonçalves | 2017

Visando promover uma efetiva apropriação cultural dos espaços do Palácio pelo público, realizam-se atividades de entrada livre em datas assinaladas como o Dia Nacional dos Centros Históricos, o Dia Internacional dos Monumentos e Sítios, o Dia Internacional dos Museus, a Semana Acesso Cultura, as Jornadas Europeias do Património e o ciclo “Natal no Palácio”. A sua organização é flexível e aberta à participação da comunidade, acolhendo, além dos eventos promovidos pelos serviços da Área Museológica do Palácio de São Lourenço, eventos propostos por entidades públicas ou privadas e realizados em parceria (Imagens 23, 24, 25 e 26), direcionados para públicos diversificados. Predominam espetáculos de artes performativas (Imagem 27) e palestras (Imagem 28), não dispondo a área civil deste Palácio de espaço para exposições temporárias. Além das “Intervenções Efémeras” (Imagens 29 e 30), experiências de diálogo entre os objetos artísticos (pintura e escultura) e os espaços públicos do monumento, realizou-se em 2012 a exposição “Iconografia do Palácio de São Lourenço” em parceria com a Direção de Serviços de Museus da DRAC.

## CONCLUSÃO

O Palácio de São Lourenço (PSL), compatibilizando a sua condição de residência oficial com a abertura ao público em 1995, após longo processo de conservação e restauro do património móvel e imóvel. Refletiu desde então a evolução dos museus e especificamente dos seus serviços educativos, marcada pelo questionamento da função social das instituições culturais, sob crítica desde o início dos anos 1970 quanto à sua fraca abertura ao exterior.



A criação de um serviço educativo no PSL, acompanhando o que se passava nas instituições culturais nacionais e regionais nos anos 1990, seria determinante para aproximar o público – em especial a comunidade madeirense – deste monumento inacessível até 1995, marcado pelo estigma da representação do poder central ao longo dos séculos.

As prioridades estabelecidas quanto à tipologia da abertura do PSL à comunidade acompanharam o debate conceptual e teórico – internacional e nacional – sobre os serviços educativos, impulsionado em grande medida pelos profissionais deste setor, ganhando força no séc. XXI o questionamento da designação tradicional de serviços “educativos” ou “de extensão cultural” face à emergência de uma nova “mediação cultural” para e com os públicos. Sem negligenciar a dimensão da educação formal e não formal, não se esgota aí o papel social das instituições culturais, incorporando-se crescentemente nestas e também no PSL públicos muito diversos, cujo envolvimento resulta da definição de estratégias de acolhimento e participação diferenciadas. Transpõe-se para a prática museológica respostas a um conjunto de novas exigências de acessibilidade física, intelectual e social (em cuja divulgação em Portugal e na Região Autónoma da Madeira se empenhou desde 2004 o GAM-Grupo para a Acessibilidade dos Museus e a partir de 2013 a Acesso Cultura, nos quais o PSL participou ativamente), apesar dos constrangimentos e da complexidade inerentes.

No PSL, o acolhimento e envolvimento dos públicos traduziu gradualmente, desde o início do séc. XXI, o conceito de “acessibilidade cultural” e posteriormente de “democracia cultural”, assumindo um papel de mediação centrada nas aprendizagens recíprocas que implicou a transformação do “serviço educativo” inicial num “serviço de mediação cultural”, com vista à participação da comunidade na construção de uma identidade comum, neste que se quer “Um Palácio para todos”.



Imagem 23\_Palácio de São Lourenço, Salão Nobre, Atividade em parceria com a Universidade Sénior de Câmara de Lobos. © ArquivoAMPSL, Orlando Gonçalves | 2014



Imagem 24\_Palácio de São Lourenço, Salão Nobre, Recital “Flautando”, em parceria com a DSEAM/SER. © ArquivoAMPSL, Orlando Gonçalves | 2017



Imagem 25\_Palácio de São Lourenço, Pátio Central, Danças com História - séc. XV, em parceria com a SRTC/ “600 Anos do Descobrimento das Ilhas do Porto Santo e Madeira”. © ArquivoAMPSL, Ana Andrade Costa | 2018





Imagem 26\_Palácio de São Lourenço, Salão Nobre, Lançamento do livro: "Catarina", de Marco de Barros, em parceria com a Associação de Paralisia Cerebral da Madeira. © ArquivoAMPSL, Orlando Gonçalves | 2018



Imagem 27\_Palácio de São Lourenço, Salão Nobre, Ballet pela Escola de Dança Carlos Fernandes. © ArquivoAMPSL, Nadina Mota | 1999



Imagem 28\_Palácio de São Lourenço, Salão Nobre, Encontros "Olhares sobre o Palácio", Palestra sobre João Vaz, Professora Isabel Santa Clara. © ArquivoAMPSL, Orlando Gonçalves | 2017



Imagem 29\_Palácio de São Lourenço, “Intervenções Efêmeras”, Marco Fagundes Vasconcelos. © ArquivoAMPSL, Foto Londrina | 2005



Imagem 30\_Palácio de São Lourenço, “Intervenções Efêmeras”, Jacinto Rodrigues. © ArquivoAMPSL, Orlando Gonçalves | 2005



## BIBLIOGRAFIA

- Santos, M. L. L. (coord.) (2000). *Inquérito aos museus em Portugal*. Lisboa: MC/IPM - Observatório das Atividades Culturais, p. 114.
- Neves, J. S. (coord.) (2005). *Panorama museológico em Portugal (2000-2003)*. Lisboa: Observatório das Atividades Culturais – MC/IPM/RPM, p. 56.
- Faria, M.L., Teixeira, G. & Vlachou, M. (2013). *Museus e público sénior em Portugal*. Lisboa: GAM - Fundação Calouste Gulbenkian.
- Acesso Cultura (2016). *Acesso Cultura 2013-2016: O que mudou?* Lisboa: Acesso Cultura.
- Campos, J. A. F. (2019). *Museus. Parceiros na educação e formação*. Sintra: Caleidoscópio.
- Carita, R. (1981). *Introdução à arquitectura militar na Madeira – A Fortaleza-Palácio de São Lourenço*. Funchal: DRAC.
- Duarte, A. (1993). *Educação patrimonial – Guia para professores, educadores e monitores de museus e tempos livres*. Lisboa: Texto Editora.
- Gomes, R. & Lourenço, V. (2009). *Democratização cultural e formação de públicos: Inquérito aos “serviços educativos” em Portugal* [PDF]. Lisboa: Observatório das Atividades Culturais. Disponível em [www.gepac.gov.pt/gepac-oac/obs-pesquisas-n-15-pdf](http://www.gepac.gov.pt/gepac-oac/obs-pesquisas-n-15-pdf)
- Holden, J. (2008). *Democratic culture: Opening up the arts for everyone* [PDF]. London: Demos. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/30685956.pdf>
- Janes, R. R. & Sandell, R. (Eds.). (2019). *Museum activism*. Londres: Routledge.
- Jorge, J. M. F. (2002). *Museu das Janelas Verdes*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Moura, C. (2012). O pulsar de meio século 1935-2011. Historial crítico sobre os serviços educativos dos museus do estado. Comunicação apresentada no *Primeiro Encontro do Comité de Educação e Acção Cultural do ICOM*, Lisboa, 5 fev. 2011. Disponível em: [http://icom-portugal.org/multimedia/CECA\\_Catarina%20Moura\\_2011\\_O%20Pulsar%20de%20Meio%20Século.pdf](http://icom-portugal.org/multimedia/CECA_Catarina%20Moura_2011_O%20Pulsar%20de%20Meio%20Século.pdf).
- Pacheco, J. (1993, agosto 31). Entrevista a Lourdes Castro. *A Revista do Expresso*, ed. 2444.
- Rocha-Trindade, M. B. (coord.). (2018). *Iniciação à Museologia*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Vlachou, M. (2018). Haverá democracia política sem democracia cultural? O lugar das “periferias” em Portugal. *Revista Observatório 24 | Arte, Cultura e Educação na América Latina*, ITAÚ Cultural, 24 (jun. - dez.). Disponível em <http://musingonculture-en.blogspot.com/2018/05/>

# A ARTE CONTEMPORÂNEA EM CONTEXTOS MUSEOLÓGICOS. UM TERRITÓRIO PARA EXPLORAR

## CONTEMPORARY ART IN MUSEOLOGICAL CONTEXTS. A TERRITORY TO EXPLORE

Luís Nobre

Santa Casa da Misericórdia de Lisboa;

Museu de São Roque

### NOTA BIOGRÁFICA

Expõe desde 1994, destacando *Sete Artistas ao Décimo Mês* (1996) e *Desvio* (2013) ambos na Fundação Calouste Gulbenkian. Em 2014 integrou o 18º programa de exposições da *Carpe Diem, Centro de Arte e Pesquisa*. Em 2005 apresenta *Através da Distância Que Nos Separa*, no Pavilhão Branco do Museu da Cidade. Participou, ainda nas exposições coletivas: *Ponto de Vista*, na Fundação PLMJ (2008), *Processo e Transfiguração*, Casa da Cerca em Almada (2010) e *Arqueologia do Detalhe*, Casa das Artes em Vigo (2011). De salientar, ainda a participação na exposição *Lições da Escuridão*, Centro de Artes José de Guimarães (2013).

Em 2018 e 2019 integrou, respetivamente, a exposição *Germinal e De Outros Espaços* no MAAT e Galeria Municipal do Porto.

Participou em diversas residências artísticas tais como: *International Residency Programme* na Location 1 em NYC (2008) e na Spike Island, UK (2005). Em 2001, *Establishing a Scenario* (Germination XIII) Budapest Gallery. Destaque ainda para os diversos projectos em contextos museológicos no Museu José Malhoa, Casa-Museu Anastácio Gonçalves, Museu de São Roque, Museu Geológico e Musée de la Resistance (Lux).

## RESUMO

O trabalho de um artista em diferentes contextos permite-nos experiências onde as fronteiras podem ser impostas por premissas históricas, simbólicas e arquitetónicas. O diálogo\confronto é evidentemente um território perigoso, onde por sua vez, a tensão pode ser despoletada, desafiando o recetor numa batalha caleidoscópica onde o denominador\linha comum poderá ser o desenho. O espaço museografado está obviamente limitado a critérios curatoriais muito específicos que, a meu ver, limitam a abertura de projetos a apresentar. A arte contemporânea permite alargar este horizonte onde a imaginação e a ideia de algo não são estáticas e podem criar relações que, de outra forma, seriam impossíveis.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ação/Desenho; Relação/Comparação; Contemplação/Meditação.

## ABSTRACT

To work as an artist in different contexts allows an experience where some boundaries are imposed by historical, symbolic and architectural issues. This dialogue\confrontation is obviously a dangerous territory, in which, however, tension can rise, challenging the receptor to a kaleidoscopic battlefield, where the common line/denominator can be the drawing. The museographic space is, evidently, limited by very specific curatorial criteria that, as I see, can inhibit the diversity of projects to develop. Contemporary art allows us to open our horizon where the imagination and the idea of something aren't statics. They can create relations that, otherwise, would be impossible.

**KEYWORDS:** Action/Drawing; Relation/Comparing; Contemplation/Meditation.

Desde sempre o cruzamento de estilos e a diversificação das formas de comunicar, potenciam a capacidade de análise e abrem caminho para novos territórios que, até então, estavam estagnados ou herméticos.

A arte sacra ou arte antiga, quer esteja no seu contexto original, para o qual foi criada (igrejas, mosteiros, etc.), quer museografada em espaços criados para a sua apresentação (mas deslocada da sua função), contém em si a capacidade de sintetizar simbologias e narrativas apresentando-as de uma forma codificada, mais ou menos clara. Estas características encerram em si esse discurso e vocabulário específico. A introdução de projetos de arte contemporânea, que dialoguem\confrontem ideias e possibilitem ao usufruidor uma ação experienciada que cruze grelhas cronológicas, articulando categorias estéticas díspares resultando num momento único, num vórtex onde o tempo e o espaço se encontram num ponto específico.

Na intervenção *Sub. 863-874*, 1997, na Sala da Estatuária do Museu de José Malhoa, nas Caldas da Rainha, desenvolvi uma série de desenhos de grande escala (grafite sobre papel), de seres que poderiam habitar ambientes microscópicos ou próximos dos grandes répteis da Era Mesozóica (Imagem 1). Neste espaço com céu de vidro “reside” a escultura oficial e de retrato do século XX, com obras de Francisco Franco e Leopoldo de Almeida. A relação óbvia e direta entre a escultura e o desenho é afastada pela temática em confronto, apesar de a escala ser idêntica, os desenhos representam figuras\cabeças de perfil numeradas próximas do desenho científico ou taxidérmico.





Imagem 1\_Exposição Sub-863-874, 1998. Museu de José Malhoa, Caldas da Rainha. Grafite sob\papel. ©Luís Nobre | 1998

Mais tarde, em 2008, surgiu o convite da Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves para apresentar um projeto onde o espírito colecionista e a herança do antigo atelier (Imagem 2), originalmente construído pelo arquiteto Norte Júnior para o pintor José Malhoa, estivesse patente. O naturalismo recorrente e o exotismo da coleção orientaram-me numa direção em que, procurando uma natureza que se desvanece a partir de histórias cruzadas, questionei diferentes géneros de desenho e a sua utilização como um memento sociológico, histórico e social. Foi dentro destes *travellings* cinematográficos e narrativas geográficas que a exposição *Escalas, Perspetivas e Superfícies* (Imagem 3) questionava ideias do que é natural, do que é uma aparente normalidade e das suas respetivas implicações no espaço vazio, entre o sujeito (o que é originalmente observado) e a sua distorção em aparato redentor. Também o Dr. Anastácio, oftalmologista de profissão, escolheu peças de origens e referências diferentes, do vocabulário persa, mas adaptado pela China, patente nas cerâmicas do século XIV a XV, nos óleos de Courbet ou no mobiliário D. João V. O facto de colecionar esboços e rascunhos afasta-o do perfil de antiquário tradicional, mostrando que entende processo artístico como, de importância fundamental. Relembrando João Silvério (2009, p.7) no texto do catálogo:

o subtítulo da exposição, *O Naturalismo enquanto projeto*, situa a pesquisa que o autor tem vindo a desenvolver como uma proposta em constante transformação. Esta dimensão projetual da sua obra, remete-nos para o trabalho de atelier que se distende até ao espaço expositivo convocando o espectador para um encontro com obras aparentemente inacabadas. As imagens, os objetos, os animais ou os motivos de decoração – por vezes fragmentados – parecem estar suspensos no processo de trabalho do autor, cruzando-se em composições formais que se aproximam de uma meta-representação da realidade. O Naturalismo surge no seu trabalho como uma recapitulação da matéria necessária ao olhar, marcada por uma atitude desconstrutivista sobre modelos e cânones

apreendidos questionando a validade do registo exato de um objeto e consequentemente do seu modelo.

Enquanto artista, entendo o desenho como organização ou primeira ideia, num processo onde a representação, do real ou não, assenta no modo de percecionar a noção de perspetiva através da justaposição de diferentes planos. São as vibrações daí resultantes que nos permitem sentir e desenvolver novas tensões sobre o trabalho. Coloco questões utilizando diferentes materiais, formatos e modos de apresentação, conferindo à contemplação algo que poderá ser lembrado, mas não cristalizado.

É através de uma linha cronológica e aglutinadora que figuras se articulam fissuras entre tempos (épocas/ambientes) e categorias estéticas num jogo de escalas que reforça a ideia de fragilidade, precariedade e ruína.

O meu trabalho investiga ideias de natureza e simbolismo usando materiais e modos de apresentação que aprofundam noções de relação entre humanidade e natureza, conectando o privado ato de desenhar, baseado na forma e efeito, com o processo individual e coletivo de memorização do mundo.

Num outro projeto no Museu de São Roque (2010), *Causa-Efeito* os vários núcleos do museu acolheram diversas peças que potenciaram jogos de escalas (Imagem 4), onde figuras e outros simbolismos se cruzaram, como escreve a curadora Maria do Mar Fazenda:

*A escala* das esculturas dialoga com os relicários, com objetos do núcleo de Arte Oriental e com a maqueta da capela de São João Baptista, cruzando espaços e tempos que apenas podem surgir na *forma-museu*. O artista cria as suas próprias *Wunderkammer*, à semelhança dos Gabinetes de Curiosidades que surgiram na época barroca, dando continuidade à construção do *museu imaginário* – noção chave do Modernismo (2010, p. 16) (Imagem 5).





Imagem 2\_Exposição *Escala-  
 las, Perspectivas e Superfícies,  
 O Naturalismo Enquanto  
 Projecto*. 2009, Casa-Museu  
 Anastácio Gonçalves. Lis-  
 boa. *Contra-Campo* #5, im-  
 pressão digital sobre papel  
 50x70cm. ©Luís Nobre | 2009



Imagem 3\_Legenda - *Exposição Escalas, Pers-  
 pectivas e Superfícies, O Naturalismo Enquanto  
 Projecto*, 2009. Vista da instalação, desenho. Tinta  
 acrílica, aguarela, grafite e tinta da china sobre  
 papel, madeira, agrafos, fita-cola. Dimensões  
 aprox. 250x750cm. ©Luís Nobre | 2009





Imagem 4\_ Exposição *Causa-Efeito*, Museu de São Roque, Lisboa. 2010. Legenda- Tinta acrílica, grafite, aguarela e tinta da china sobre papel, fórmica, tela impressa, madeira e agrafos, tapeçaria. ©Luís Nobre | 2010



Imagem 5\_Exposição *Causa-Efeito*, Museu de São Roque, Lisboa. *Contra-Campo* #6, Bronze, 28x17x12cm. ©Luís Nobre | 2010

Também o projeto *O Eixo da Bússola* (2014), nas Sala de Armas do *Carpe-Diem*, Palácio Marquês de Pombal (Imagens 6 a 14) atende que as novas relações criadas não tentam menosprezar ou apenas servir de muleta mas também de trampolim para traçar novas linhas entre o passado do que pode ser espiritual, material e certamente humano com a inquietação de que quem, com uma curiosidade incansável, procura na observação do inusitado, uma janela para entender o especial ou o invisível.

Muitas vezes, uma intervenção artística acontece numa sala para exposições temporárias de um museu, ou seja, a relação com a coleção pode até nem existir, mas, quando para lá chegar, o visitante tem de percorrer vários espaços onde o tempo é atravessado ao ritmo de um passo, ou compreendemos a leitura da geologia e suas camadas estratológicas, como no Museu Geológico de Lisboa (Imagem 15) é difícil preparar uma exposição sem estas solicitações. Como refere Celso Martins no texto sobre a exposição *Memento Mori*:

Pela sua vocação e pela incrível sedução do espaço e do acervo é simultaneamente um lugar apelativo e traiçoeiro...a estratégia de ocupação da última sala foi, porém duplamente feliz. LN conseguiu fazer verter através do desenho e elementos e signos encontrados no próprio museu anexando-o ao memorial em movimento que é a sua obra (2014, p. 15).





Imagem 6\_ Exposição *O Eixo da Bússola, Carpe-Diem*, Centro de Arte e Pesquisa. 2014. Lisboa. Vista da instalação. Tinta da china s\ papel, Impressão digital, MDF. ©Luís Nobre | 2014

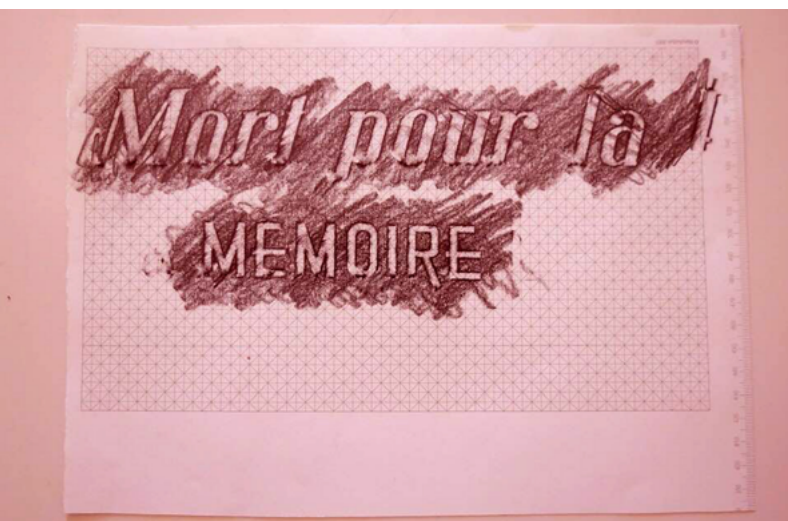


Imagem 7\_ Desenho, exposição *O Eixo da Bússola, Carpe-Diem*, Centro de Arte e Pesquisa. 2014. Lisboa. ©Luís Nobre | 2014

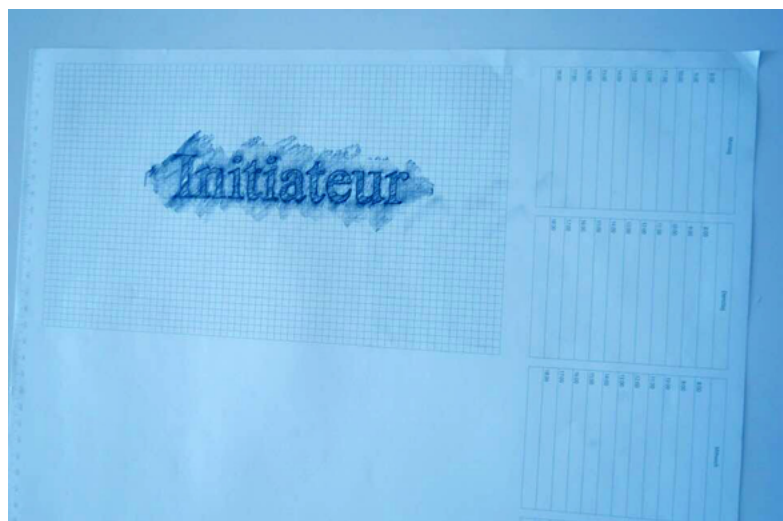


Imagem 8\_ Desenho, exposição *O Eixo da Bússola, Carpe-Diem*, Centro de Arte e Pesquisa. 2014. Lisboa. ©Luís Nobre | 2014



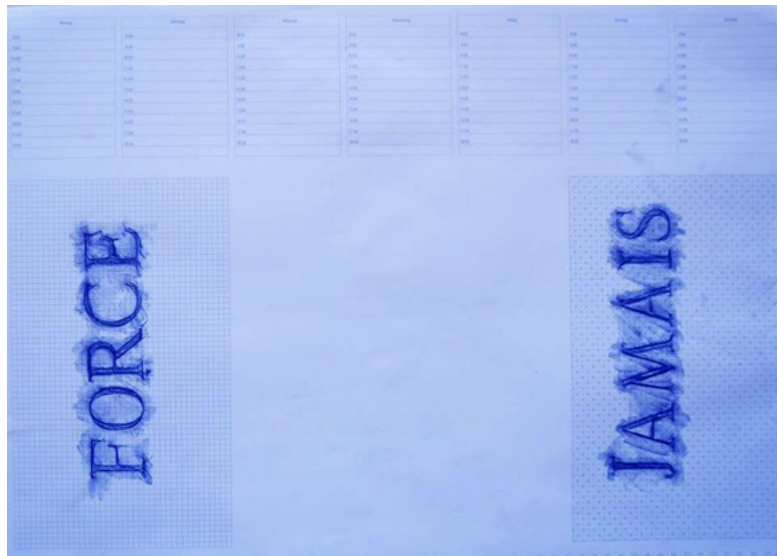


Imagem 9\_ Desenho, exposição *O Eixo da Bússola, Carpe-Diem*, Centro de Arte e Pesquisa. 2014. Lisboa. ©Luís Nobre | 2014

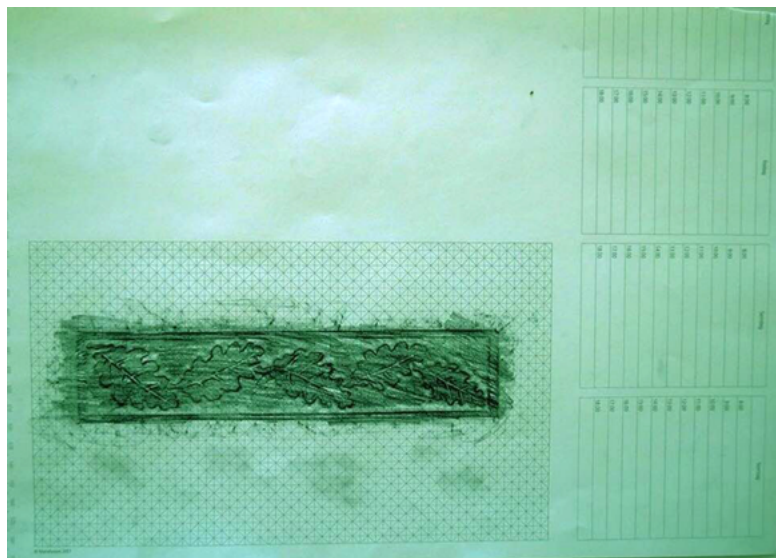


Imagem 10\_ Desenho, exposição *O Eixo da Bússola, Carpe-Diem*, Centro de Arte e Pesquisa. 2014. Lisboa. ©Luís Nobre | 2014

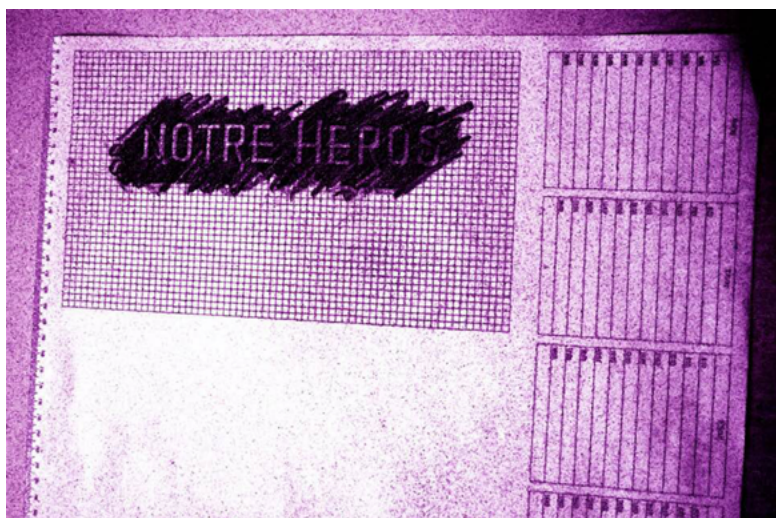


Imagem 11\_ Desenho, exposição *O Eixo da Bússola, Carpe-Diem*, Centro de Arte e Pesquisa. 2014. Lisboa. ©Luís Nobre | 2014

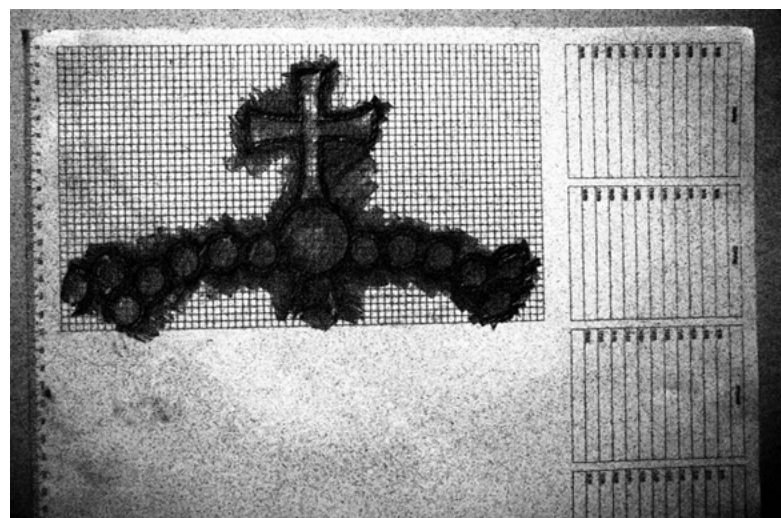


Imagem 12\_ Desenho, exposição *O Eixo da Bússola, Carpe-Diem*, Centro de Arte e Pesquisa. 2014. Lisboa. ©Luís Nobre | 2014



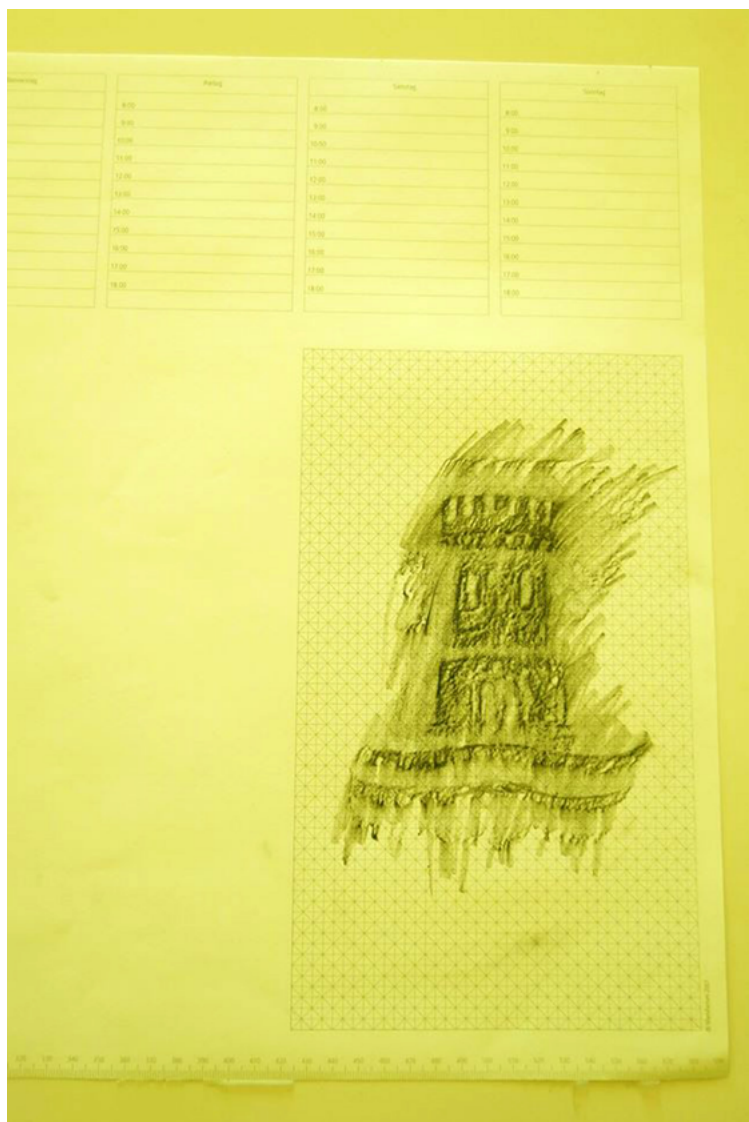


Imagem 13\_ Desenho, exposição *O Eixo da Bússola, Carpe-Diem*, Centro de Arte e Pesquisa. 2014. Lisboa. ©Luís Nobre | 2014

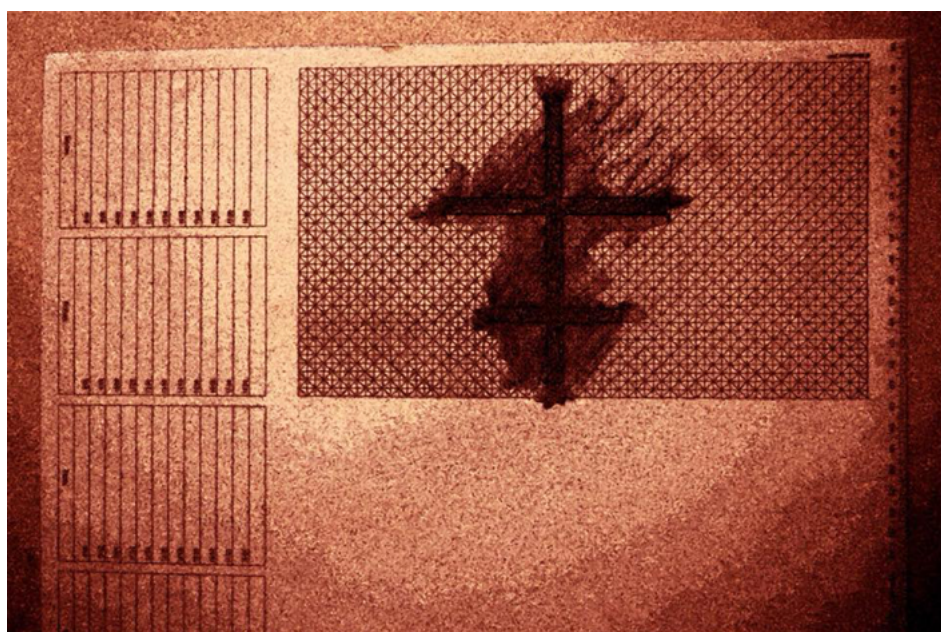


Imagem 14\_ Desenho, exposição *O Eixo da Bússola, Carpe-Diem*, Centro de Arte e Pesquisa. 2014. Lisboa. ©Luís Nobre | 2014



Imagem 15\_Exposição *Memento Mori*, 2014. Museu Geológico de Lisboa, Tinta acrílica, aguarela, tinta da china e grafite s\ papel, alumínio, madeira e cerâmica, tela impressa. Vista da instalação. ©Luís Nobre | 2014



Na exposição coletiva *Keep your feelings in memory* no Musée de là Resistance, em Luxemburgo, 2013, a quantidade de informação em diversos suportes e a particular sensibilidade dos seus conteúdos exigia um registo que sublinhasse e “eternizasse” muitas das emoções ali sintetizadas. Como escreveu o curador Pietro Gaglianò:

Luís Nobre re-examines the processes and paradigms of historical representation, expressing his own alternative vision to the cosmetics carried out by musealization... The interference brought by Nobre finds the form of small instruments and other exhibits disseminated along the course of the construction of identity, which the museum should guarantee and officialize. In this action of disturbance the artist inserts a series of questions about the real correspondence between historical memory, its representation and its reception on the part of the community to which it is addressed (with a subtle query: if the museographer is mad, criminal and conniving, what happens to memory?) (2013, p. 54).

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fazenda, M. M. (2010). *Percursos num museu temporariamente imaginário*. Lisboa: SCML, Museu de São Roque, p. 16.

Gaglianò, P. (2014). *The invention of memory*. National Resistance Museum, Esch-sur-Alzette –Luxemburg, p. 54

Martins, C. (2014, janeiro 25). *Memento Mori*. Semanário Expresso - suplemento Cultura\Exposições, p. 15.

Silvério, J. (2009). *Pinturas, desenhos e uma outra construção*. Lisboa: CML, p. 7.

# LITERACIA DO PATRIMÓNIO NATURAL

## NATURAL HERITAGE LITERACY

Hélder Spínola

[hspinola@uma.pt](mailto:hspinola@uma.pt)

Centro de Investigação em Educação da Universidade da Madeira

### NOTA BIOGRÁFICA

É doutorado em biologia molecular e professor auxiliar convidado na Universidade da Madeira, onde leciona disciplinas na área do ambiente e é investigador no Centro de Investigação em Educação. Publicou mais de trinta artigos científicos em revistas internacionais, destacando-se os seus trabalhos na área da Literacia Ambiental. Foi coautor em oito livros de divulgação do património natural do Arquipélago da Madeira e no livro "Ambiente para Jovens - Aprender e Aplicar". Em 2003 foi eleito presidente da Direção Nacional da Quercus- Associação Nacional de Conservação da Natureza, cargo que ocupou durante seis anos.



## RESUMO

A reaproximação das vivências humanas ao património natural é essencial à sua conservação pois, à medida que nos distanciamos da natureza, as noções sobre a origem e a importância dos recursos que utilizamos vão-se esbatendo. O conhecimento, a atitude e o comportamento são aspetos incontornáveis da literacia do património natural e a sua promoção será sempre mais eficaz se se basear em contextos de aprendizagem autênticos, em que as realidades socioculturais e ambientais enquadrem todo o processo.

O território e os recursos naturais, quer tenhamos ou não, atualmente, consciência disso, entranham-se naquilo que somos, e temos, em termos de património cultural e construído. O relevo, a geologia, a fauna e a flora marcam profundamente a matriz da nossa cultura e do nosso património, mesmo que, agora, corramos o risco de, pela hegemonia da globalização, resumir todo esse viver e significado à musealização e à reprodução folclórica.

**PALAVRAS – CHAVES:** Património; Literacia; Natureza; Ambiente; Conservação.

## ABSTRACT

As we move away from nature, the notion about the origin and importance of the resources we use fade away. The rapprochement between human living experiences and the natural heritage is essential to its conservation. Knowledge, attitude and behavior are intrinsic aspects of natural heritage literacy. Its promotion will always be more effective if based on authentic learning contexts in which the socio-cultural and environmental realities frame the whole process.

Territory and natural resources are embedded in our cultural and built heritage. Orography, geology, fauna and flora profoundly marks the matrix of our culture and heritage, even if we now, due to the hegemony of globalization, risk to resume it to musealization and folk reproduction.

**KEYWORDS:** Heritage; Literacy; Nature; Environment; Conservation.

## INTRODUÇÃO

O espaço mais habitual para o uso do vocábulo ‘património’ é o contexto cultural, associado ao conceito de herança material e imaterial, transmitido de geração em geração, merecedor de valorização e proteção por parte das comunidades, e resultado de um processo de construção social (Blake, 2000; Zanirato, 2018). No entanto, o conceito de ‘património’ não se resume à criação cultural humana, sendo também o conjunto de recursos do planeta herdados pelas atuais gerações e, em particular, os seus mais relevantes elementos físicos, biológicos e geológicos, incluindo os habitats de espécies da fauna e da flora, e áreas com valor científico, estético e de conservação (UNESCO, 1972). Exemplo reconhecido de património natural na ilha da Madeira é a floresta Laurissilva, classificada desde 1999 como Património Mundial Natural pela UNESCO, mas também, a Reserva da Biosfera no concelho de Santana.

Pela sua importância na disponibilização de recursos e serviços vitais à sobrevivência humana, aos quais acrescem também os muitos meios que permitem alavancar os nossos níveis de qualidade de vida, o património natural impõe-se como base essencial para a vida de toda a humanidade, e de qualquer comunidade em particular. Além disso, o património natural é profundamente definidor do cultural, um aspeto muito evidente quando analisamos a realidade do arquipélago da Madeira. Na medicina popular há toda uma relação íntima com a natureza indígena da Madeira, com a utilização tradicional da biodiversidade local para diversos fins, desde o fungo madre-louro em infusões, até à utilização das bagas de loureiro para a produção de azeite de louro. Na gastronomia, esta relação evidencia-se com a tradicional espetada, em espeto de louro, ou com a utilização de determinadas espécies na alimentação, como as lapas e o peixe-espada-preto. No caso do peixe-espada-preto, um peixe de profundidade cuja captura no mundo se iniciou nos mares da Madeira, há

todo um processo de pesca tradicional desenvolvido, tendo em conta as características específicas desta espécie e do seu habitat. Também a caça à baleia, atividade extinta para proteção dos cetáceos e que hoje é uma memória recordada no Museu da Baleia, na freguesia do Caniçal, foi uma atividade inerente às características naturais específicas do arquipélago. Ao nível do património construído, vejamos, por exemplo, a típica paisagem agrícola madeirense, marcada pela extraordinária obra que são os socacos ou poios. Este património construído foi definido e moldado pelas características naturais da Madeira, primeiro pela necessidade da sua existência, devido ao relevo acentuado e à importância de conter os solos, e, segundo, pelo próprio material geológico utilizado na construção dos muros, a rocha basáltica, que resulta da própria génese vulcânica da ilha. O mesmo se pode dizer em relação aos cerca de 1400 quilómetros de levadas construídos numa ilha tão pequena como é a Madeira. Estes canais são hoje considerados um dos elementos patrimoniais mais valiosos que temos, os quais, além de continuarem a cumprir o seu propósito original, que é o de transportar água, ganharam novas funcionalidades, principalmente ao nível do turismo. As levadas surgem na ilha da Madeira porque, apesar de não existir carência de recursos hídricos, o transporte da água até aos campos de cultivo, engenhos e povoados constituiu, desde o início do povoamento, um enorme desafio. Por um lado, o relevo acidentado e, por outro, a assimetria norte-sul no uso e na disponibilidade destes recursos exigiram o desenvolvimento desta extraordinária rede de levadas (Spínola, 2016). Muito do património edificado na Madeira tem em si impregnados os valores naturais locais, nomeadamente nos materiais de construção, destacando-se, como exemplo, a enorme riqueza em cantarias na Sé do Funchal e a madeira de cedro utilizada nos seus tetos (Silva & Gomes, 2016).

Apesar da importância do património natural, ao longo das últimas décadas, têm se acentuado as ameaças que põem em causa a sua disponibilidade para as atuais e futuras gerações. As alterações climáticas são o corolário dessas ameaças e constituem a prova real de que a ação humana pode ter efeitos devastadores sobre o planeta (Butler, 2018).

A preservação do património natural pressupõe profundas mudanças na forma como as sociedades humanas vivem e estão organizadas. O atual modelo, baseado num consumismo crescente e intensivo, esbarra nos limites do próprio planeta, tornando impossível à natureza a reposição dos recursos, dada a forma e a velocidade com que são explorados. Por outro lado, os elevados níveis de poluição hoje produzidos pela humanidade ultrapassam em muito a capacidade da biosfera em depurá-los. Invariavelmente, a destruição do património natural e os desequilíbrios associados a esse processo estão intimamente associados ao elevado consumo de recursos e à excessiva produção de poluição por parte da humanidade, e, em particular, das sociedades mais industrializadas. Assim, reverter o caminho de degradação que o património natural tem sido seguido, implica uma aposta eficaz na promoção da literacia ambiental em toda a sociedade, trabalho este centrado numa abordagem educacional que garanta os conhecimentos, as atitudes e os comportamentos necessários à manutenção dos equilíbrios naturais (Spínola, 2015).

## A LITERACIA AMBIENTAL

A literacia ambiental é o objetivo da educação ambiental e pressupõe, além do conhecimento e da compreensão de conceitos, um conjunto de disposições cognitivas e afetivas, e de habilidades e capacidades, associado às necessárias estratégias comportamentais subjacentes à aplicação na tomada de decisões em diversos contextos relativos ao ambiente (Hollweg et. al., 2011). Numa definição simplificada, a literacia ambiental pode ser entendida como sendo constituída por quatro componentes relacionados entre si: conhecimento, disposição, competências e comportamento ambientalmente responsável (Cook & Berrenberg, 1981; Hollweg et. al., 2011; Hungerford & Volk, 1990; Stern, 2000). Apesar desta simplificação, cada um destes quatro componentes encerra uma estrutura complexa que necessita ser tomada em consideração nas práticas de educação ambiental,



nomeadamente o facto de, entre outros, o conhecimento incluir os sistemas físicos, ecológicos, sociais, culturais e políticos à disposição, envolver sensibilidade, atitude, responsabilidade pessoal e motivação, das competências implicarem identificar, analisar, investigar, avaliar e resolver questões ambientais, e do comportamento ambientalmente responsável incluir práticas de ecogestão, persuasão, ação do consumidor sobre a economia, ação política e ação legal (Hollweg et. al., 2011). Devido à sua complexidade, quando se pretende avaliar a literacia ambiental e, para esse fim, incluir nos instrumentos utilizados as suas componentes mais importantes, são considerados três aspetos principais: o conhecimento, a atitude e o comportamento (Igbokwe, 2012). Desta forma, contrariando o senso comum, a literacia ambiental vai muito além das competências cognitivas (conhecimento), pressupondo a sua integração com a dimensão afetiva (atitude) e ativa (comportamento), resultando numa transformação individual e social fundamental no processo de ajustamento à necessidade de salvaguardar os equilíbrios naturais (Wilke, 1995). Neste contexto, e à falta de uma autonomização mais específica, a literacia do património natural pode definir-se no contexto já apresentado para a ambiental, mas referindo-se a esta área temática em particular.

## PROMOVER A LITERACIA DO PATRIMÓNIO NATURAL



Promover a literacia do património natural, à semelhança da literacia ambiental em geral, é um dos objetivos da educação ambiental. Mas, como fazê-lo de forma eficaz? O contexto ideal para o desenvolvimento da literacia do património natural é a própria natureza, através do envolvimento de todos na implementação de medidas

para a sua proteção (Lucas, 1979). As pessoas devem ter a oportunidade de resolver, de forma ativa e democrática, questões ambientais ao nível local, de modo a que entendam a relação com a sua própria vida e se sintam encorajadas pelo sucesso das suas ações (Uzzell et. al., 1995). Nesse sentido, a literacia do património natural encontra terreno fértil na interação com o meio social e carece de contextos reais de aprendizagem, tendendo a ser mais elevada quando é promovido o contacto direto com a natureza e o envolvimento na resolução de problemas, e quando todo esse processo é mediado por alguém visto como modelo/referência (Brody & Storksdieck, 2013). Acresce que o esforço de promoção da literacia do património natural não se pode restringir às faixas etárias em idade escolar, sendo necessário que se constitua num processo de aprendizagem permanente e mantido ao longo da vida, envolvendo, necessariamente, toda a sociedade (Schmidt et. al., 2011). Infelizmente, as práticas de educação ambiental têm estado encerradas dentro da escola e raramente envolvem a comunidade, uma realidade que dificulta em muito a promoção da literacia do património natural (Guerra et. al., 2008). Acresce que o comportamento, além de ser a componente da literacia do património natural que, na prática, efetiva melhorias relevantes para a sua conservação, é também a mais complexa e difícil de transformar pois, mais do que no conhecimento, está enraizado em valores, normas (sociais e pessoais) e convicções (fatores sociais e afetivos), além de aspetos mais práticos e racionais como o custo-benefício para o indivíduo, ou mesmo os constrangimentos práticos que possam existir para a sua adoção (Mcdonald, 2014). Dadas a complexidade e a diversidade dos aspetos que determinam a adoção de comportamentos essenciais à manutenção dos equilíbrios naturais, a forma mais eficaz de capturar todo esse conjunto de variáveis é desenvolver os processos de educação ambiental em contextos socio-culturais reais.

## O AFASTAMENTO DA NATUREZA

Apesar do sucesso da educação ambiental estar dependente do envolvimento, da interação e do contacto direto com o património natural, é hoje notório que as sociedades estão cada vez mais arredadas da natureza. Tanto assim é que, atualmente, já foram identificados efeitos preocupantes sobre a saúde física e mental das crianças devido a essa falta de contacto com o contexto natural e, em oposição, ao tempo excessivo passado entre muros (Louv, 2005). Além das consequências para a saúde, esta perda de contacto com o espaço exterior tem resultado também numa menor ligação física e emocional ao mundo natural, levando, consequentemente, a que seja menor o desejo de participar ativamente na sua proteção (Louv, 2005).

Efetivamente, embora toda a humanidade continue dependente dos recursos proporcionados pelo património natural, as vivências nas sociedades modernas estão cada vez mais desligadas de todo o processo que os disponibiliza para consumo ou usufruto. Vários exemplos da evolução das vivências na sociedade madeirense ilustram esta realidade, podendo destacar-se a alimentação, o vestuário e a habitação. Atualmente, grande parte dos madeirenses não participa no processo de produção dos alimentos que consome, particularmente no seu cultivo ou na sua criação, mas também, cada vez mais, na sua própria confeção. O acesso aos bens alimentares é feito, em grande medida, através das prateleiras das grandes superfícies comerciais, com os produtos, muitas vezes, já disponibilizados com um elevado grau de processamento, tornando irreconhecível a sua origem e o seu aspeto original. Atrás das cortinas, antes dos alimentos chegarem à vista do consumidor, fica escondido todo o processo de produção e a sua dependência direta de solo, água e recursos biológicos vários, além das suas consequências na própria degradação do património

natural. Noutros tempos, devido ao envolvimento generalizado da população numa agricultura de subsistência, estava bem presente a importância do solo e, por isso, edificaram-se os poios para segurá-lo, e da água, tendo-se construído milhares de quilómetros de levadas para permitir o seu aproveitamento. A vivência e as necessidades diárias obrigavam a uma relação direta com o património natural, traduzindo-se num contacto físico e cultural que promovia a noção do seu real valor para as necessidades humanas.

O mesmo sucede em relação à roupa que hoje vestimos. O pronto-a-vestir acabou com a noção, junto do cidadão comum, sobre a origem das fibras, naturais ou artificiais, para o fabrico dos tecidos, ou mesmo a origem dos produtos de tinturaria. Na Madeira, há algum tempo, era comum as comunidades controlarem o processo de produção do seu vestuário, produzindo lã e linho, garantindo o fabrico dos tecidos e, posteriormente, costurando as próprias roupas. Asseguravam, inclusive, a reciclagem das roupas velhas, produzindo cobertas e tapetes de retalhos. Hoje, com o distanciamento em relação a todo este processo, esbate-se a relação entre o que vestimos e o património natural que nos envolve, além de que, com a globalização, a própria origem deste tipo de recursos já nem é regional.

O acesso a uma habitação é hoje, maioritariamente, dependente do aluguer ou da aquisição, sem participação no processo de construção que se profissionalizou e que incorpora poucos recursos locais. No passado, os próprios utilizadores, em conjunto com a comunidade local, asseguravam o processo de construção da habitação, utilizando para esse efeito conhecimento e recursos locais, incluindo pedra basáltica, colmo de trigo e madeira da floresta mais próxima. As típicas casas de colmo, das freguesias de Santana e São Jorge, ou as casas de salão na ilha do Porto Santo, são um bom exemplo desta relação próxima entre a edificação das habitações e os recursos naturais locais, além do seu enquadramento sociocultural.



## A VIVÊNCIA E A PROTEÇÃO DO PATRIMÓNIO NATURAL



Num momento em que a vivência das comunidades se concentra nos espaços urbanos e cada vez menos se cruza com as realidades naturais, torna-se mais difícil obter o apoio e o envolvimento prático na preservação do património natural. As exigências crescentes de produção e consumo esbarram com a necessidade de reservar recursos e espaços físicos para a proteção da biodiversidade. Acresce que a conservação da natureza ainda está muito associada à ideia de jardim zoológico e à percepção de que as nossas opções diárias nada têm a ver com o assunto (Ojalammi & Nygren, 2018). Na verdade, é o nosso estilo de vida, inclusive no interior das cidades, que põe em causa a preservação do património natural, por via das consequências resultantes da exploração intensiva dos recursos que consumimos. Assim, desenvolver projetos de conservação da natureza, dirigidos a ecossistemas ou espécies em particular, sem a eles associar estratégias de educação ambiental que possibilitem mudanças na sociedade, é um trabalho profundamente incompleto.

Porque as suas ameaças advêm dessas realidades, a proteção do património natural implica trabalhar as vivências das comunidades. Por exemplo, se, no passado, os incêndios florestais possuíam características muito diferentes, na Madeira e no País, isso deve-se, além da influência das alterações climáticas, à diferente relação das comunidades com a floresta e, mesmo, com os espaços rurais. O abandono da atividade primária fez perder as paisagens em mosaico, tornando-as homogêneas e contínuas, e, dessa forma, deixando-as à mercê de grandes incêndios, pondo em causa habitações e vidas humanas. A prevenção dos incêndios e, conseqüentemente, a preservação de todo o património natural ameaçado por este problema requer a recuperação de atividades primárias ligadas ao território e, necessariamente, mudanças no estilo de vida das comunidades.

Outra situação que evidencia esta mesma realidade é a proliferação de plásticos no mar, um problema que se vem a agravar há décadas e que agora atinge o seu expoente máximo com os microplásticos a entrarem na cadeia alimentar. Neste caso, estamos a falar de uma séria ameaça ao património natural cuja minimização obriga a alterações profundas na forma como respondemos às nossas necessidades diárias, nomeadamente no que diz respeito ao uso de embalagens e produtos descartáveis ou à gestão dos resíduos produzidos. Exemplo evidente da gravidade deste problema é a recente descrição da formação de crostas de plástico sobre rochas no litoral da ilha da Madeira, situação com riscos potenciais para a contaminação da cadeia alimentar (Gestoso et. al., 2019).

Assim, torna-se claro que a proteção do património natural está dependente, para o bem e para o mal, da forma como as sociedades humanas vivem, sendo a esse nível, através da promoção de uma cultura ecológica, que surge a possibilidade de alterar o rumo de perda que estamos a seguir.

## CONCLUSÃO

O património natural não pode ser visto como um contexto estranho à vivência das comunidades humanas, muito pelo contrário. Além dos aspetos inerentes à satisfação das necessidades básicas da sua existência, como a alimentação e o abrigo, mas também de outras, como as de conforto e lazer, o património natural está na base da construção cultural humana. Apesar desta marca de essencialidade para a nossa vida, a degradação e a perda de património natural têm sido uma constante, em particular nas últimas décadas. Sabendo que a preservação dos valores naturais está, para o bem e para o mal,

condicionada pela atividade humana, torna-se incontornável que a vivência das comunidades se imbua de uma nova cultura ecológica. Tendo por base a promoção da literacia do património natural, fazendo evoluir os conhecimentos, as atitudes e os comportamentos, e, para esse efeito e trabalhando nos contextos socioculturais reais das comunidades, é possível reaproximar as nossas vivências à natureza e ao território, reestabelecendo pontes essenciais à recuperação dos equilíbrios naturais. Desta forma, a educação ambiental para a promoção da literacia do património natural e, por essa via, como contributo para a preservação dos recursos naturais, pressupõe o envolvimento de toda a comunidade na recuperação da sua relação cultural com o meio envolvente. Mesmo que limitada, em parte, a objetivos pedagógicos, a recriação e envolvimento da comunidade nos processos de aproveitamento dos recursos naturais locais, desde a matéria-prima até ao produto acabado, e respetiva utilização, assim como na gestão dos desperdícios associados, constitui uma ferramenta essencial para a consciencialização e para a promoção de práticas que contribuam para a preservação do património natural. Assim, com um maior envolvimento da comunidade em todo o processo de utilização dos recursos, a educação ambiental será mais eficaz no seu objetivo de provocar uma transformação cultural que compatibilize o funcionamento da sociedade com os necessários equilíbrios naturais.

## BIBLIOGRAFIA

Blake, J. (2000). On Defining the Cultural Heritage. *International and Comparative Law Quarterly*, 49(1), 61-85.

Brody, M. & Storksdieck, M. (2013). *Evaluation and Analysis of Environmental Education Programs, Materials, and Technologies and the Assessment of Learners and Learning*. In: Justin Dillon, Michael Brody, Robert B. Stevenson (eds.). *International Handbook of Research on Environmental Education* (pp. 283-288) New York: Routledge Publishers.

Butler, C. D. (2018). Climate Change, Health and Existential Risks to Civilization: A Comprehensive Review (1989-2013). *International journal of environmental research and public health*, 15(10), 2266.

Cook, S. & Berrenberg, J. L. (1981). Approaches to encouraging conservation behavior: A review and conceptual framework. *Journal of Social Issues*, 37 (2), 73-107.

Gestoso, I., Cacabelos, E., Ramalhosa, P., Canning-Clode, J. (2019). Plasticrusts: A new potential threat in the Anthropocene's rocky shores. *Science of The Total Environment*, 687: 413-415.

Guerra, J., Schmidt, L. & Nave, J.G. (2008). Educação Ambiental em Portugal: Fomentando uma Cidadania Responsável. VI Congresso Português de Sociologia. *Mundos Sociais: Saberes e Práticas*. 25 a 28 de junho. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Hollweg, K. S., Taylor, J. R., Bybee, R. W., Marcinkowski, T. J., McBeth, W. C., & Zoido, P. (2011). *Developing a framework for assessing environmental literacy*. Washington, DC: North American Association for Environmental Education.

Hungerford, H.R. & Volk, T. (1990). Changing learner behavior through environmental education. *The Journal of Environmental Education*, 21 (3), 8-22.

Igbokwe, A.B. (2012). Environmental Literacy Assessment: Exploring the Potential for the Assessment of Environmental Education/Programs in Ontario Schools. *International Journal for Cross-Disciplinary Subjects in Education (IJCDSE)*, 3 (1): 648-656.

Louv, R. (2005). *Last Child in the Woods: Saving Our Children From Nature Deficit Disorder*. Chapel Hill, NC: Algonquin Books.

Lucas, A. M. (1979). *Environment and environmental education: Conceptual issues and curriculum implications*. Melbourne, VIC: Australian International Press and Publications.

Mcdonald, F. (2014). Developing an Integrated Conceptual Framework of Pro-Environmental Behavior in the Workplace through Synthesis of the Current Literature. *Administrative Sciences*, 4: 276-303.

Ojalammi, S. & Nygren, N.V. (2018). Visitor Perceptions of Nature Conservation at Helsinki Zoo. *Anthrozoös*, 31 (2): 233-246. DOI: 10.1080/08927936.2018.1434063.

Schmidt, L., Nave, J.G., O'Riordan, T. and Guerra, J. (2011). Trends and Dilemmas Facing Environmental Education in Portugal: From Environmental Problem Assessment to Citizenship Involvement. *Journal of Environmental Policy & Planning* Vol. 13 (2): 159-177.

Silva, J.B.P. & Gomes, C.S.F. (2016). Pedra Natural. Entrada para o Dicionário Enciclopédico da Madeira. Projeto Aprender Madeira. Disponível em: <http://aprenderamadeira.net/pedra-natural/>. Acedido a 20 de agosto de 2019.



Spínola, H. (2016). Políticas Ecológicas. Entrada para o Dicionário Enciclopédico da Madeira. Projeto Aprender Madeira. Disponível em: <http://aprendermadeira.net/politicas-ecologicas/>. Acedido a 25 de agosto de 2019.

Spínola, H. (2015). A Literacia Ambiental numa Escola sem Muros. In: Fraga, N.S. & Kot-Kottecki, A.F. (org.). *A Escola Restante*. (pp 132-145). Funchal. CIE-UMa. . ISBN 978-989-95857-6-8. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.13/1362>. Acedido a 10 de agosto de 2019.

Stern, P. (2000). Toward a coherent theory of environmentally significant behavior. *The Journal of Social Issues*, 56 (3): 407-424.

UNESCO- United Nations Educational, Scientific and Cultural Organisation. (1972). Convention Concerning the Protection of the World Cultural and Natural Heritage, 16 November 1972. Disponível em: <https://www.refworld.org/docid/4042287a4.html>. Acedido a 29 agosto de 2019.

Uzzell, D., Rutland, A., & Whistance, D. (1995). Questioning values in environmental education. In Guerrier, Y., Alexander, N., Chase, J., & O'Brien, M. (Eds.), *Values and environment: A social science perspective* (pp. 171-182). Chichester, UK: John Wiley & Sons.

Wilke, R. (Ed.). (1995). Environmental Education Literacy/Needs Assessment Project: Assessing environmental literacy of students and environmental education needs of teachers. Final report for 1993-1995 (pp. 5-6). Stevens Point, WI: University of Wisconsin-Stevens Point.

Zanirato, S. (2018). Patrimônio e identidade. *Revista CPC*, 13(25), 7-33. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v13i25p7-33>. Acedido a 01 de janeiro de 2020.

# LA DIMENSIÓN FORMATIVA EN LA SOCIALIZACIÓN DEL PATRIMONIO

THE TRAINING DIMENSION  
IN THE SOCIALIZATION  
OF CULTURAL HERITAGE



Francisco Aznar Vallejo

faznar@ull.es

Universidad de La Laguna, Canarias

## NOTA BIOGRÁFICA

Catedrático de Metodología y Didáctica de las Bellas Artes,  
Universidad de La Laguna;

Vicepresidente del Centro Internacional para la Conservación  
del Patrimonio (CICOP);

Director del Máster universitario en Uso y Gestión del  
Patrimonio.

## RESUMO

El patrimonio es el discurso con el que cualquier grupo estructura su sistema de símbolos, ideas y referentes mediante una activa construcción social abierta al conocimiento y al disfrute de todos.

La socialización es un permanente proceso de construcción de la realidad individual a partir de la armónica relación con el entorno, bajo la influencia de las prácticas y experiencias del grupo de pertenencia.

Hoy es necesario cohesionar y articular de manera práctica y productiva: territorio, sociedad y patrimonio.

El Patrimonio se ha venido enfrentando desde muy distintas perspectivas, pero muy escasamente desde la formación de quienes se dedican a su cuidado y gestión. Motivo por el cual la cualificación al más alto nivel de sus gestores se vuelve un problema de máxima importancia, especialmente a la luz de la complejidad los cambios y el número de distintas disciplinas, métodos y técnicas que en él ahora concurren.

## PALAVRAS – CHAVE

Patrimonio; Socialización; Gestión; Formación profesional.

## ABSTRACT

Our patrimony is the dialogue that occurs between any group structures, its system of symbols, ideas and references that result through active social construction while remaining open to the knowledge and enjoyment of all.

Socialization is the permanent process of building an individual reality based on the harmonious relationship with the environment, under the influence of the practices and experiences of the group.

Today it is necessary to unite and articulate all of these in a practical and productive way: territory, society and patrimony.

Our Patrimony has been managed through many different approaches but has been very rarely done by the trained professionals that have already dedicated to its care and maintenance. Therefore, it is of the utmost importance that the training of the management team must be that of the highest level, especially in light of the complexity resulting from the recent changes and the number of different disciplines, methods and techniques that now concur in it.

## KEYWORDS

Cultural heritage; Socialization; Management; Professional training.

“O homem é consciente e, na medida em que conhece, tende a se comprometer com a própria sociedade”

Paulo Freire

Falta, a nuestra sociedad, una experiencia consciente y creciente de apropiación de todas esas cosas del pasado con las que está construido el presente. Estamos acostumbrados a considerar el patrimonio como algo ajeno y separado de la vida de todos los días, sin advertir que es precisamente el patrimonio quien constituye, sostiene y da sentido a nuestra vida de ahora mismo.

El patrimonio es el discurso con el que cualquier grupo o territorio estructura todo su sistema de símbolos, ideas y referentes, sustentados mediante una activa construcción social y mental, en tanto que hecho cognoscitivo y sensible, de dominio colectivo y universal, abierto al conocimiento y al disfrute de todos.

La construcción social del patrimonio se asienta y despliega a partir del contexto en el que en cada caso se produce y donde el territorio, la historia o la economía local se constituyen en piezas básicas de su conformación, para proporcionar a cada uno de sus miembros el conjunto de valores y significados que los conforma y distingue, dándoles identidad y sentido de pertenencia.

Así, es imposible desligar a los individuos del entorno en el que viven y de todo aquello que perciben y que da sentido y significación a su universo, toda vez que el hombre es parte activa y consustancial del ecosistema en el que prospera, siendo la cultura su mecanismo básico de adaptación.

Razón por la que cualquier pretensión de estudiar o comprender el alcance y la significación del patrimonio ha de tener muy presente no solo a la sociedad que lo acredita sino también el territorio donde este se constituye.



Habida cuenta que el territorio es una realidad, que conjuga espacio físico y espacio simbólico. Espacio que se vive, se piensa, se representa y se construye desde lo social, lo histórico, lo económico y lo político. Es el “lugar” donde lo “local” adquiere una particular importancia, pues frente a los fenómenos de la globalización, las políticas de proximidad surgen como una certeza para responder a los requerimientos de la mayoría de los aspectos capitales de la vida de nuestros ciudadanos.

Circunstancias éstas que nos llevan a esbozar, como ya hemos dicho, una particular aproximación a una nueva conceptualización del Patrimonio. Entendiéndolo como un hecho global, construido a través de la experiencia de su condición y de su lugar, en cada tiempo y sociedad. Asumiendo el patrimonio como una empresa integral que reúne y subsume todos los aspectos y expresiones de la cultura. Considerando el patrimonio como una vía para percibir la realidad con coherencia, mediante unos determinados valores que se organizan e interiorizan en una suerte de lugares, vestigios, símbolos y creencias. Y finalmente, entendemos el Patrimonio como un sistema, reflejo de un complejo universo intelectual, ético y simbólico por el que los individuos se afirman, se comunican y se reconocen entre sí lazos de pertenencia, que liga a los sujetos a su entorno.

De manera que, si vemos la socialización como un continuo proceso de construcción de la realidad individual a partir la armónica, constructiva y permanente relación con el entorno, bajo la influencia de las prácticas y experiencias del grupo social de pertenencia, donde se adquieren e interiorizan los saberes y valores que llevan a los sujetos a la comprensión de su pasado permitiéndoles asumir con coherencia su tiempo y su lugar: todo eso es el Patrimonio.

Estas consideraciones nos han llevado a pensar en cómo cohesionar y articular de manera practica y productiva: territorio, sociedad y patrimonio. Para lo que se requiere, en primer lugar, superar radicalmente la práctica tradicional que entiende el patrimonio como un

hecho de veneración o diletantismo, para pasar a convertirlo en un activo recurso para producir beneficios de todo tipo para cada uno de los ciudadanos individualmente y para la sociedad en su conjunto. De ahí la necesidad de incorporar la formación para la gestión del patrimonio a dinámicas sociales y económicas que trascienden la escala habitual de nuestra tarea.

Curiosamente, hemos venido enfrentando profusamente el patrimonio desde muy distintas perspectivas y, sin embargo, por extraño que parezca, muy escasamente desde la óptica de la formación de quienes se dedican a su cuidado, difusión y gestión.

El problema que hoy plantea la formación para el Patrimonio no es ni con mucho nuevo, puesto que, con cada cambio social (y a nadie se le escapa que estamos inmersos en uno), se ha venido produciendo un intenso y a veces acalorado debate acerca de qué son y para qué sirven dichas enseñanzas. Esta vieja discusión se ve ahora acrecentada con la incorporación de más y nuevos argumentos, dada la amplitud de posibilidades que en la sociedad de ahora mismo encuentran el uso y la gestión de los bienes y recursos patrimoniales.

Siendo tan trascendentes, como se ve, los frutos y la utilidad del Patrimonio para cualquier sociedad, su manejo, por lo mismo, se vuelve cada vez más complejo e intrincado. Motivo por el cual el perfeccionamiento de sus gestores se vuelve un problema de máxima importancia, especialmente a la luz de la complejidad y la rapidez de los cambios, así como debido al número de distintas disciplinas, métodos y técnicas que en él ahora intervienen.

Así, el debate de fondo sobre el papel de la enseñanza superior de los profesionales del mundo del Patrimonio, en un mundo en mutación debe partir de la necesidad de llegar a un equilibrio juicioso e inteligente entre la preservación de los aspectos que son parte de su patrimonio cultural, de una parte, y los cambios indispensables para asegurar su avance y pervivencia, garantizando un progreso suficiente desde una visión global de sus objetivos y expectativas y de su

funcionamiento, de otra. Creemos que es esta doble dimensión de particularidad y universalidad la “clave” sobre la que debe descansar el inmenso arco de posibilidades “reales” que este tipo de estudios suponen para nuestra sociedad actual.

Esfuerzo de adaptación que desde nuestro punto de vista debe satisfacer al menos unas exigencias mínimas y que son: “pertinencia” es decir definir su papel y su lugar en la sociedad y por tanto su misión y sus funciones; “calidad” concepto multidimensional que persigue la tendencia a la excelencia y que engloba tanto a los docentes como a las principales funciones y actividades de enseñanza; y por último “apertura” no solo en tanto que internacionalización, característica ésta intrínseca a la enseñanza superior y que hoy se encuentra si cabe más acentuada, sino más bien como posicionamiento favorable a pensar y actuar conforme a criterios menos cerrados e intransigentes, como apertura a la colaboración, la innovación y el progreso.

Hoy se puede constatar, un poco por todas partes, que alrededor del Patrimonio o mediatizadas por él, se producen, en la sociedad actual, un número considerable de nuevas actividades y profesiones, tanto artísticas y educativas como turísticas y económicas. Esa prolija y amplia posibilidad nos ha llevado a pensar y proponer, desde hace ya muchos años, que es hacia esos requerimientos hacia donde debe encaminarse la formación de los futuros profesionales del Patrimonio, y sin que ello signifique, por otra parte, el abandono de otros propósitos, más tradicionales.

Relegando a posteriori, la discusión acerca de QUÉ enseñar y de CÓMO enseñarlo, parece más conveniente reflexionar, en primer lugar, sobre el PARA QUÉ se enseña. Esto es, retrotraernos a la vieja disputa sobre qué es y cuál es la función del Patrimonio. En este sentido, resulta claro que el papel y el lugar que nuestra sociedad le asigna y le reclama, no es, ni con mucho, semejante o parecido a los de tiempos pasados.

Con lo que, el “objeto” del quehacer formativo en las Universidades habrá de tender decididamente a la capacitación, al más alto nivel, de sus titulados para el correcto y mejor desempeño de todas aquellas funciones que su titulación ampare y que la ley les reconozca. Cuestión ésta que, ciertamente, debería estar en el centro de cualquier planteamiento pedagógico que se quiera proponer a la hora de programar el futuro de sus enseñanzas.

Curiosamente, si bien el sistema ha recogido esta inquietud social y evidenciado tales señales, la universidad como “institución” por el contrario, en términos generales aún no ha reaccionado suficientemente a tales indicaciones. Y más allá de un sin fin de cursos genéricos, todavía no se ha acometido seriamente en ninguna parte, el estudio y la construcción operativa de la “figura profesional” en relación con el manejo, la gestión y la puesta en valor del Patrimonio y la Cultura.

La oferta universitaria para la formación de los gestores del Patrimonio no puede decirse que sea escasa, pero si, por el contrario, muy heterogénea y dispar. Ciertamente, desde la perspectiva corporativa ofrece todavía un panorama confuso, disorde y muy fragmentado. Los conocimientos y las habilidades profesionales están alejadas de la sociedad real y de sus instituciones, así como de la comunicación, el derecho, la sociedad del conocimiento o la economía de la cultura. Cuestiones estas que han de estar en el centro de una estructuración coherente para atender a las necesidades de capacitación profesional del gestor del patrimonio que no puede permitirse hoy ser solo un técnico especializado en una sola materia, sino que se requiere una real y efectiva formación multi y transdisciplinar, en una efectiva y eficaz integración de todos los ámbitos y sectores concernidos.

Es por todo lo expuesto que, desde la Universidad de La Laguna, hemos querido contribuir, desde hace ya algunos años, a menguar esta importante laguna, en lo que hace a la capacitación de los profesionales que han de manejar nuestro patrimonio cultural. Así, son



muchas las acciones, cursos, seminarios y programas de Doctorado que al respecto hemos venido desarrollando desde 1987: “Uso y gestión de los Patrimonios Insulares”, “Gestión y puesta en valor del Patrimonio”, “Uso y función didáctica del patrimonio y los bienes culturales”, “Patrimonio y gestión cultural”, “Educación artística y gestión patrimonial”, “Actualización en museografía”, “Técnicas y recursos en la instrumentalización de muestras y exposiciones”, “Gestión educativa y cultural del patrimonio”, y un largo etcétera que se hace prolijo enumerar aquí.

Razones estas que, en coherencia, nos han llevado a diseñar, plantear y poner en marcha un “Máster Universitario en Uso y Gestión del Patrimonio Cultural”. Oferta que pretende ser lo más completa posible en cuanto al ámbito competencial al que aspira la titulación, adaptándose a las necesidades características y diversidad del Patrimonio Cultural de las Islas Canarias.

Pretendiendo atender, toda vez que por el momento ninguna otra actuación se ocupa de ello en iguales términos, a los elementos más sobresalientes del acervo cultural y patrimonial común de Canarias. Construcciones, monumentos, lugares, caminos, casas y pueblos, fiestas, enseres e instrumentos que reúnen esfuerzo, inteligencia e ímpetu creativo y que han dejado una huella imperecedera en nuestro patrimonio, que reclama un acertado y correcto estudio, salvaguarda y puesta en valor, para que el legado de nuestros mayores siga rindiendo propicios frutos a las generaciones futuras.

Creemos que, en este tipo de formación, máxime si tiene una orientación profesionalizante, el afán primero debe ser poner el “acento” en el alumno. De manera que la acción docente ha de plantearse desde los siguientes ítems de trabajo: Promover debate y descubrimiento; propiciar la divergencia; suscitar la confrontación creativa problematizando los contenidos de aprendizaje; impulsar que cada cual sea el motor de su formación generando grupos de trabajo muy mediatizados; mentalizar acerca del rol de futuro; favorecer el aprender a aprender haciendo; desarrollar la valoración y el juicio crítico; y habituar a comunicar y poner en práctica las ideas.

A esto no es ajena la necesidad de conocer y comprender el patrimonio en el medio en el que se asienta y del que es parte integral. Y ello desde una visión global e inclusiva a partir del territorio, la sociedad y los activos patrimoniales. La organización de la enseñanza-aprendizaje se desarrolla desde las siguientes áreas:

1. La “Caracterización”: Buscando determinar los atributos y la caracterización del patrimonio en el territorio insular, así como la relación entre los recursos y su proceso de patrimonialización.
2. La “Hermenéutica”: Para interpretar y explicar que entendemos por patrimonio, junto con la noción de patrimonio insular, y la relación entre memoria, identidad colectiva y patrimonio en el marco insular.
3. La “Valoración”: Para estimar las cuestiones de apreciación, puesta en valor y la difusión del patrimonio, incluido el turismo cultural, la participación ciudadana y la educación sobre el patrimonio.
4. El “Uso y la gestión”: De cara a poder plantear un programa de actuación innovador e integral para las prácticas de planificación, uso y gestión de los bienes patrimoniales en el territorio insular desde una perspectiva de su desarrollo sostenible.

Habrán de enunciarse, igualmente, unos objetivos didácticos de carácter general que puedan satisfacer estas metas, definidores de los rasgos, el alcance y la significación de la acción educativa. Estos serán a nuestro juicio:

- Contribuir decididamente a la formación integral de los sujetos, a través del desarrollo de todas sus potencialidades.
- Propiciar el conocimiento y la investigación, a través del aprendizaje y la ejercitación práctica, en todos aquellos saberes que sustentan el hecho patrimonial.
- Alentar y potenciar el pensamiento y la acción analítico-sintética, la sensibilidad y el juicio crítico.

- Posibilitar el conocimiento y la valoración del patrimonio en sus dimensiones: social, educativa y económica.
- Y promover la experimentación y la creación independiente de trabajos y proyectos.

Del mismo modo que el proceso de formación tendrá como objetivos específicos: Proporcionar una formación avanzada (conocimientos, habilidades y destrezas), de carácter especializado y multidisciplinar, en el ámbito del uso y la gestión del Patrimonio. Poner a los discentes en contacto directo con la realidad administrativa y territorial de la gestión del Patrimonio Cultural. Así como dotarlos de las herramientas y estrategias más idóneas, y procurar la adquisición de las competencias necesarias que permitan el correcto desempeño de la actividad profesional en el ámbito del uso y la gestión del Patrimonio.

Reconocida pues, la necesidad de modificar la estrategia educativa para la formación de los profesionales del Patrimonio, así como lo indispensable de su adecuación a las actuales demandas y requerimientos sociales, es por lo que consideramos oportuno adelantar alguna propuesta relativa a lo que podemos llamar “contenidos comunes de formación”. Estos, desde el punto de vista didáctico pueden ser reducidos a cinco epígrafes o “áreas de aprendizaje”. Y que, a nuestro juicio serán:

**Dominio cognoscitivo** - Como grado de información específica y significativa sobre: principios, vocabulario, convenciones, métodos, teorías, hechos específicos y criterios.

**Capacidad de comprensión** – Como destreza para percibir y formular conceptos. Permitiendo expresar, compartir e intercambiar ideas y sentimientos.

**Habilidad de planeamiento** – Como aptitud para determinar, establecer y organizar los recursos o los medios que permitan lograr un propósito, así como resolver una tarea. Este será el campo de la intuición y la creatividad.

Habilidad de implementación – Como utilización de los procedimientos, las técnicas y los utensilios de manera que se favorezca el correcto desarrollo de la tarea propuesta. Este será el campo del “oficio”.

Capacidad crítica – Como disposición para valorar y emitir juicios conscientes acerca de: ideas, métodos, materiales, soluciones, obras, sistemas, etc.

Estas cinco áreas de aprendizaje habrán de constituir el ingrediente básico con el que componer y ordenar cualquier “esquema de formación” en el marco de los gestores del patrimonio. Pero conviene precisar, al hilo del razonamiento que venimos manteniendo, que tanto las materias como las actividades con las que componer la estructura funcional de la enseñanza, deben aportar un alto sentido axiológico y sus contenidos mantener un carácter: significativo, válido, aplicable, y vital. Por lo que de cara al establecimiento concreto del “plan”, las áreas, materias y asignaturas habrán de dividirse básicamente en tres grandes grupos o apartados:

Enseñanzas de tipo general. Determinantes del sentido académico, formativo y cultural en el ámbito del uso y la gestión del patrimonio.

Enseñanzas de índole específica. Correspondientes a los saberes y tareas, teóricos o experienciales, propios del Patrimonio.

Enseñanzas de carácter profesional. Encaminadas a la capacitación especializada, en relación con los distintos marcos de actuación facultativa.

Por ultimo y puestos a generar un esquema estructural para los estudios de posgrado en Uso y Gestión del Patrimonio proponemos la estructura docente siguiente:



a) Un Módulo de fundamentos, que habrá de abarcar los siguientes contenidos.

- Patrimonio Cultural. Conceptos, historia y ámbitos.
- Conservación e intervención del Patrimonio.
- Participación, valor y uso del Patrimonio Cultural.
- Instrumentos de acción y gestión del Patrimonio.
- Planeamiento, dirección e implementación de Proyectos.

b) Un Módulo que recoja los distintos ámbitos.

- Gestión económica y financiera del Patrimonio Cultural.
- Uso y Gestión Didáctica del Patrimonio.
- Rescate, valorización y difusión del Patrimonio Inmaterial.
- Dimensión Turística del Patrimonio.
- Caracterización y manejo de los Patrimonios Insulares.

c) Un Módulo que atienda al campo instrumental.

- Artes visuales y TIC aplicadas a la gestión y uso del Patrimonio.
- La innovación e investigación en la acción patrimonial.
- Museografía y Museotécnica.
- Recursos y estrategias en la interpretación del Patrimonio.

d) Un Módulo que atienda al PRÁCTICUM.

- Prácticas Externas.
- Trabajo de fin de Máster.

Desde el punto de vista académico y profesional, esta propuesta formativa pretende tanto propiciar una específica especialización como la mejor y más acertada inserción en el mundo laboral de sus egresados. La participación de alumnos procedentes de otras titulaciones, en principio alejadas del ámbito del patrimonio (Geografía, Derecho, Periodismo, Historia del Arte, Museología, Bellas Artes, etc...) hace que el propio marco de estudio se convierta en un laboratorio de inter y multidisciplinariedad que ayuda enormemente la confrontación creativa de ideas y proyectos, propiciando planteamientos y soluciones más abiertas e innovadoras.

Igualmente, la distinta y distante procedencia académica del profesorado, asegura la riqueza y el rigor de las diferentes materias concernidas en el programa. A esto habrá de añadirse el permanente contacto con la realidad social, cultural y económica del momento, cuestión que garantizan en cada caso los distintos profesionales, expertos y profesores invitados, así como con prácticas visitas y talleres realizadas en distintas instituciones y empresas del sector.

Así, se hace patente la conveniencia de precisar una nueva metodología y un marco conceptual que fundamente y oriente la práctica pedagógica de la formación “con”, “por” y “para” el Patrimonio. Para lo que se hace necesario “re-definir” los objetivos y los contenidos que cada materia debe abarcar; del mismo modo que es necesario “re-pensar” los procesos de enseñanza-aprendizaje (desde la indagación, la reflexión personal y la adquisición de competencias); así como “re-posicionar” la acción educativa en razón de asumir el Patrimonio como parte de la vida real de todos y cada uno de nuestros ciudadanos. Procurando en todos los casos que cada uno de los ámbitos, que cada uno de valores y que cada uno de los enfoques educativos de cualquiera de las disciplinas creen puentes y pasarelas entre si, dando realidad y sostenimiento a una enseñanza verdaderamente interdisciplinaria y transdisciplinaria.

Qué duda cabe que la problemática del patrimonio constituye hoy un difícil empeño intelectual, al tiempo que un destacado y complejo reto social. La aplicación inteligente de los preceptos, corrientes y

metodologías en el marco de la intervención, el manejo y la didáctica moderna, invitan por ello a desarrollar una formación plenamente adaptada a las especificidades de este campo científico y cultural, conciliando de manera sólida e innovadora las exigencias artísticas, educativas y económicas que la sociedad hoy reclama.

En un mundo tan incierto y cambiante como el nuestro sería un error no plantear una formación capaz de captar las tendencias y reaccionar para su transformación cualitativa en cada caso. Lo dicho hasta aquí, no debe entenderse, en consecuencia, como un punto de llegada, sino más bien como un punto de partida. Apuntes y esbozos con los que hemos pretendido proponer una forma de actuar, que tienen que ver con un hecho singular y un fenómeno social de nuestro tiempo: el Patrimonio, su concepto, su uso, su manejo y su explotación.

Ciertamente, hoy el hecho Patrimonial es la máxima forma de innovación, de tradición, de diversidad, así como de comunicabilidad de la diversidad y por ello de la democratización de la cultura. El Patrimonio ha terminado por convertirse en el paradigma educativo más próximo, atractivo y poderoso de la sociedad de nuestros días. Pero la experiencia nos enseña que sólo desde el planeamiento de la acción formativa de sus gestores el patrimonio puede alcanzar su mayor y mejor pujanza y provecho. Y esto es imposible sin profesionales con vocación, capaces y preparados. Ese es el reto.

## BIBLIOGRAFIA

Aguirre, I. (2008). *El acceso al patrimonio cultural: retos y debates*. Pamplona: Universidad Pública de Navarra.

Aujas E. & Benoît R-M. (coord.) (2007). *Les métiers de la pédagogie du patrimoine*. Saint Romain: APCP France.

Aznar, F. (2017). Aproximación a una nueva conceptualización del patrimonio. En Z. C. Almodóvar, R. E. Belmonte & G. D. Domínguez, *Actas del VI Congreso internacional de arte y educación* (pp. 42-47).

Borghi, B. (coord.) (2009). *Un patrimonio di esperienze sulla didattica del Patrimonio*. Bologna: Pàtron.

Calaf, M. R. (2009). *Didáctica del patrimonio. Epistemología, metodología y estudio de casos*. Gijón: Trea.

Dewey, J. (1947). *El arte como experiencia*. México: F.C.E.

Gardner, H. (2000). *La educación de la mente y el conocimiento de las disciplinas*. Barcelona: Paidós.

Davallon, J. (1999). *L'Exposition à l'oeuvre. Stratégies de communication et méditations symboliques*. Paris: L'Harmattan.

Martin, C. (2008). *Les formations à l'administration et à la gestion de la culture: Bilan, analyse et perspectives*. Paris: Culture Études, MCC.

Ministerio de Educación y Ciencia (2008). *Principios y orientaciones prácticas para el diseño de estudios de Grado, Máster y Doctorado*. Estudio EA2008-0292. MEC.

Patriat, C. & Mathieu, I. (coord.). (2012). *L'université et les formations aux métiers de la culture, la diagonale du flou*. Dijon: Edt. Universitaires.

Toscano, M.A. & Gremigni, E. (coord.). (2008). *Introduzione alla sociologia dei Beni Culturali*. Testi antologici. Firenze: Le Lettere.



# ARTIGOS CONVITE À PARTICIPAÇÃO (*CALL FOR PAPERS*)



Correia, Isabel & Vasconcelos, Margarida

*Uma Visitação e Vieira Lusitano*  
*The Visitation and Vieira Lusitano*

# UMA VISITAÇÃO E VIEIRA LUSITANO

## A VISITATION AND VIEIRA LUSITANO



Isabel Eunice Baptista Correia

isabelabap\_@hotmail.com

Faculdade de Belas-Artes, Universidade de Lisboa

Margarida Pereira de Magalhães Vasconcelos

vasconcelospereiram@gmail.com

Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

### NOTA BIOGRÁFICA

**Isabel Correia**, nasceu em 1999 no Funchal, Madeira. Ingressou no curso Ciências da Arte e do Património em setembro de 2017, pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Em julho 2019, integrou o programa “Estágio de Verão” no Museu de Arte Sacra do Funchal.

**Margarida Vasconcelos**, nasceu em 1999 no Funchal, Madeira. Ingressou no curso História de Arte no ano de 2017, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Em julho 2019, integrou o programa “Estágio de Verão” no Museu de Arte Sacra do Funchal.

## RESUMO

Este trabalho de investigação surge no âmbito de um estágio desenvolvido pelas autoras, no Museu de Arte Sacra do Funchal (MASF). Este consistiu no estudo, diagnóstico e levantamento do estado de conservação de uma pintura barroca de séc. XVIII atribuída a Vieira Lusitano, pintor da Casa Real Portuguesa durante o reinado de D. João V.

Este estudo averigua a atribuição da pintura em questão ao referido autor. Assim, efetuou-se a análise de fontes documentais, no domínio da História de Arte durante o séc. XVIII, tanto a nível histórico como iconográfico. Durante este estudo, elaborou-se uma comparação entre diversas pinturas de Vieira Lusitano, para que se pudesse estabelecer ou não uma relação entre esta e outras obras atribuídas ao artista.

Posteriormente, concretizou-se uma investigação complementar, que compreendeu alguns exames de imagiologia, para o estudo material da pintura: fotografia digital de luz visível; fotografia de luz rasante; e fotografia de radiação infravermelha, para uma melhor análise do ponto de vista técnico-material do suporte e da camada pictórica da obra.

**PALAVRAS – CHAVE:** Pintura; Visitação; Arte Barroca; Análise; Conservação.

## ABSTRACT

This research work is a result of an internship developed by the authors at Museu de Arte Sacra do Funchal (MASF). The tasks of the internship consisted on a study, diagnostic, and survey of the state of conservation of a baroque painting from the 19th century attributed to Vieira Lusitano, painter of the Portuguese Royal House under the reign of D. João V.

The present study seeks to clarify questions about the attribution granted to the painting in question. Through historical research of Art History of the 18th century, both historical and iconographic allowed us to analyze the painting. During this study, we compared several Vieira Lusitano paintings, in order to establish any connection or distinction concerning the artist work.

Afterwards, a complementary investigation was made, which included imaging techniques, in the material study of the painting studied as: visible light digital photography; tangential light photography; and infrared photography for a better analysis from the technical-material standpoint and the pictorial layer of the work.

**KEYWORDS:** Painting; Visitation; Baroque art; Analysis; Conservation.

## INTRODUÇÃO

A obra *Visitação* (MASF108), consiste numa pintura que representa uma cena bíblica. É atribuída a Vieira Lusitano e pertence atualmente à coleção do Museu de Arte Sacra do Funchal (MASF). A informação existente acerca da sua autoria e proveniência é escassa, sendo que inicialmente a autoria e época de produção eram dadas como desconhecidas. O primeiro registo encontrado sobre a atribuição da autoria é de 1995. Esta escassez de informação era motivada, em parte, pelo facto de a obra ainda não ter sido alvo de um estudo mais aprofundado. Fez-se então o estudo deste quadro, com o intuito de obter respostas e completar a sua ficha de inventário.

O trabalho foi realizado no âmbito de um projeto de estágio de Verão<sup>1</sup> realizado pelas autoras do artigo no MASF, e foi orientado pela museóloga Elisa Vasconcelos e a conservadora-restauradora Carolina Ferreira.

<sup>1</sup> Estágio de Verão Estudantes Universitários. Programa da Direção Regional da Juventude e Desporto – Secretaria Regional da Educação (Região Autónoma da Madeira).

A atual equipa do Museu de Arte Sacra do Funchal, mostrou-se motivada por realizar o inventário desta pintura de modo a se obter novas informações históricas, estilísticas, técnicas e materiais de reconhecimento artístico-cultural.

Os documentos da obra, que se encontram no MASF, consistem em registos de entrada e inventário. Esta obra passou a integrar o museu a partir de 1957, como mencionado nos inventários da Instituição. A ficha de inventário inclui informações como: número de inventário, título, técnica, dimensões, data, atribuição e local de proveniência.

Neste artigo irão ser abordadas questões como: a origem da obra e o local para onde foi realizada; descrição da obra, incluindo o seu significado Iconológico e Bíblico; e comparação com outras obras do artista Vieira Lusitano para uma melhor perceção e compreensão na questão da autoria.

Ao nível técnico, serão abordados os processos de produção da obra, a sua caracterização técnica e material e, por fim, a avaliação do estado de conservação da obra, o que irá contribuir para futura intervenção de conservação que possa vir a ser realizada na referida obra.

## PROVENIÊNCIA DA PEÇA - A SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DO FUNCHAL



A pintura *Visitação* (Imagem 1), que faz hoje parte do MASF, a sua autoria está atribuída ao artista Francisco Vieira, mais conhecido por Vieira Lusitano. Provém, segundo o inventário do MASF, da Santa Casa da Misericórdia do Funchal, que integrava o antigo Hospital e a Capela de Santa Isabel. Edifício onde atualmente está sediado o Governo Regional da Madeira, no quarteirão entre a Avenida Zarco e a Avenida Arriaga.

A Misericórdia do Funchal resulta da construção de um Hospital para a ilha da Madeira e para a cidade do Funchal. O provedor João Fernandes viria a ser o responsável pela sua edificação, a mando de D. Manuel I. A sua construção apenas se principiou em 1508 (junto à capela de São Paulo). O antigo hospital ficava instalado na freguesia de Santa Maria Maior até fins do séc. XVII ou princípios do séc. XVIII.

A obra a *Visitação* proveio da Capela de Santa Isabel do Hospital da Santa Casa da Misericórdia, onde foi colocada na sequência de obras na mesma, que decorreram no séc. XVIII (Jardim, 1996). No edifício o acesso à capela fazia-se pelo vestíbulo (Jardim, 1996, p.144) (Imagem 2).





Imagem 1\_Pintura *Visitação*, técnica a óleo sobre tela © Arquivo MASF, 2019



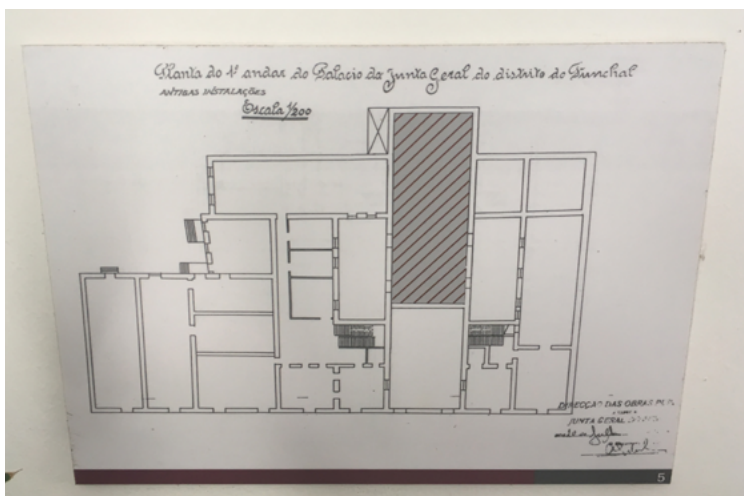


Imagem 2\_Planta do edificio da Santa Casa da Misericórdia do Funchal. © Isabel Correia e Margarida Vasconcelos, 2019.

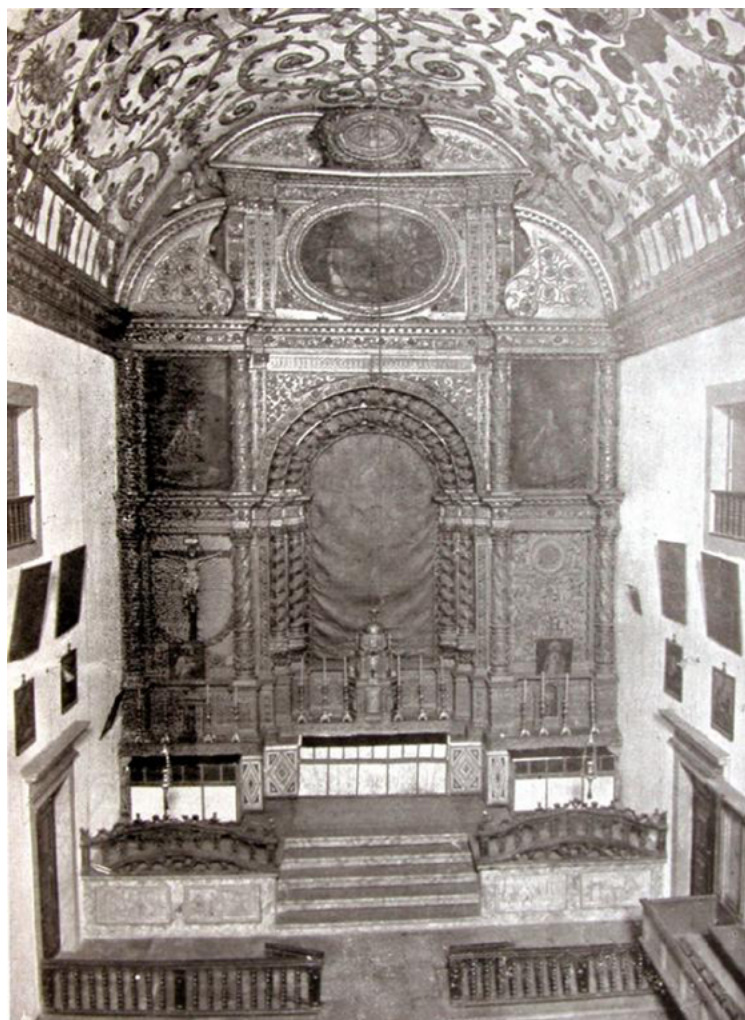


Imagem 3\_Altar da Capela de Santa Isabel do Hospital da Misericórdia, Fotografia documental, Foto Perestrellos, 1932. ©ABM



Imagem 4\_Altar da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, ©DRAC, 2004.

Lameira, Ladeira & Freitas (2014, p. 65), na obra sobre os retábulos da Diocese do Funchal descrevem “um camarim emoldurado por dois pares de mísulas (...) em cuja boca se expunha um painel pintado amovível”. Este camarim, procedente da Capela de Santa Isabel do referido Hospital, espaço onde se supõe que originalmente poderia estar colocada a pintura, encontra-se hoje na igreja do Sagrado Coração de Jesus<sup>2</sup>. As suas dimensões são aproximadamente 273 cm por 331,5 cm e a altura do arco será entre os 120 cm e os 130 cm. Verificou-se, *in loco* que estas dimensões coincidiam com as medidas da pintura. Além disso, são ainda hoje visíveis, na tela, as marcas do recorte em arco da boca do camarim que omitiria as extremidades do topo da pintura. Assim, devido a estas evidências – as marcas de recorte da boca de camarim e as dimensões da pintura *Visitação* – admite-se que esta pintura tenha figurado no camarim do altar-mor da Capela de Santa Isabel (Imagens 3 e 4).

Ainda com base na fotografia da antiga capela (Imagem 3) pode-se supor que a tela que se observa na boca do camarim seja a *Visitação* aqui em análise. O tema do altar-mor seria a iconografia da Virgem, tendo no topo uma Anunciação e, nas laterais, duas Marias Madalenas (Lameira et al., 2014). Dina Jardim (1996), na descrição artística que faz da Santa Casa da Misericórdia do Funchal, na sua obra sobre a mesma, refere as múltiplas alfaías litúrgicas e obras artísticas que existiam na capela daquele hospital. Refere inclusive duas pinturas, um *S. Nicolau* que está atualmente atribuído ao Mestre de Machico e uma *Visitação* do pintor Nicolau Ferreira (Jardim, 1996), porém, não refere a existência de outra *Visitação*.

A partir da documentação consultada no Arquivo Regional da Madeira acerca da Santa Casa da Misericórdia do Funchal, em condições de preservação delicadas verificou-se que, na documentação que alude às Capelas, não há qualquer informação relativa à obra *Visitação*, nem sequer, na secção das heranças ou doações<sup>3</sup>.

Cronologicamente julga-se que a obra esteve na Capela de Santa Isabel, na Misericórdia do Funchal, pelo menos até 1932, pois foi a partir do ano anterior que o hospital foi transferido para o Monte (atual Hospital dos Marmeleiros), tendo sido o património artístico que se encontrava na capela disperso.

<sup>2</sup> O retábulo da demolida Capela da Visitação ou de Santa Isabel bem como boa parte do seu recheio foram transferidos para a igreja do Sagrado Coração de Jesus – Boa Nova, Funchal, construída propositadamente para esse efeito pela Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal, após um longo e controverso processo de adaptação do antigo Hospital de Misericórdia e do alargamento da Avenida Zarco, no Funchal, que se arrastou desde os anos 1930 até à década de 1960 (Mota, 2012, pp. 346-351; Brazão, 2007)

<sup>3</sup> AHM. Santa Casa da Misericórdia do Funchal. Inventário das espécies incorporadas, pp. 10, 28 e 38.

## MUSEALIZAÇÃO DA VISITAÇÃO ATÉ AOS DIAS DE HOJE

Através da documentação de inventário, sabe-se que a *Visitação* integrou a coleção do MASF no ano 1957, juntando-se a um conjunto de obras, provenientes da Misericórdia do Funchal já depositadas anteriormente na coleção do MASF. Atualmente encontra-se colocada na Capela de São Luís de Tolosa, parte integrante do edifício do MASF, antigo Paço Episcopal do Funchal (Carita, 1998). Esta capela e o Paço Episcopal, foram mandados construir por D. Luís Figueiredo de Lemos (7º Bispo da Madeira, Porto Santo e Arguim) (Noronha, 1996 [1722]). A capela data de 1600<sup>4</sup>.

A pintura *Visitação*, aquando da sua entrada no MASF (1957) e segundo registo fotográfico esteve exposta ao público na sala 8, 2º andar do museu. Foi após a remodelação da museografia, levada a cabo no início da década de 90 do século XX no MASF, que a pintura *Visitação* transita da sala 8, para a Capela de São Luís de Tolosa, espaço este que nessa altura passou a integrar a área visitável do Museu.

Sabe-se, de acordo com informação do MASF, que a Dr.<sup>a</sup> Luiza Clode (diretora à data do MASF) fora contactada no ano de 2012, pelo provedor da Misericórdia de Machico e pela D. Luísa Vieira da Misericórdia do Funchal, com o fim de convocar uma exposição aberta ao público compreendendo o acervo da Santa Casa da Misericórdia do Funchal, no âmbito da comemoração do 504º aniversário desta instituição. Esta exposição decorreu na Capela de São Luís Tolosa, onde foi exposto boa parte do espólio artístico de índole religiosa proveniente da Misericórdia do Funchal: algum que já se encontrava depositado no MASF, como foi o caso da pintura *Visitação*, outro depositado no Museu nessa altura.

<sup>4</sup> Rui Carita (1995) no artigo *Os mestres de obras Reais no Séc. XVIII e a reconstrução do Paço Episcopal* refere que o pagamento ao construtor régio de 2000 reis tem a data de janeiro de 1604. A data de 1600 terá ficado conhecida como a data de fundação devido a ter sido em 1600 que foi colocada a data inscrita na fachada da Capela.



## DESCRIÇÃO E SIGNIFICADOS ICONOLÓGICOS



A pintura representa a narrativa bíblica do Evangelho de São Lucas conhecida como *Visitação*. Segundo este evangelho, após receber do anjo Gabriel, a notícia de que estava para ser mãe, e de saber, também através dele, que sua prima Isabel, já em idade avançada, esperava um filho, Maria partiu para Hebrom, para visitar sua prima Isabel e seu marido Zacarias.

Na composição central, Maria e Isabel são representadas enquadradas entre Zacarias e São José. No segundo plano, numa parte mais recuada, é representado um edifício de configuração neoclássica. É possível evidenciar que também as personagens se encontram numa escadaria diante de uma edificação, que se pressupõe ser a casa de Zacarias e Isabel. A cena das duas mulheres fixa momento do seu encontro, quando se saúdam, com um abraço. Trata-se, segundo Réau (1996, p. 205) de um dos cinco quadros narrativos associados, na iconografia ao episódio da *Visitação* e que incluem, além do momento do *Encontro* das duas mulheres, a *Viagem*, o *Canto do Magnificat*, o *Nascimento de São João Baptista* e o *Regresso*. Toda a composição da pintura, principalmente as personagens, fazem convergir o nosso olhar para as figuras de Maria e Isabel. Isabel é representada com um rosto mais corpulento, fazendo-se assim notar a diferença de idades entre esta e Maria.

No canto inferior esquerdo é representada uma figura adulta de vestimenta vermelha com uma criança ao colo. Estas duas figuras são dificilmente distintas devido ao escurecimento que a pintura apresenta. Não é possível determinar se este escurecimento é propositado ou se está relacionado com o estado de degradação da camada pictórica.



Consoante o próprio significado da *Visitação*, a visita de Maria com o filho de Deus, e a notícia de Santa Isabel estar grávida depois de se pensar infértil durante tanto tempo, expressam a natureza divina de Cristo e de São João Batista como seu companheiro predecessor. Concomitantemente, o episódio revela o carácter misericordioso da Virgem, que apesar do seu estado, entrega-se na ajuda da prima mais idosa. O dia 2 de julho, como dia litúrgico da celebração da Visitação de Nossa Senhora, foi o dia instituído como o Dia das Misericórdias. A proximidade desta cena com o carisma das Misericórdias tornou este tema iconográfico muito recorrente nos retábulos-mores das igrejas das Santas Casas (Guedes, 2000). Nesta *Visitação*, observam-se figuras, que não são possíveis de identificar devido ao atual estado de conservação da pintura: uma cabeça feminina atrás de Zacarias (Imagem 5 e 6), uma figura de veste vermelha com uma criança ao colo (Imagem 7) e ainda uma ou mais figuras de menor dimensão que se encontram em frente ao edifício neoclássico (Imagem 8). Conforme o que se verificou comparando esta pintura com outras demais *Visitações*, a figura por detrás de Zacarias poderá ser uma serva, como acontece na *Visitação* do Museu da Guarda. A figura de manto vermelho, sentada nas escadas com uma criança ao colo poderá ser também uma serva. Segundo Réau (1996) a cena da *Visitação*, embora envolvendo essencialmente apenas duas personagens, foi desde cedo complexificada pelos artistas que, frequentemente, acrescentaram as figuras de José e Zacarias de cada um dos lados da cena e, ocasionalmente, adicionaram ainda as figuras de duas servas, as “duas Marias” (pp. 210-211) que seriam as duas irmãs maternas da Virgem: Maria de Cléofas e Maria Salomé. De um ponto de vista inicial, ao tentar definir os traços simbólicos do que aparenta ser o rosto da serva, o observador pode ter alguma dificuldade, pois o que parece corresponder à face é apenas uma mancha escura.

Porém, depois de ter elaborado exame de área, pôde-se concluir que a figura se encontra representada de costas para o observador, por isso, aquilo que se observa é o cabelo entrançado da mesma e não um rosto (Imagem 7).



Imagem 5\_Pormenor da Pintura  
*Visitação*. Cabeça feminina atrás  
de Zacarias. ©Arquivo MASF, 2019

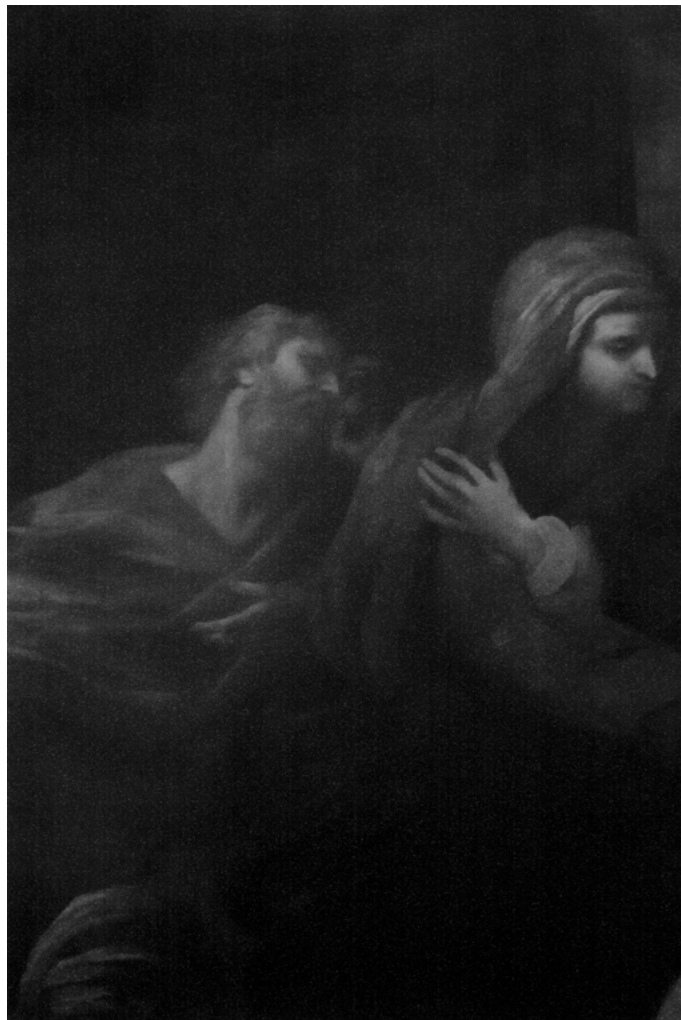


Imagem 6\_Pormenor da Pintura  
*Visitação*. Cabeça feminina atrás de  
Zacarias, fotografia de infravermel-  
hos. ©Arquivo MASF, 2019



Imagem 7\_ Pormenor da Pintura *Visitação*. Figura do manto vermelho com criança ao colo. ©Arquivo MASF, 2019



Imagem 8\_Pormenor da Pintura *Visitação*. Figura lado esquerdo da pintura. ©Arquivo MASF, 2019

## ANÁLISE COMPARATIVA DE OBRAS DE VIEIRA LUSITANO

A partir da pesquisa bibliográfica sobre outras pinturas executadas por Vieira Lusitano (Arruda, 1999, 2000, 2006, 2007; Arruda & Pereira, 2006; Caetano, 1998; Costa, 1929; Falcão, 2003; Ferrão, 1956; Lusitano, 1945; Pimentel et al., 2008; Porfírio, 2001 e Saldanha, 2000, Segurado, 1987) e com a colaboração dos técnicos do Museu de São Roque e do Museu Nacional de Arte Antiga de Lisboa, foi possível obter mais alguns esclarecimentos acerca da obra do ilustre artista Vieira Lusitano. As pinturas do artista mostram claramente a sua prática clássica, em retratos onde se identifica o carácter clássico das faces afeminadas, o nariz reto e olhos de grande dimensão como no *Retrato do Marquês de Abrantes*, que faz parte da coleção do Museu de Évora. Outra característica distintiva do trabalho do artista é o bom desenho da anatomia. Nas pinturas de Vieira, é possível observar a intensidade cromática das vestimentas, como é exemplo a pintura de *Nossa Senhora do Livramento*, pertencente à coleção do Museu de São Roque. Nas suas pinturas evidencia-se uma narrativa poética, que remetendo facilmente para o período barroco. Ao nível das personagens em pinturas narrativas, Vieira Lusitano mostra não dar tanta importância ao desenho pormenorizado dos rostos das figuras em segundo plano. Estas figuras são geralmente representadas de um modo mais sumário no que respeita aos traços fisionómicos, contrastando com o formato clássico das personagens principais, que têm traços muito específicos.

A partir do estudo comparativo da obra *Visitação* com outras obras atribuídas ao mesmo pintor, não se conseguiu chegar a uma conclusão efetiva sobre a atribuição desta pintura a Vieira Lusitano, no entanto é possível identificar semelhanças nas composições pictóricas. Exemplo disso é o formato do rosto de perfil da Virgem na pintura *Visitação*, com a Virgem na pintura *Sagrada Família* da coleção do Museu Nacional de Arte Antiga (Imagem 9), como também a intensidade da cor entre ambas as pinturas.





Imagem 9\_ Pintura *Sagrada Família*  
de Vieira Lusitano, ©MatrizNet 2019



Imagem 10\_ Pintura *Repouso na  
Fuga para o Egito* de Vieira Lusitano,  
©MatrizNet 2019



Outro exemplo, observa-se na representação da face e barba de São José na pintura *Repouso na Fuga para o Egito* (Imagem 10), pertencente ao Museu Nacional de Arte Antiga. A minúcia da representação da barba de Zacarias contrasta com a de São José que se apresenta como uma mancha. Este aspeto evidencia semelhanças com a obra em estudo.

## ANÁLISE DA OBRA



O estudo, da técnica e material, das intervenções de conservação e restauro, como a avaliação do estado de conservação com o levantamento de danos e patologias, foram realizadas através da observação direta à pintura e tomando por referência alguma literatura da área (Bailão, 2013; Caetano, 2007; Cruz, 2012; Lopes, 2012; Pinho & Freitas, 2000; Santos, 2012; Valadas, 2015; Villarquide, 2004, 2005).

Esta observação direta foi auxiliada pelos seguintes exames de área: fotografia de radiação de luz visível; fotografia de radiação infravermelha, fotografia de luz rasante e macrofotografias.

Relativamente ao estudo analítico da técnica e dos materiais constituintes da pintura, não foi possível realizar qualquer tipo de análise laboratorial, pelo que não se conseguiu identificar e caracterizar as matérias constituintes de cada estrato pictórico: camada de preparação; desenho preparatório; camada cromática; camada de proteção.

De acordo com a metodologia geral da produção da pintura de técnica a óleo de cavalete, foram então, retiradas algumas conclusões sobre: o suporte, a superfície pictórica, a camada de proteção, a grade e moldura (Villarquide, 2005).

Para se efetuar todos os processos de análise, foi necessário retirar a obra do local onde estava exposta, pois este não apresentava as

melhores condições para a realização da análise. Assim, a pintura foi deslocada para o fundo da Capela de modo a se obter uma melhor captura e montagem da iluminação para a reprodução fotográfica.

Os exames de imagiologia (fotografia de radiação de luz visível, fotografia de radiação infravermelha, fotografia de luz rasante e macro-fotografias) foram realizados *in loco*, com uma Câmara Canon 60D com alta resolução, com 3 objetivas - objetiva fixa Macro 100 mm, objetiva zoom 24-72 mm e objetiva fixa 50 mm, sobre tripé perpendicular à obra e com uma altura de 2 metros, 2 focos de luz contínua com lâmpadas de tungsténio de 1000 W, um filtro *Infrared* 50% de obstrução aos 720 nm, e uma Mira de Cores Color x-rite® de 24 amostras.

Os métodos de exames realizados, podem ser divididos em dois ramos: luz visível (400-700 nm) e radiação infravermelhos (900-2000nm). Incorporadas na luz Visível, foram ainda efetuadas fotografias de luz incidente e fotografias de luz rasante.

Na radiação infravermelha, as fotografias realizadas foram através da fotografia de IV (IR CCD). Para a fotografias de luz incidente, recorreu-se a uma luz contínua com lâmpadas de Tungsténio de 1000 W, posicionada a uma distância de 3 metros e a 45° nas laterais da obra, de forma a sustentar uma iluminação regular e direta na pintura. Este exame é capaz de captar detalhes do estado de conservação, mas também dos materiais e técnicas constituintes.

As fotografias de luz rasante realizadas diferenciam-se das anteriores, pela mudança de direção do feixe luminoso (reduzindo para cerca de 30° ou ainda inferior), e pelo seu propósito, que se cinge a uma melhor análise do estado de conservação da superfície pictórica.

Finalmente, na fotografia de infravermelho, na câmara utilizada é aplicado um filtro *Infrared* 50% de obstrução aos 720 nm, a fim de obter mais informação a nível da camada subjacente, complementando os dois exames anteriores (Valadas, 2015) (Imagem 11).



Imagem 11\_Pintura *Visitação*,  
Fotografia de Infravermelhos,  
técnica a óleo sobre tela,  
©Arquivo MASF, 2019

## CARACTERIZAÇÃO TÉCNICA E MATERIAL

Esta pintura, a óleo sobre tela emoldurada a talha dourada, compreende as seguintes dimensões: sem moldura 243cm x 453 cm; e com moldura 272 cm x 485,5 cm.

Nas condições atuais do estado de conservação da obra, não foi observada qualquer assinatura, inscrições, carimbos ou marcas, quer no anverso, quer no reverso da pintura.

Pode concluir-se que a grade não é da época de produção da pintura, esta deve ter sido feita e engradada aquando da sua remoção do local de origem e submetida a uma intervenção, pois a grade apresenta características que não eram produzidas na época da pintura (Villarquide, 2005).

A grade consiste numa grade extensível/regulável francesa de assemblagem macho-fêmea (2 cunhas por ângulo), por 15 cunhas de madeira de til e por 2 travessas paralelas de reforço madeira de pinho mole (toda a grade). Todas as tábuas de madeira encontram-se devidamente identificadas por um número correspondente ao seu ângulo de ligação.

O suporte têxtil original da *Visitação* é constituído por fio de espessura grosseira. A tecelagem é de trama aberta, simples de técnica tafetá. No entanto, ao analisar o reverso da pintura, há uma possibilidade de que a reentelagem tenha sido preparada com cera resina, tornando a tela rígida/dura. Contrariamente, a reentelagem aplicada sobre a tela original, possui trama fechada, e ainda por cima dela, existe o que parece ser um reforço formado por remendos de serapilheira (de sacas de açúcar, farinha ou cereais, vendidas a granel). Tanto a tela original, como a reentelagem fazem ligação à grade por meio de pregos de ferro forjado.

A camada cromática de técnica a óleo é formada por pigmentos aglutinando em óleo. Esta encontra-se aplicada a pincel e possui pigmentos de uma paleta variada incluindo brancos, castanhos, vermelhos, verdes e azuis.

Tendo dupla funcionalidade, função protetora e estética, a camada de proteção é visível a olho nu, e muito provavelmente trata-se de um verniz. A função protetora evita que sejam depositados agentes biológicos e químicos, mas também permite o isolamento dos pigmentos da humidade e do pó, mas essencialmente da luz, sendo este o principal fator de alteração cromáticas dos pigmentos. A função estética possibilita uma modificação do estado final da obra, proporcionando intensidade e brilho sobre a camada cromática. Esta camada encontra-se integrada por resina natural que já não é a original, mas sim resultado de uma intervenção de conservação e restauro que foi aplicada irregularmente por uma trincha (Villarquide, 2005).

Relativamente à moldura, esta apresenta-se pintada em tons verdes e dourada a ouro.

## DIAGNÓSTICO DO ESTADO DE CONSERVAÇÃO

A obra apresenta-se num ambiente fechado, de acesso restrito, em que atualmente as condições de exposição não se encontram controladas, existindo oscilações termo higrométricas, ou seja, a temperatura e a humidade relativa não são constantes. Estas oscilações provocam alterações físicas e químicas nos materiais constituintes da pintura, principalmente nas fibras têxteis, promovendo danos na superfície pictórica como fissuras e destacamentos (Villarquide, 2005). Como tal, no local onde a obra se encontra deveria existir um desumidificador que permitiria o controlo das condições ambientais regulares (Mateus, 2013).



Esta pintura foi alvo de pelo menos duas intervenções, tendo em conta as duas reentelagens identificadas como supramencionados: reentelagem de fibra sintética de trama fechada e outra de sacas de serapilheira (Imagem 12).

O suporte têxtil apresenta diversas lacunas por efeitos de envelhecimento do tecido, e por degradação causada por incorreto manuseamento (Imagem 13). Para além disto, durante a análise verificou-se a pouca elasticidade do tecido, marcas da grade/vincos e sujidade depositada.

Ao nível da camada cromática observam-se fissuras (Imagem 14), lacunas e zonas em destacamento. Também ostenta zonas de desgaste, alteração da cor (pela variação do índice de refração do aglutinante óleo) e pela exposição à luz (radiação UV), e como todos os estratos analisados, apresenta sujidades diversas. Possui ainda uma rede de fissuras (Imagem 15), em consequência do estado de conservação do verniz, dispersas em diversos pontos da obra. A camada cromática apresenta ainda intervenções anteriores tais como: repintes (Imagem 16), envernizamentos, retoques antigos que podem ou não se estender pelo original.

O verniz apresenta-se com um aspeto turvo e opaco de uma forma generalizada por toda a pintura. Este aspeto deve-se ao envelhecimento natural do próprio verniz, mas também a acumulação de sujidades diversas (de pó, matérias orgânicas e partículas poluentes) e a foto-oxidação contribuíram para esta alteração. O estado do verniz mostra ainda escurecimento, amarelecimento e escorrências (Imagem 17).

A madeira da grade apresenta um debilitamento natural e enfraquecimento. A tela encontra-se fixa por pregos forjados antigos que se encontram oxidados. Ao longo dos anos, a madeira adquiriu lacunas devido à atividade interna do inseto xilófago, promovendo a perda de coesão e resistência do material (Imagem 18). Também possui um elemento em falta (1 de 16 cunhas).

A moldura possui deformações nas uniões das tábuas (Imagem 19), algumas lacunas, destacamentos da camada policroma e sujidade acumulada.



Imagem 12\_ Pintura *Visitação*, Retalhos de Serapilheira na Reentelagem. © Isabel Correia, 2019



Imagem 13\_ Pintura *Visitação*, Degradação da tela e Lacuna. © Isabel Correia, 2019

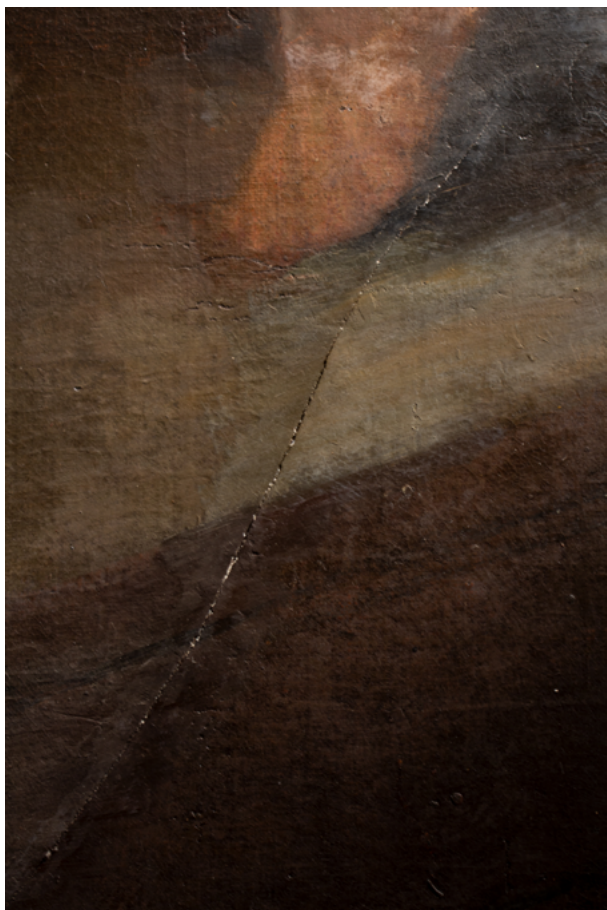


Imagem 14\_Pormenor da Pintura  
*Visitação*. Lacuna, vista anterior.  
©Arquivo MASF, 2019



Imagem 15\_Pormenor da Pintura  
*Visitação*, Rede Pontual de Fissu-  
ras, ©Arquivo MASF, 2019





Imagem 16\_ Pormenor da Pintura  
*Visitação*, Repintes ao lado de São  
José. © Isabel Correia, 2019



Imagem 17\_ Pormenor da Pin-  
tura *Visitação*, Escorrências do  
Verniz. ©Arquivo MASF, 2019



Imagem 18\_Pormenor da Pintura  
*Visitação*, Lacuna devido à atividade  
interna do Inseto Xilófago. © Isabel  
Correia, 2019



Imagem 19\_Pormenor da Pintura  
*Visitação*, Deformação das uniões  
das tábuas da moldura. © Isabel Cor-  
reia, 2019



Segundo os parâmetros das *Normas de Inventário da Direção Geral do Património Cultural*, esta obra apresenta um estado de conservação regular, isto é, uma peça de Pintura que apresenta lacuna(s), e/ou falha(s), deformações (ou fissuras), que põem em risco o seu equilíbrio físico e físico-químico. Carece de observação frequente e eventual intervenção para conservação e restauro (Caetano, 2007).

## NOTAS CONCLUSIVAS

### **Será Vieira Lusitano o autor desta *Visitação*?**



A importância deste trabalho mostrou-se relevante para um melhor e mais completo conhecimento sobre a pintura em análise, ainda pouco estudada. Para as autoras, tratou-se de uma oportunidade de colocar em prática, aplicar e aprofundar conhecimentos teóricos adquiridos na formação académica, pois a realização de um trabalho prático, que para mais de cariz complexo como este, favoreceu o desenvolvimento de metodologia de trabalho que permitiram às autoras inovar e evoluir nas suas capacidades.

Na investigação em si foram utilizados todos os recursos possíveis, dentro dos limites de acesso, relacionados com o artista ou com a pintura, determinando-se a investigação inconclusiva no sentido da resolução à questão “Será Vieira Lusitano o artista desta pintura?”. De facto, a resposta à questão da atribuição desta pintura a Vieira Lusitano continua a ser uma questão em aberto. A informação presente no Arquivo Regional da Madeira pouco acrescentou acerca da pintura em questão, por isso, por esta via, não se pode chegar a ilações significativas.

Pelo facto de não ter sido possível recorrer a análises de amostras ou exames de ponto, apenas se pode centralizar na comparação anterior e nas medidas do altar-mor que nos vieram a confirmar de que a pintura certamente pertenceu ao altar da capela do hospital.

Relativamente à comparação, não podemos negar ou afirmar com confiança de que Vieira Lusitano é o autor deste quadro. De toda a bibliografia consultada sobre Vieira Lusitano, é importante referir que não foi encontrada nenhuma ligação do artista ou dos seus discípulos à ilha da Madeira, ao Funchal ou sequer à Santa Casa da Misericórdia do Funchal. Doutra forma, as semelhanças encontradas em outras pinturas de Vieira Lusitano, como se viu, poderão indicar alguma mão do artista na pintura.

Posto isto, há que ter em atenção que na vida do ilustre pintor, este esteve um tempo em ordens religiosas, onde se sabe que, para além de evoluir na sua pintura, elaborou muitas outras obras religiosas desconhecidas. Este fator pode favorecer a possibilidade da atribuição da pintura *Visitação* e justificar as diferenças existentes em outras pinturas de Vieira Lusitano. Esta pintura poderia, assim, ter sido elaborada no final da sua vida, quando entrou para o Convento do Beato a Xabregas e tinha já aperfeiçoado a sua pintura, conforme refere na sua autobiografia (Lusitano, 1780).

Não se pode concluir ou verificar a atribuição feita, pelo que apenas se pode concluir que a atribuição desta pintura, referida num artigo pertencente à plataforma digital *Aprender Madeira*, intitulado *Visitação, de Vieira Lusitano* da autoria do Dr. Francisco Clode (2018) A *Visitação* se trata de uma atribuição realizada com base na tradição oral, conforme o mesmo autor confirmou.

Por outro lado, considera-se ter reunido e sistematizado um conjunto importante de dados acerca da pintura que passarão, daqui a diante a estar associados a esta obra e que poderão servir de ponto de partida para outras análises e investigações que se venham a desenvolver.

## Agradecimentos

A execução desta investigação contou com apoios imprescindíveis, sem os quais não teria sido possível a realização deste trabalho.

À Dr.<sup>a</sup> Elisa Vasconcelos e à Dr.<sup>a</sup> Carolina Ferreira, pela orientação, disponibilidade, pelo conhecimento que nos transmitiram, pela persistência que tiveram connosco na solução de dúvidas, conselhos e esclarecimentos.

Ao professor Martinho Mendes, pelo interesse que mostrou na obra, pelas sugestões de incentivo à procura de informação e pelos seus conselhos.

À Dr.<sup>a</sup> Rita Rodrigues pela sua disponibilidade de atendimento, e por toda a transmissão de informação e sugestões sábias.

À Dr.<sup>a</sup> Isabel Santa Clara e ao Dr. Francisco Clode pela atenção dada às questões que nos esclareceram.

Ao Museu de São Roque/ Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, e mais especificamente, ao investigador Dr. João Miguel Simões pela amabilidade de nos ter facultado informação necessária.

Ao Pe. Toni Sousa, que nos disponibilizou de atendimento e devida autorização para medirmos o altar-mor da Igreja do Sagrado Coração de Jesus.

Ao Dr. Luís Miguel Pereira Nobre, pela especial atenção e insistência que teve em ajudar-nos e facultar informação.

Ao fotógrafo e professor Flávio Joaquim, pela disponibilidade que teve em trabalhar connosco.

Ao professor Vítor Serrão, pelo encaminhamento inicial de informação e disponibilidade de atendimento.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Arruda, L. D. C. (2000). *Vieira Lusitano, 1699-1783: O desenho*. Academia Nacional de Belas-Artes. Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga. Scribe.

Arruda, L. D. C. & Pereira, F. A. B. (2016). *Desenho: história e ensino, Encontro Internacional sobre Desenho em Portugal na época Moderna*. Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes. Universidade de Lisboa. Scribe.

Arruda, L. D. C. (2006). *A pintura e as mulheres no século XVIII*, Guimarães: N.11 e nº 12.

Arruda, L. D. C. (2007). *Francisco Vieira Lusitano: Novamente sob as luzes da ribalta*. Lisboa: nº3.

Arruda, L. D. C. (1999). *1949-Francisco Vieira Lusitano (1699-1783): Uma época de desenho*. s. n.: Lisboa.

Caetano, J. (1998). *Pintura: Coleção de Pintura da Misericórdia, Século XVI ao Século XX*, Tomo II (1700-1998). Lisboa: Museu de São Roque.

Costa, L. X. (1929). *Francisco Vieira Lusitano: Poeta e abridor de águas fortes*, 2ª edição, Coimbra: Imprensa da Universidade.

Clode, F. (2018) *Museus*. Disponível em: <http://aprenderamadeira.net/museus/>.

Falcão, I. (2003). *Pintura portuguesa: Casa-Museu Dr. Anastácio Gonçalves*. Lisboa: Casa Museu Dr. Anastácio Gonçalves.

Ferrão, J. (1956). *Vieira Lusitano. Nova coleção de arte portuguesa*. Lisboa: Tipografia Silvas e Neogravura 22 volumes.

Lusitano, F. V. (1945). *Inventário das Pinturas, que em 1758 possuía a casa dos marqueses de Penalva*. Lisboa: Instituto Para a Alta Cultura; Centro de Estudos de Arte e Museologia.

Lusitano, V. (1780). *O insigne pintor, e leal esposo Vieira Lusitano: história verdadeira, que elle escreve em cantos lyricos, e offerece ao Illust. e Excellent. Senhor Joze' da Cunha Gran Ataide e Mello [...]*. Lisboa: Na Officina Patriacal de Francisco Luiz Ameno, com licença da Real Meza Censoria.

Pimentel, A., Henriques, A. M. M., Mantas, H. A. S., Tassinari, M., Lino, M. C., Brito, M. F., Ferreira, M. J., Morna, T. F. & Vale, T. L. (2008). *Museu de São Roque*. Lisboa: Museu de São Roque.

Porfírio, J. L. (1991), *Pintura Portuguesa Museu Nacional de Arte Antiga. Portuguese National Museum of Ancient Art*. Lisboa: Quetzal Editores.

Saldanha, N. (2000). Vieira Lusitano – O Desenho. Uns Parabéns Atrasados. *Arte Ibérica*, 36 (2000, Jun.), 42-45.

Segurado, J. (1987). *Gravura inédita de Vieira Lusitano*. Lisboa: Academia Nacional de Belas Artes.

Turner, N. (2007). New Light on Vieira Lusitano as a Draftsman. *Master Drawings*, 45(3), 367-386. Acedido a fevereiro 27, 2020, em [www.jstor.org/stable/20444520](http://www.jstor.org/stable/20444520).

### Capela de Santa Isabel / Santa Casa da Misericórdia do Funchal

Brazão, T. (2007). *Igreja do Sagrado Coração de Jesus*. Obtido de Direção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. Acedido em julho 15, 2019 em [www.monumentos.pt](http://www.monumentos.pt).

Carita, R. (1995). Os mestres de obras Reais no Séc. XVIII e a reconstrução do Paço Episcopal. *Islenha* 17 (jul-dez 1995), 18-24.

Carita, R. (1998). *Paço Episcopal e Capela Anexa*. Acedido em julho 15, 2019 em [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=4131](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4131).



Guedes, M. N. C. (2000). *500 anos das Misericórdias Portuguesas: solidariedade de geração em geração: Mosteiro de Santa Mónica*. Lisboa: Comissão para as Comemorações dos 500 Anos das Misericórdias.

Jardim, M. D. R. (1996). *A Santa Casa da Misericórdia do Funchal, Século XVIII: Subsídios para a sua história*. Funchal: Secretaria Regional do Turismo e Cultura, Centro de Estudos de História do Atlântico.

Lameira, F. Ladeira & P. Freitas, R. (2014). *Retábulos na Diocese do Funchal*. Faro: Universidade do Algarve.

Mota, N. (2012). *Junta Geral do Distrito do Funchal (1836-1976). Administração e História*. Volume 1. Funchal: Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira.

Noronha, H. H. (1996). *Memórias Seculares e Eclesiásticas para a composição da História da Diocese do Funchal na Ilha da Madeira 1722*. Funchal: Secretaria Regional do Turismo e Cultura. Centro de Estudos de História do Atlântico.

Réau, L. (1996). *Iconografía del Arte Cristiano - Iconografía de la Biblia - Nuevo Testamento*. Barcelona: Ediciones del Serbal.

## Fontes

*Notas sobre o Hospital e a Misericórdia do Funchal*. (1964-1966). Em Arquivo Histórico da Madeira.

Pedro, A. D. (s.d.). *Inventário de documentos da Santa Casa da Misericórdia do Funchal*, 10;28;38. Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira.

## Conservação e Restauro

Bailão, A. (2013). *Terminologia associada à conservação e restauro de pintura*. Conservar Património. 18, pp. 56-61.

Caetano, J. O. (2007). *Artes Plásticas e Artes Decorativas – Normas de Inventário de Pintura*, Instituto dos Museus e da Conservação, 1ª edição.

Cruz, A. J. (2012). *Ciência e Conservação: Alguns problemas de uma relação frequentemente conflituosa, mas necessária*, I Encontro luso-brasileiro de conservação e restauro, 2011, Porto: Universidade Católica Portuguesa, Centro de Investigação em Ciência e Tecnologia das Artes.

Lopes, A. (2012). A Pintura a Óleo sobre Suportes Celulósicos no séc. XIX: Estudo de três obras de João Marques de Oliveira. *Estudos de Conservação e Restauro*, 4, 29-46.

Pinho, E. G. & Freitas, I. C. (2000). *Artes Plásticas e Artes Decorativas – Normas Gerais de Inventário*. Lisboa: Instituto dos Museus e da Conservação.

Santos, H. (2012). *O pintor Francisco João (Act.1563-1595) Materiais e Técnicas na pintura de cavalete em Évora na segunda metade do século XVI* (Tese de doutoramento não publicada). Universidade Católica Portuguesa – Escola de Artes, Porto.

Sousa, M. C. B. & Bastos, C. (2004). *Artes Plásticas e Artes Decorativas – Normas de Inventário de Mobiliário*. Lisboa: Instituto dos Museus e da Conservação.

Valadas, S. S. G. (2015). *Variedades e estilos na obra atribuída a Frei Carlos – novas perspetivas* (Tese de doutoramento não publicada). Universidade de Évora – Instituto de Investigação e formação avançada, Évora.

Villarquide, A. (2004). *La Pintura sobre tela I - Historiografía, Técnicas y Materiales*, Arte y Restauración. San Sebastián: Editorial Nerea.

Villarquide, A. (2005). *La Pintura sobre tela II – Alteraciones, materiales y tratamientos de restauración* 12, Arte y Restauración. San Sebastián: Editorial Nerea.

# OUTROS TEXTOS

## CONVITE À PARTICIPAÇÃO

*(CALL FOR PAPERS)*



Melim, Liliana

*Laboratório Narrativas Encadeadas: Planificação de Atividades Educativas com o Património Cultural e Natural do Arquipélago da Madeira*

*Narrative Chaining Laboratory: Planning Educational activities with the Cultural and Natural Heritage of the Madeira Archipelago*

# LABORATÓRIO NARRATIVAS ENCADEADAS: PLANIFICAÇÃO DE ATIVIDADES EDUCATIVAS COM O PATRIMÓNIO CULTURAL E NATURAL DO ARQUIPÉLAGO DA MADEIRA

## NARRATIVE CHAINING LABORATORY: PLANNING EDUCATIONAL ACTIVITIES WITH THE CULTURAL AND NATURAL HERITAGE OF THE MADEIRA ARCHIPELAGO

Liliana Melim

[lili.melim@masf.pt](mailto:lili.melim@masf.pt)

Museu de Arte Sacra do Funchal

### NOTA BIOGRÁFICA

É licenciada em Artes Plásticas/Variante Pintura pela Universidade da Madeira e realizou a profissionalização em serviço no grupo disciplinar de Artes Visuais – 600 na mesma Instituição de ensino. Foi professora no Colégio de Santa Teresinha, Funchal entre 2004 e 2006, foi professora na Escola Bispo Dom Manuel Ferreira Cabral de 2006 e 2016, foi professora na Escola Básica com Pré-escolar de Santo António e Curral das Freiras entre 2016 e 2018. Integra a equipa do Serviço Educativo do Museu de Arte Sacra do Funchal desde 2018 e é a professora responsável pela dinamização das ações educativas do mesmo.

## PARTICIPAÇÃO DE PÓSTERES DE PROJETOS EDUCATIVOS EM MUSEUS E INSTITUIÇÕES CULTURAIS DA RAM NÁS CONFERÊNCIAS DO MUSEU 2019



"Mediações: Aprendizagem, Património e Museus" foi o tema da terceira edição d'As Conferências do Museu. O tema surgiu de forma a celebrar a aproximação dos 25 anos de fundação do Serviço Educativo do Museu de Arte Sacra (MASF), onde se pretendia dar espaço às reflexões de natureza educativa em torno da arte e do património. Neste contexto, achou conveniente a comissão organizadora das Conferências do Museu convidar os pares responsáveis pelos serviços/projetos educativos das instituições ligadas ao património cultural e natural da Região Autónoma da Madeira (RAM) a partilhar aquela que é a sua missão e ação no âmbito da educação patrimonial, através da criação de um póster a expor no espaço dedicado a estas conferências.



## DESENVOLVIMENTO DO PROCESSO PARA A EXPOSIÇÃO DE PÓSTERES



Depois de um levantamento exaustivo das instituições existentes na RAM ligadas ao património cultural e natural com serviços/projetos educativos, numa primeira fase, foi feita a comunicação via correio eletrónico com um convite à participação através da elaboração de um póster. Depois deste convite geral, procurou-se um apelo e contacto mais personalizado à participação com cada instituição, sendo explicada a importância dos contributos de cada instituição que, para além da divulgação de todo o trabalho desenvolvido pelas instituições na oferta de programa Educativos contribuiria para uma sistematização e melhor compreensão e conhecimento dos diversos serviços e projetos educativos existentes na Região. Além disso, a apresentação de todo este material na exposição serviria como ponto de partida para o desenvolvimento dos trabalhos no âmbito do “Laboratório Narrativas Encadeadas: Planificação de atividades educativas com o património cultural e natural do Arquipélago da Madeira”, uma componente prática da formação, especialmente dirigida a profissionais da educação. Este tipo de contacto verificou-se mais profícuo e resultou em uma maioria de adesões.

Recolhidos os pósteres concebeu-se uma pequena exposição, que permitiu aos participantes d’As Conferências do Museu 2019 o contacto com o trabalho e dinâmica dos Serviços Educativos afetos às mais diversas instituições que têm por missão cuidar do património cultural e natural da Região.

## INSTITUIÇÕES PARTICIPANTES E RESUMO DAS SUAS MISSÕES EDUCATIVAS/AÇÕES



No convite à participação das várias instituições foi pedido a sua missão educativa tal como o elenco habitual das ações junto dos públicos. Em seguida apresenta-se uma análise sumária dos conteúdos dos diversos pósteres (Imagens 1 a 17).

As instituições participantes, de um modo geral, apoiam-se nas seguintes premissas educativas: identificam as instituições como meio privilegiado de atuação junto da população escolar, através de temáticas e discursos museológicos, disponibilizando atividades que incluem uma componente prática direcionada para cada ano de escolaridade, desde o ensino pré-escolar até ao secundário, em consonância com os currículos escolares; promovem parcerias com escolas do Município e desenvolvem atividades pedagógicas que privilegiam a comunicação, a aprendizagem e a aproximação da comunidade enquanto agente facilitador na interpretação, compreensão e aproximação das demais manifestações artísticas ao público; partilham informações e experiências entre espaços museológicos e instituições educativas; validam o papel das artes no desenvolvimento da personalidade e dos processos de estruturação cognitivos e socioafetivos; desenvolvem o potencial criativo e imaginação, promovem a literacia estética e cultura visual e, procuram fazer pontes entre a arte contemporânea e o património estabelecendo uma relação mais vasta integrada no local; promovem iniciativas de sensibilização, divulgação, formação e informação, recorrendo a várias estratégias de comunicação, com significado para a identidade e memória coletiva; valorizam e reforçam a identidade sociocultural madeirense; investem na captação de novos públicos promovendo a sociedade do conhecimento, através da produção de oportunidades de aprendizagem e ocupação útil e qualitativa dos tempos livres; investigam, conservam, estudam, valorizam, preservam e divulgam o património cultural e natural da Ilha.

No conjunto das suas ações/atividades, entre outras de caráter específico de cada instituição, foram apontadas as seguintes:

- Visitas orientadas às exposições permanentes e às exposições temporárias;
- Realização de palestras nas escolas e apoio a alunos;
- Dia Internacional dos Museus;
- Conversas com artistas;
- Roteiros pelo património;
- Encontros de desenho;
- Desafios educativos;
- Parcerias com as escolas locais: colaboração com as escolas em atividades de enriquecimento curricular;
- Ações de formação para professores;
- Comunicações;
- Ações de educação ambiental;
- Exposições temporárias;
- Seminários de Educação;
- “O Museu Vai à Rua”;
- Visitas temáticas de exploração das coleções;
- Exposições itinerantes;
- Comemoração de datas festivas;
- Visitas encenadas;
- *Ateliês de Tempos Livres, de férias: Páscoa, Verão e Natal;*
- “Projeto *Música nos Museus*”;
- Programação de manifestações artísticas de tipo performativo (música, teatro, poesia);
- Oficinas diversas de expressão criativa.



## Núcleo Museológico - Rota da Cal



AS CONFERÊNCIAS DO MUSEU 2019

O Núcleo Museológico - Rota da Cal surgiu como resultado de um projeto familiar do Sr. Joel Freitas, no início deste milénio. Graças a esta iniciativa, foi possível recuperar e musealizar um forno de cal localizado na Achada do Furtado do Barrinho, Lameiros, freguesia e concelho de São Vicente, pertencente ao seu avô Gregório Januário de Oliveira.

A matéria-prima era extraída de uma pedreira com recurso a explosivos. Depois de transportada em cestos de vime, era sujeita a um processo de britagem prévio ao carregamento do forno, onde era calcinada com recurso a lenha ou a carvão mineral. O produto final era a cal viva ou virgem e a cal apagada ou hidratada.

O forno laborou na primeira metade do século XX, produzindo a cal consumida no concelho. Em 2011 foi possível realizar um documentário sobre o funcionamento do forno, recorrendo a testemunhos de antigos operários da cal.



EQUIPA TÉCNICA / RESPONSÁVEL  
Dinis Pacheco

Achada do Furtado do Barrinho, Lameiros, 9240-211 São Vicente

HORÁRIO

Terça a sábado, das 10h às 17h (ou noutros dias mediante marcação)

## MISSÃO EDUCATIVA

O serviço educativo do Núcleo Museológico - Rota da Cal é assegurado por intermédio da Rota da Cal - Associação de Investigação e Divulgação de Fornos de Cal, a qual desenvolve um projeto de educação patrimonial que engloba um conjunto de ações destinadas a promover e divulgar este local único na ilha da Madeira. A Rota da Cal foi classificada em 2005 como Conjunto de Interesse Público, destacando o seu relevante valor arquitetónico, histórico e etnográfico. Integra ainda o património natural da Ilha, quer como geossítio de interesse paleontológico, estratigráfico, sedimentológico e litológico, quer como zona de floresta Laurissilva do Parque Natural da Madeira.

As diversas valências deste espaço confluem num programa de educação patrimonial, cultural e ambiental destinado a toda a comunidade. No entanto, foi dedicada atenção especial à população em idade escolar, com particular ênfase nas disciplinas de História, Geografia, Geologia, Biologia e Ciências Naturais.

As visitas de estudo procuram sensibilizar os mais jovens para a preservação e divulgação deste património, levando-os a desenvolver competências com base na experiência e na criatividade e incentivar o espírito crítico no contacto com outras visões e histórias do passado da sua comunidade, que tendem a cair no esquecimento. A visita a este espaço representa ainda uma oportunidade única de desenvolver aprendizagens não formais e informais, que complementam a sua formação.

Este conjunto patrimonial pode ser usufruído por toda a população residente e visitante, de forma totalmente gratuita.

## PROGRAMA / AÇÕES

- Organização de visitas guiadas ao Núcleo Museológico - Rota da Cal, destinadas à comunidade escolar, universidades seniores, centros de dia e outros grupos de interessados.
- Realização de uma exposição itinerante com um conjunto de materiais alusivos ao Núcleo Museológico - Rota da Cal.
- Dinamização de uma preleção sobre o geossítio Lameiros - Estratotipo CVI2, integrado no Núcleo Museológico - Rota da Cal.
- Exibição de um documentário sobre a indústria da cal em São Vicente.
- Exploração das fichas de trabalho "De Pedra e Cal", abordando o património industrial, rural e natural.
- Investigação e redação de ensaios sobre a indústria da cal no arquipélago da Madeira, com especial ênfase no concelho de São Vicente.
- Levantamento de testemunhos orais sobre as indústrias locais no sítio dos Lameiros.
- Dinamização da Rota da Cal na Internet e nas redes sociais.
- Comemoração de algumas datas festivas: Dia Internacional dos Monumentos e Sítios, Dia Internacional da Terra e Dia Nacional do Património Geológico, Dia Internacional dos Museus e Dia Mundial do Turismo.
- Participação no projeto Passaporte Cultural - explorando a Madeira.





O Museu A Cidade do Açúcar foi criado pela Câmara Municipal do Funchal, e é tutelado pela mesma, tendo aberto ao público pela primeira vez a 12 de Outubro de 1996.

Está localizado na Praça Colombo, entre as ruas do Sabão e João Esmeraldo, no centro da zona histórica da cidade. É um espaço dedicado à história da indústria açucareira insular, entre os séculos XV e XIX, uma das fases mais conhecidas e marcantes da história e cultura da Ilha da Madeira, conhecida como o "ciclo do ouro branco".

O principal núcleo da coleção do Museu engloba os achados arqueológicos das escavações efetuadas nas antigas casas do mercador flamengo João Esmeraldo, realizadas na Praça Colombo em 1989, no local dos imóveis demolidos em 1876.

Destaca-se também neste espólio a coleção de escultura, ourivesaria e mobiliário, património que reflete o poderio económico derivado do ciclo do açúcar.



Departamento de Economia e Turismo  
Divisão de Cultura e Turismo  
Museu A Cidade do Açúcar  
Praça Colombo n.º 5 – 9000-051 Funchal

#### HORÁRIO

Segunda a sexta, das 9h30 às 17h30

## MISSÃO EDUCATIVA

A principal missão deste espaço museológico é dar a conhecer aos visitantes os principais testemunhos históricos da produção e tecnologia açucareira, no período em que esta atingiu o seu auge, marcando um dos ciclos económicos mais significativos de toda a história do arquipélago.

O serviço educativo do museu funciona como recurso pedagógico abordando estratégias de desenvolvimento de criatividade tornando-se um museu participativo entre a exposição e o visitante.

O seu plano estratégico educativo permite:

- O acesso ao público em geral;
- Aprendizagens e novas experiências;
- O contributo para a divulgação e promoção patrimonial/cultural;
- Facilita a fruição do objeto, estimula a descoberta, apela à imaginação e à criatividade;
- Contribui para a formação do sentido crítico, para a partilha de saberes criando e fidelizando públicos.

## PROGRAMA / AÇÕES

- Visitas guiadas;
- Visitas temáticas;
- Visitas temáticas fora do espaço museológico:  
*Museu vai ter contigo;*
- Visitas encenadas;
- Workshops temáticos direcionados às escolas:
  - *Descobrimos a arqueologia e restauro;*
  - *Obras primas e suas matérias;*
  - *Doce "Esmeraldo";*
  - *Cerâmica no quotidiano.*
- Workshops temáticos direcionados ao público em geral:
- *ATL de férias: Páscoa, Verão e Natal;*
- Atividades no programa *Aldeia de Natal Funchal;*
- Atividades no programa *Feira do Livro Funchal;*
- Conferências temáticas;
- Projeto *Música nos Museus;*
- Lançamento de uma programação educativa anual da Câmara Municipal do Funchal *Atividades educativas 2018/2019.*





AS CONFERÊNCIAS DO MUSEU 2019

O Museu Henrique e Francisco Franco reúne obras dos irmãos Henrique e Francisco Franco, adquiridas pela Câmara Municipal do Funchal aos herdeiros dos artistas. O seu acervo é constituído por desenhos, pinturas, esculturas, gravuras e pequenos frescos.

Foi inaugurado a 21 de Agosto de 1987, dia da Cidade do Funchal e está localizado na Rua João de Deus, ao lado da Escola Francisco Franco.

Tem como vocação ser um Museu de referência da obra dos irmãos Henrique e Francisco Franco e como missão conservar, estudar, apresentar e divulgar a obra dos irmãos, estimulando o seu conhecimento e fruição.

Os objetivos desta instituição são criar um corpus da Obra dos irmãos Franco; promover eventos temporários enquadráveis com a vocação da instituição; apresentar de forma sistemática a coleção; desenvolver programas educativos que permitam um leque diversificado de oferta; diversificar o público do Museu; estabelecer parcerias com Museus e outras instituições culturais, na Região Autónoma da Madeira e no contexto nacional e internacional.



Departamento de Economia Cultura  
Divisão de Cultura e Turismo  
Museu Henrique e Francisco Franco  
Rua de João de Deus nº 13 – 9050-027 Funchal

#### HORÁRIO

Segunda a sexta, das 9h30m às 18h30m

## MISSÃO EDUCATIVA

As atividades desenvolvidas no Museu, que habitualmente designamos de culturais e educativas, pretendem oferecer a todos, em especial à comunidade mais próxima, excelentes oportunidades de desenvolvimento de qualidades afetivas e estéticas.

A programação de manifestações artísticas de tipo performativo (música, teatro, poesia, etc.) obedece ao mesmo objetivo de interação com os espaços do Museu e ultrapassa as noções de mera conveniência formal e de enquadramento, contribuindo antes para a criação de contrastes e amplificações de valores.

Por cumprimento qualificado da missão do Serviço Educativo deste museu, entende-se a propiciação de condições de convivência autêntica com as obras de arte, através de experiências sensoriais e emotivas, como forma de proporcionar a todos aqueles que nos visitem a oportunidade de voltarem a emocionar-se perante obras de arte deslocadas dos espaços, para onde inicialmente foram criadas.

## PROGRAMA / AÇÕES

Agenda de *Atividades educativas 2018/2019*, lançada pelo Departamento de Economia e Cultura da Câmara Municipal do Funchal, com a programação educativa anual, para os vários espaços geridos, por este Departamento.

#### VISITAS ORIENTADAS

Segunda a Sexta | Por marcação  
Público-alvo: Geral

#### VISITAS TEMÁTICAS

*Museu vai ter contigo  
O museu sai à rua!  
Exposições Perspetivadas*

#### VISITAS ENCENADAS

*Sementes de mudança*

#### OFICINAS TEMÁTICAS

*Esculturas com História  
Oficinas de arte  
O meu caderno de campo*

#### ATELIER DE FÉRIAS

*Carnaval / Páscoa / Verão / Natal*

#### ATIVIDADES NO EXTERIOR

*Aldeia de Natal Funchal  
Feira do Livro Funchal*

#### CONCERTOS

*Projeto Música nos Museus*

#### CONFERÊNCIAS/LANÇAMENTO DE LIVROS



## MISSÃO EDUCATIVA

A Galeria dos Prazeres insere-se no projeto de educação, evolução sociocultural e desenvolvimento do meio rural da Quinta Pedagógica dos Prazeres. Com atividade iniciada em outubro de 2008, tem como missão o reconhecimento do valor da Arte e da Cultura como forma de acesso não só ao conhecimento, mas também à experiência vital chamada emoção estética. A partilha intergeracional e intercultural é outro princípio que norteia a Galeria dos Prazeres, através da relação que estabelece, desde as suas origens, entre os artistas convidados a expor e a comunidade e o meio, por via das residências artísticas sedeadas na Casa Paroquial.



EQUIPA TÉCNICA/RESPONSÁVEL  
Martinho Mendes (curadoria)/  
Nélio Sousa (serviço educativo)/  
Ana Ferreira (produção)

Rua da Igreja - 9370-626 Prazeres - Calheta

HORÁRIO

Sábados, Domingos e Feriados, das 10h às 13h e 14h-18h (ou outros horários mediante marcação prévia)

Num compromisso e ação educacional na sociedade, procura-se apoiar o público escolar e o público em geral no acesso e usufruto das manifestações artísticas, para o incremento de hábitos e de atitudes favoráveis à experiência da arte, da emoção estética e da possibilidade de o mundo ser outro. Contribui-se, ainda, para o estímulo da criatividade e de novas formas de apropriação e construção do conhecimento, sobre o Mundo e o próprio Eu, enriquecendo a vivência humana. Podemos viver sem arte, tal como sem contacto com a natureza, mas a vida não seria a mesma, porque são uma «exposição do que somos e da vida», como referiu José Tolentino Mendonça (Público, 15.4.2018). A Galeria dos Prazeres, com estatuto firmado no panorama artístico da Região e do País, bem como no estrangeiro, tem sido apontada como um exemplo de descentralização educativa e cultural com dinamização local.

## PROGRAMA / AÇÕES

A Galeria dos Prazeres possui um programa educativo gratuito, com ações pedagogicamente dirigidas para o público escolar (e visitas orientadas para o público sénior e público em geral).

— Oficinas diversas de expressão criativa na Galeria dos Prazeres, decorrente e em interação com as propostas artísticas expostas/instaladas em cada momento (total de quatro exposições anuais).

— Visitas guiadas para descoberta, compreensão, prazer estético e aprendizagem a partir das exposições de arte contemporânea. Interpela-se a perceção sensorial e desperta-se a curiosidade no contacto com conceitos, técnicas, materiais, suportes e temas abordados pelo artista.

— O artista “na primeira pessoa”: momento de conversa, visita orientada ou oficina com estudantes e professores pela mão e voz do próprio artista.

— Aula de arte na galeria: os professores de Educação Visual e de Arte podem utilizar o espaço a fim de ministrarem aulas sobre a arte e a história da arte aos seus estudantes, num contexto real de produção e exposição de obras artísticas.

— Conferências, Parcerias e Sessões de Divulgação.





## QUINTA PEDAGÓGICA DOS PRAZERES

A Quinta Pedagógica dos Prazeres é um projeto de educação, evolução sociocultural e desenvolvimento do meio rural, de estímulo à economia local e combate à desertificação. Criado em outubro de 2000, é reconhecido o seu interesse público na área educativa, cultural, económica e social.

O potencial educativo desenvolve-se em vários campos: botânica, geologia, pecuária, agricultura, tradição e cultura popular (usos e costumes), literacia ambiental (sensibilização e educação ambiental) e arte contemporânea (sensibilização e educação cultural).

Tudo concretizado através de um conjunto de atividades pedagógicas. No caso do público escolar, visa-se o complemento dos conteúdos teóricos dos programas do ensino e o desenvolvimento de competências gerais, literacia e educação para a cidadania.



EQUIPA TÉCNICA/RESPONSÁVEL  
Nélio Sousa

Rua da Igreja - 9370-626 Prazeres - Calheta

HORÁRIO

Segunda a sexta, das 9h às 19h | Sábado e domingo, das 9h às 20h



AS CONFERÊNCIAS DO MUSEU 2019

## MISSÃO EDUCATIVA

Num compromisso e ação educacional na sociedade, explora-se o potencial da interceção da natureza, tradições, arte, ensino e aprendizagem.

Integrado na filosofia e prática pedagógicas da Quinta Pedagógica dos Prazeres, o Serviço Educativo promove:

1. O gosto pelo contacto com o Meio Natural do campo, numa forte proximidade às plantas, árvores e animais e a todas as sensações, ensinamentos e tradições que o meio natural e rural transportam, com os seus valores, experiências e sabedoria de vida.
2. O reconhecimento do valor da Arte e da Cultura (espaço da Galeria dos Prazeres) que responde a necessidades humanas e espirituais do ser humano, com o incremento de hábitos e de atitudes favoráveis ao usufruto das manifestações artísticas. Um contributo ainda para o estímulo da criatividade e de novas formas de apropriação e construção do conhecimento, sobre o Mundo e o próprio Eu, enriquecendo a vivência humana.

## PROGRAMA/AÇÕES

— **Visitas guiadas para descoberta, compreensão e aprendizagem a partir de todo o património natural e cultural patente nos diversos espaços da Quinta Pedagógica dos Prazeres:**

- Pequeno Jardim Botânico, Jardins de ervas de chá e aromáticas, Mini-Zoo;
- Herbário Comunitário dos Prazeres Pe. Manuel de Nóbrega (mostra de plantas endémicas da Madeira),
- Museu Pe. Manuel de Nóbrega (mostra de rochas vulcânicas e fósseis vegetais),
- Galeria dos Prazeres (exposições de arte contemporânea, temporárias no espaço físico da galeria e permanentes no espaço exterior, no território da freguesia).

— **Público escolar:**

- Oficinas diversas como por exemplo, a oficina da plantação de ervas de chá, da alimentação dos animais, dos cuidados com os animais, da compostagem (minhocário), do hotel de insetos, do pão (da sementeira à confeção), dos espantalhos, dos cata-ventos, do teatro de sombras;
- Oficinas de expressão plástica na Galeria dos Prazeres, decorrente e em interação com as propostas artísticas expostas/instaladas em cada momento (total de quatro exposições anuais).

— **Público em geral:**

- Festa da Bênção dos Animais (janeiro);
- Mostra das Camélias (fevereiro);
- Concurso dos Espantalhos (março);
- Leilão dos galos (junho);
- Festa da mostra da Debulha do Trigo (Julho);
- Festa da Sidra (setembro).



Secretaria Regional  
do Ambiente e Recursos Naturais



Instituto das Florestas e  
Conservação da Natureza IP-RAM



Instituto das Florestas  
e Conservação  
da Natureza  
IP-RAM

• Laurissilva da Madeira



## MISSÃO EDUCATIVA

O Instituto das Florestas e Conservação da Natureza, IP-RAM integra a Secretaria Regional do Ambiente e Recursos Naturais, tendo como função a gestão integrada da paisagem, floresta e espaços naturais da Madeira, Porto Santo, Desertas e Selvagens.

É da sua responsabilidade promover a conservação da natureza, o ordenamento e a gestão sustentável da bio e geodiversidade, da paisagem, da floresta e seus recursos, como é o caso da **Laurissilva - Património Mundial da UNESCO**, das áreas protegidas, e também de alguns espaços emblemáticos para os madeirenses, como o Jardim Botânico, as Quintas e Parques Florestais, as Veredas e Levadas.

O IFCN, IP-RAM acredita, valoriza e apoia o desenvolvimento de ações de informação, formação, sensibilização, divulgação e promoção do Património natural e cultural, dirigidas a um diversificado público-alvo, com destaque para a comunidade estudantil. Ao longo dos anos, têm sido desenvolvidos projetos educativos baseados num conjunto de ações variadas, assim como, campanhas informativas e vetores divulgativos, assentes numa estratégia comunicacional que visa promover o valioso Património Natural da RAM, de onde se destaca a singular e imponente **Laurissilva da Madeira, floresta nativa reconhecida com o galardão de Património Mundial Natural da UNESCO desde 1999.**

Este ano comemora-se o 20º aniversário desta atribuição e que também representa 20 anos de trabalho educativo, de informação e permuta de aprendizagens, com base na premissa de *dar a conhecer para perceber, valorizar, respeitar e auto responsabilizar*, por um bem que é nosso e de todo o Mundo!



## PROGRAMA / AÇÕES

- Ações de sensibilização /palestras
- Ateliês infantis
- Visitas com acompanhamento técnico-pedagógico à Laurissilva
- Visitas com acompanhamento técnico-pedagógico aos viveiros florestais
- Produção de vetores divulgativos: livros, postais, pins, agendas, brochuras, moeda comemorativa, placas informativas, boletim informativo
- Exposições itinerantes
- Passatempos de fotografia e vídeo
- Divulgação na comunicação social
- Campanhas informativas nas redes sociais
- Exposições em parceria com outras entidades público/privadas
- Parceria no âmbito de iniciativas artísticas (pintura; dança; residência artística)

RESPONSÁVEL / EQUIPA TÉCNICA

Isabel Catarina de Luís e Freitas | Equipa da Divisão de Formação e Comunicação do IFCN, IP-RAM

Núcleo dos Dragoeiros das Neves | Caminho da Portada, São Gonçalo | 9060-245 Funchal

ifcn@madeira.gov.pt \ 291 740069/291 145590 \ ifcn.madeira.gov.pt \ FACEBOOK @IFCN \ INSTAGRAM @IFCN





AS CONFERÊNCIAS DO MUSEU 2019

Construído em 1888, o Teatro Municipal Baltazar Dias foi palco das mais importantes manifestações culturais na Madeira, quer em cena, quer no ecrã.

O Teatro apresenta-se de portas abertas à cidade e à comunidade como um espaço de cultura ao seu dispor. À responsabilidade da Câmara Municipal do Funchal, o Teatro Baltazar Dias insere-se no panorama social e cultural da cidade do Funchal como uma das casas de espetáculo mais emblemáticas e uma das instituições que procuram promover e potencializar a oferta cultural local.

Como uma instituição de índole cultural de grande importância para a nossa região, a sua visão vai além da oferta de espetáculos, procurando manifestar-se perante o seu público como um organismo cultural aberto à mudança, à inovação e criatividade.



Departamento de Economia e Turismo  
Divisão de Cultura e Turismo  
Teatro Municipal Baltazar Dias  
Avenida Arriaga 9000-060 Funchal

#### HORÁRIO

Terça a sexta, às 10h e às 15h (mediante marcação)

## MISSÃO EDUCATIVA

Em respeito com a sua natureza institucional, o Teatro Baltazar Dias tem como missão apoiar e dinamizar a criação e produção cultural. O nosso serviço educativo, é uma forte aposta, que temos vindo a estimular ao longo dos últimos anos, conscientes da formação de novos públicos e a construção de momentos de educação, discussão e reflexão para todos, em especial para as crianças e jovens.

No âmbito do serviço público, pretendemos desenvolver as atividades culturais com o intuito de, não só cativar e atrair todo o tipo de públicos, mas igualmente de formar novas gerações de apreciadores e consumidores de cultura.

## PROGRAMA / AÇÕES

- Oficinas:
  - *Amigos do Teatro;*
  - *Artes Circenses;*
  - *Baltazar a Dançar;*
  - *Norte no Teatro;*
  - *Visitas às Entranhas do Teatro;*
- Leituras Encenadas:
  - *Era uma vez Outra vez...;*
- Visitas Encenadas:
  - *Prazer em conhecer, Baltazar;*
- Formações:
  - *Bebé Plim-Plim;*
  - *Colos de Música;*
  - *Teatro Amador;*
  - *Música para a Infância;*
  - *Super-Sonics;*
- Laboratório:
  - *É urgente o Teatro;*
- Atividades:
  - *À Descoberta da Música;*
  - *Concerto Comentado;*
- Espetáculos:
  - *A Pessoa de Fernando;*
  - *Barbelim;*
  - *Concerto para Bebés e Crianças;*
  - *Dia Mundial da Criança;*
  - *Frei Luís de Sousa;*
  - *O Príncipezinho.*





BIBLIOTECA  
MUNICIPAL  
DO FUNCHAL



AS CONFERÊNCIAS DO MUSEU 2019

A Biblioteca Municipal do Funchal procura servir os munícipes e o público, em geral, proporcionando o acesso ao seu valioso acervo documental e, por conseguinte, contribuindo para o desenvolvimento cultural do município funchalense.

Hoje, a BMF está praticamente direcionada para a leitura presencial, privilegiando historiadores, investigadores e eruditos, graças às características do seu fundo documental. Além desta particularidade, pequenas exposições temáticas são pontualmente apresentadas na sala de leitura, sempre referenciadas no sítio da BMF.

Nas atuais instalações, continuamos a disponibilizar o nosso precioso acervo, onde constam algumas obras raras. Criámos um espaço apelativo ao convívio, à leitura informal de jornais, revistas e livros.



EQUIPA TÉCNICA / RESPONSÁVEL  
Valdemar Faustino, Alexandra Canha

Morada: Avenida Calouste Gulbenkian, 9000-011 Funchal

HORÁRIO  
Segunda a sexta, das 10h às 19h

## MISSÃO EDUCATIVA

O Serviço Educativo configura-se como um serviço cultural direcionado para os interesses e necessidades diversificadas dos seus públicos.

O Serviço Educativo procura fidelizar o seu público proativamente, através de estratégias e técnicas de comunicação e motivação, funcionando como mediador entre a biblioteca e os seus utilizadores.

Esta importante valência de educação não formal da biblioteca agrega um conjunto multifacetado de ações:

- Promoção da leitura e da compreensão leitora;
- Desenvolvimento das literacias, atividades de caráter lúdico e pedagógico particularmente direcionadas a crianças e jovens;
- Apresentação de outras iniciativas integradas e/ou segmentadas, mas sempre programadas e planificadas em função dos públicos-alvo.

## PROGRAMA / AÇÕES

- Visitas Orientadas
- Oficinas Criativas
- Hora do Conto
- Apresentação de livros
- Conferências
- Tertúlias Literárias
- Exposições
- Atividades na Feira do Livro
- Atividades na Aldeia Natal

# ABM

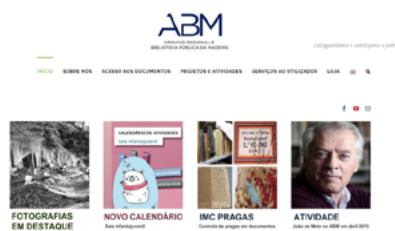
## ARQUIVO REGIONAL E BIBLIOTECA PÚBLICA DA MADEIRA

O Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira (ABM) é a instituição responsável pela gestão, conservação e divulgação do património arquivístico e bibliográfico regional.

Do acervo do Arquivo Regional constam exemplares únicos que resultam da produção documental no Arquipélago da Madeira desde o início do seu povoamento até ao século XXI, perfazendo mais de 12 km lineares de documentação.

Na Biblioteca Pública existem diversos tipos de documentos, desde monografias e publicações periódicas a material não livro (postais, cartazes, material multimédia, entre outros), num total de mais de 500 mil espécimes.

Além de constituir uma biblioteca de depósito legal, possui uma coleção de livros antigos e raros onde se incluem primeiras edições de valor incalculável.



Secretaria Regional do Turismo e Cultura  
Direção Regional da Cultura  
Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira  
Caminho dos Álamos n.º 35, Santo António, 9020-064 Funchal

seec.abm.srtc@madeira.gov.pt \ 291 708 400 \ abm.madeira.gov.pt \ Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira@ \

## MISSÃO EDUCATIVA

O Serviço Educativo e Extensão Cultural do ABM está vocacionado para o contacto com a comunidade escolar e outros públicos, incluindo o público sénior e comunidades em regime de reclusão. Disponibiliza atividades pedagógicas gratuitas de promoção do livro e da leitura, assim como dos documentos de arquivo.

Do programa de atividades constam visitas orientadas e dinamização de materiais pedagógicos, quer na sua sede, quer noutras instituições. O nosso projeto possibilita ainda o empréstimo de materiais e promove formações de utilizadores e professores. As nossas ações incluem também as parcerias com o Hospital Nélcio Mendonça e o Estabelecimento Prisional do Funchal, com deslocações periódicas para a dinamização de atividades diversas. Através da Extensão Cultural promovem-se conferências e exposições, entre outros eventos de divulgação da instituição e respetivo acervo documental.

Este serviço reúne os projetos educativos do Arquivo Regional e da Biblioteca Pública desde 2016, data da fusão destas duas instituições.

## PROGRAMA / AÇÕES

- Visitas Orientadas ao ABM
- Atividades Educativas para as Escolas
- Programa especial para o Público Sénior
- Horas do Conto e Ateliês Temáticos
- Empréstimo de Materiais Pedagógicos e Exposições Temáticas
- Formação de Utilizadores e Professores



O Museu de História Natural do Funchal, inaugurado a 5 de outubro de 1933, é uma instituição de caráter científico e cultural que pretende dar a conhecer e divulgar o património natural do Arquipélago da Madeira. Instalado no Palácio de São Pedro, o Museu exhibe, para além da exposição permanente e Aquário Municipal, uma exposição temporária. A visita inclui uma passagem pelo Jardim de Plantas Aromáticas e Medicinais.

As coleções científicas do Museu totalizam, atualmente, mais de 55.000 registos representando mais de 120.000 espécimes.

O Museu edita duas revistas científicas de difusão mundial, o "Boletim do Museu de História Natural do Funchal" e a "Bocagiana".



EQUIPA TÉCNICA / RESPONSÁVEL  
Marina Pinto e Juan Silva

Rua da Mouraria, 31, 9004-546 Funchal

HORÁRIO  
Terça a domingo, das 10h às 18h

## MISSÃO EDUCATIVA

Os Serviços Educativos do Museu de História Natural do Funchal constituem um importante elemento na prossecução dos objetivos/missão desta instituição, tendo como meio privilegiado de atuação a população escolar. É, através do Museu que a maioria dos madeirenses, em idade escolar, adquire motivações e conhecimentos que despertam o seu interesse pelo conhecimento e estudo da História Natural do Arquipélago da Madeira.

As atividades didáticas do Museu têm por base uma abordagem pedagógica, respeitando os programas curriculares afetos aos diferentes níveis de ensino e assentam na seguinte premissa: dar a conhecer e divulgar o conhecimento da fauna, flora e geologia do Arquipélago da Madeira.

Nos últimos anos, a partilha de informações e experiências entre este Museu e outros espaços museológicos e instituições educativas, através de visitas guiadas conjuntas ou outras atividades didáticas, tem sido muito importante para consolidar esta área de atuação do Museu.

## PROGRAMA / AÇÕES

- Visitas guiadas à exposição permanente do Museu, Aquário Municipal e à exposição temporária;
- Visitas guiadas ao Jardim de plantas aromáticas e medicinais (JPAM);
- Realização de palestras nas escolas e apoio a alunos;
- Atividade "Biólogo por um dia";
- Dia Internacional dos Museus: Realização de vários ateliês temáticos relacionados com a biologia marinha, botânica, geologia e paleontologia. Realização da atividade "Palácio a Palácio: um passeio pela cidade do Funchal";
- Colaboração no programa "Ciência Viva no Verão" (através da realização de jogos no JPAM);
- Participação no evento anual "Noite Europeia dos Investigadores";
- Participação no evento anual "Ciência no Mercado";
- Comemoração de várias efemérides, através de atividades e visitas ao Museu, Aquário Municipal e/ou ao JPAM, nomeadamente, o Dia Internacional da Criança, Dia Mundial dos Oceanos, Dia Nacional do Mar, entre outros.





## CASA DA CULTURA DE SANTA CRUZ



AS CONFERÊNCIAS DO MUSEU 2019

### MISSÃO EDUCATIVA

A Casa da Cultura de Santa Cruz | Quinta do Revoredo é um equipamento da Câmara Municipal de Santa Cruz vocacionado para a atividade cultural.

Nasceu após a aquisição e modificação da antiga Quinta Blandy com o objetivo de acolher nos seus novos espaços – salas de exposições, documentação, ateliês, anfiteatro e jardins – uma multiplicidade de eventos.

Inaugurada em 1993 a Casa da Cultura de Santa Cruz tem procurado desenhar a sua missão e atividades orientadas numa relação com a comunidade, incentivando dinâmicas experimentais com outras instituições, numa partilha que promove a reflexão, a criatividade, o pensamento crítico e a aquisição de competências de leitura em torno da história local e regional, do património natural e cultural, material e imaterial, através da realização de exposições, concertos e festivais de cinema ao ar livre.

O Serviço Educativo da Casa da Cultura de Santa Cruz | Quinta do Revoredo (CCSC) é uma importante aposta desta Instituição que abre as portas à comunidade para a descoberta, a crítica e a experimentação. Este serviço opera enquanto agente facilitador na interpretação, compreensão e aproximação das demais manifestações artísticas ao público. O principal objetivo do Serviço Educativo é validar o papel das artes no desenvolvimento da personalidade e dos processos de estruturação cognitivos e socioafetivos. Visa o desenvolvimento do potencial criativo e da imaginação, a promoção da literacia estética e cultura visual e, procura fazer pontes entre a arte contemporânea e o património estabelecendo uma relação mais vasta integrada no local. Com o Serviço Educativo promove-se também parcerias com escolas do Município e outras instituições. Através destas sinergias, desenvolvem-se atividades pedagógicas que privilegiam a comunicação, a aprendizagem e a aproximação da comunidade às diversas expressões artísticas.

### PROGRAMA / AÇÕES

O programa de ação do Serviço Educativo é articulado com a programação da Casa da Cultura de Santa Cruz. O Serviço Educativo disponibiliza diferentes atividades a partir dos projetos e das exposições temporárias para os mais jovens e adultos, escolas e professores: Visitas orientadas, Visitas-Oficina, Oficinas Criativas e Oficinas Formativas.

As visitas e atividades devem ser previamente agendadas pelas escolas com a CCSC para planificação das mesmas pelo Serviço Educativo.

#### (a)Riscar o Património Setembro

Encontro de desenho integrado nas Jornadas Europeias do Património. É uma iniciativa da Direção-geral do Património Cultural, com o apoio dos Urban Sketchers Portugal.

#### Hora do Planeta Março

Palestras e oficinas criativas a propósito da consciencialização ambiental que pretende fomentar as boas práticas ambientais e de sustentabilidade ecológica

#### Abril e o Património

Projeto História Local e Educação Patrimonial, projeto de sensibilização para o património

#### "casaculturaESCOLASsantacruz" Maio

Encontro, entre as Escolas Básicas do 2º e 3º Ciclo do Concelho, na Casa da Cultura de Santa Cruz | Quinta do Revoredo a partir da Exposição] Mostra de projetos e trabalhos realizados pelos alunos, nas disciplinas e projetos do departamento de Expressões.

#### Conversas com artistas Maio

Contempla mediações educativas que consistem num encontro/conversa entre artistas convidados e alunos.

#### Roteiro pelo património

Visita orientada pelo Património Edificado do Centro Histórico de Santa Cruz



Departamento da Cultura e Bibliotecas

Serviço Educativo | CCSC/ Quinta do Revoredo  
Lucilina Freitas

Rua Bela de São José, 9100-151 Santa Cruz

Horário – Segunda a Sexta das 9:00 às 17:00 e Sábados das 14:00 às 17:00

[casadaculturasantacruz@gmail.com](mailto:casadaculturasantacruz@gmail.com)

291 520 124

[facebook@Casa da Cultura Santa Cruz / Quinta do Revoredo](https://www.facebook.com/Casa da Cultura Santa Cruz / Quinta do Revoredo/)





## museu QUINTA DAS CRUZES



AS CONFERÊNCIAS DO MUSEU 2019

A Quinta das Cruzes foi ao longo dos séculos sofrendo alterações importantes, transformando-se, a partir do século XVIII, numa emblemática "Quinta Madeirense", com Casa de moradia, Capela, "Casinha de Prazer" e Parque ajardinado.

Este espaço foi adquirido pelo Estado, em 1946, para se instalar um Museu de artes decorativas, com a ideia de ali se exporem as coleções do seu primeiro doador, César Filipe Gomes. Às coleções iniciais juntaram-se as de João Wetzler, em 1966, e de outros doadores, assim como várias aquisições.

As coleções abrangem núcleos diversos como Pintura, Escultura, Glíptica, Ourivesaria, Joalheria, Cerâmica, Desenhos, Gravuras e Mobiliário (de origem portuguesa e estrangeira, nomeadamente, inglesa) que se situam cronologicamente entre os séculos XV e a 1.ª metade do século XX.

Oficialmente aberto ao público a 28 de Maio de 1953, o Museu Quinta das Cruzes corresponde assim, à memória continuada de viver a ilha que somos. O Museu Quinta das Cruzes é tutelado pela Secretaria Regional do Turismo e Cultura / Direção Regional da Cultura.



### EQUIPA TÉCNICA / RESPONSÁVEL

Ana Rodrigues Bonito | Andreia Morgado | Gabriela Nóbrega

Calçada do Pico, n.º 1 | 9000-206 Funchal

## MISSÃO EDUCATIVA

O serviço educativo do Museu Quinta das Cruzes assume-se como um agente mediador da experiência museológica e facilitador no processo de descodificação e clarificação da mensagem subjacente aos bens culturais, com o objetivo de a tornar acessível ao público. Para além da sensibilização ao património artístico, é intuito do serviço educativo que, em diálogo com o visitante, sejam criadas novas e diferentes interpretações da peça ou coleções. Assim são criadas condições para a produção de conhecimento partindo sempre da exploração das coleções, com vista ao desenvolvimento de um olhar crítico sobre o objeto, dando lugar a novas aprendizagens de cariz alargado e multidisciplinar.

De acordo com o regulamento interno do MQC, compete a este serviço a *programação, organização e acompanhamento das diferentes atividades organizadas pelo Museu e que exigem o contacto pessoal com os diferentes públicos que visitam a instituição* (artigo 33º).

Neste âmbito, as ações educativas projetadas visam a divulgação das Artes Decorativas através das coleções do museu e da história do edifício refletindo-se na valorização do património histórico-cultural da RAM e a sua fruição junto da comunidade envolvente. A programação educativa está estruturada com propostas dirigidas a públicos diferenciados, com o objetivo de se atender à diversidade das necessidades e interesses dos visitantes.

## PROGRAMA / AÇÕES

— Visitas guiadas gerais à coleção, visitas temáticas e atividades educativas que possibilitam uma exploração lúdico-pedagógica como complemento à visita guiada para públicos específicos;

— Ateliês ou oficinas educativas que permitem uma maior interação dos participantes com as coleções do museu e com outros elementos que compõe a Quinta das Cruzes. Estas iniciativas promovem momentos de criação, lazer, aprendizagem, maior dinamismo e autonomia para cada um dos visitantes que participam neste tipo de iniciativa.

— Projetos educativos, direcionados para vários tipos de públicos, versando temáticas variadas e que, por vezes, têm sido realizados em parceria com outras instituições educativas e culturais;

— Ações educativas específicas como o Programa para as Famílias, Programa para público sénior, Programa para pessoas com NEE'S;

— Comemoração de datas institucionais, como o Dia Internacional dos Museus, a Noite Europeia dos Museus, Jornadas Europeias do Património, Dia Internacional dos Monumentos e Sítios

— Atividades educativas projetadas para a comemoração de festividades como o Carnaval, Páscoa, Natal e Gincanas Culturais;

O Serviço Educativo do MQC é recetivo a propostas de ações educativas por parte de docentes que pretendam desenvolver iniciativas por eles planificadas e que fazem parte do projeto educativo anual da escola ou da disciplina que lecionam.



AS CONFERÊNCIAS DO MUSEU 2019

## MISSÃO EDUCATIVA

O Museu de Arte Contemporânea foi criado em 1992, tendo-se estabelecido primeiramente na Fortaleza de São Tiago, edificação datada de 1614, onde permanece até 2015 altura em que é transferido para o Centro das Artes Casa das Mudas, Calheta, projeto da autoria do arquiteto Paulo David, inaugurado em outubro de 2004 e, edificado no antigo morgadio de Vale de Amores, propriedade da solarenga conhecida como Casa das Mudas, passando a denominar-se Mudas. Museu de Arte Contemporânea da Madeira.

A coleção do Museu é constituída por arte contemporânea portuguesa, com um espectro temporal orientado entre os anos 60 do século XX e a atualidade, tendo como núcleo inicial os Prémios de Artes Plásticas da Cidade do Funchal, iniciativas realizadas nos anos de 1966 e 1967. Este princípio de coleção esteve exposto, temporariamente, nas salas da Quinta Magnólia, no Funchal, desde 1986, passando, a partir de 1992, para a Fortaleza de São Tiago.

No conjunto inicial de obras, o destaque vai para os trabalhos de Joaquim Rodrigo, António Areal, José Escada, Helena Almeida, Jorge Martins, Artur Rosa, Manuel Baptista, Nuno de Siqueira, entre outros. Esta instituição vem desenvolvendo uma política de aquisições, encontrando-se representados no seu espólio muitos dos mais destacados artistas plásticos portugueses, incluindo alguns nascidos na Ilha da Madeira: Lourdes Castro, Maria Helena Vieira da Silva, Fernando Calhau, António Palolo, Rui Sanches, João Queiroz, Michael Biberstein, Patrícia Garrido, Martha Telles, Pedro Cabrita Reis, Ana Vidigal, Gáetan, Eduardo Batarda, Daniel Blaufuks, Bárbara Assis Pacheco, Miguel Branco, Pedro Calapez, Pedro Casqueiro, Rui Chafes, Pedro Portugal, José Pedro Croft, Ilda David, Jorge Molder, José Loureiro, Álvaro Lapa, Ana Hatherly, João Vilhena, Alberto Carneiro, Pedro Gomes, Pedro Proença e muitos outros. A coleção de arte contemporânea portuguesa do Museu é essencialmente constituída por obras adquiridas a galerias de arte ou aos próprios autores, juntando-se a este núcleo as doações provenientes das exposições da antiga Galeria da Secretaria Regional de Turismo e Cultura e de particulares.

Os museus como espaços de ação pedagógica desempenham um papel cada vez mais preponderante junto da comunidade escolar e demais instituições que compõem o tecido social, fomentando a exploração do conhecimento e procurando promover oportunidades de aprendizagem. Neste contexto, através do seu Serviço Educativo, o Museu de Arte Contemporânea da Madeira promove, para além de visitas de estudo guiadas a grupos escolares e particulares que o solicitem, uma série de atividades de caráter lúdico-pedagógico, procurando, sempre que possível, sensibilizar e motivar os diversos públicos para as temáticas da arte, história, arquitetura e cidadania, reforçando a sua ação pela articulação museu/escola, como veículo para a partilha de conhecimentos e experiências que promovam uma aproximação dinâmica e sobretudo criativa, à cultura contemporânea.

## PROGRAMA / AÇÕES

Visitas Orientadas

Visitas Oficina

Visitas Temáticas

Ateliers de Expressão Plástica

Oficinas Criativas / Temáticas

Dinamização de atividades para ocupação de férias

Ações de Sensibilização / Formação / Conferências

Projetos MUDAS.Escolas



### RESPONSÁVEL / EQUIPA TÉCNICA

Direção: Márcia de Sousa

Serviços Educativos:

Bernardino Corte, Desidério Sargo e Júlia Maurício

Estrada Simão Gonçalves da Câmara, n.º 37  
9370-139 Calheta - Madeira

[mudas@madeira.gov.pt](mailto:mudas@madeira.gov.pt)

291820900

Facebook @MUDASmuseu

INSTAGRAM @mudas.museudeartecontemporanea

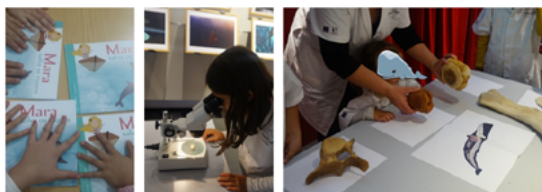




O Museu da Baleia da Madeira foi criado em 1990, com o objetivo principal de salvaguardar a memória da atividade baleeira Madeirense (1941 – 1981).

Atualmente, dá a conhecer o património e a história da baleação mas também as baleias e os golfinhos do arquipélago da Madeira, conciliando o passado e o presente ao testemunhar a transição da caça para a conservação e para a importância de preservar os recursos naturais.

À museologia e à história aliam-se a ciência e a educação, elevando o museu ao papel de centro cultural multidisciplinar, dinâmico e inovador, ao serviço da comunidade, onde o espaço e as coleções museológicas se reinventam na investigação científica e na educação.



EQUIPA TÉCNICA / RESPONSÁVEL  
Calaça, Dalila; Carreira, Sílvia;  
Costa, Susana; Remesso, Balbina;  
Ribeiro, Mariana / Nóbrega, Ana

Rua Garcia Moniz n.º 1  
Caniçal, Madeira, Portugal

HORÁRIO  
Terça a domingo, das 10h30 às 18h30



## MISSÃO EDUCATIVA

O Museu da Baleia da Madeira tem como missão educativa promover a construção do conhecimento através da realização de ações baseadas no património cultural, sobre a história da caça à baleia na Madeira, e no património natural marinho, em particular sobre a diversidade de cetáceos no Arquipélago da Madeira, o mar e a sustentabilidade dos oceanos.

O projeto educativo assenta nas temáticas e discursos museológicos, disponibilizando atividades, que incluem uma componente prática, direcionada para cada ano de escolaridade, desde o ensino pré-escolar até ao secundário, em consonância com os currículos escolares. No início de cada ano letivo, é também apresentado um plano de atividades didáticas em linha com a missão do museu.

E porque a Educação não se esgota com o público escolar, o Museu desenvolve ainda um conjunto de iniciativas de sensibilização, divulgação, formação e informação, recorrendo a várias estratégias de comunicação, com significado para a identidade e memória coletivas.

## PROGRAMA / AÇÕES

- Visitas de estudo
- Os cetáceos vão à escola
- Desafio educativo
- O dia da ciência
- Biblioteca escolar
- Projeto "Mara salva os roazes"
- Ações de formação para professores
- Comunicações
- Parcerias com as escolas locais
- Colaboração com as escolas em atividades de enriquecimento curricular
- Ações de educação ambiental
- Exposições temporárias





A Académica da Madeira é uma instituição privada, sem fins lucrativos.

Reconhecida pelo Ministério da Educação, está inscrita no Registo Nacional do Associativismo Jovem do Instituto Português do Desporto e Juventude (IPDJ), possui o estatuto de Instituição de Utilidade Pública através do reconhecimento que o Governo Regional fez da sua missão e, em 2017, através do Programa *Herança Madeirense*, foi premiada pelo IPDJ, pelas suas Boas Práticas de Associativismo Estudantil e pelo Santander Universidades com o Prémio Voluntariado Universitário e recebeu votos de louvor atribuídos pela Assembleia Legislativa Regional da RAM e pela Câmara Municipal do Funchal.

Em 2018, bisa no prémio Boas Práticas de Associativismo Estudantil, com o programa *Universitas* que congrega toda a oferta de ações e iniciativas de acolhimento, de acompanhamento e de preparação para a inserção na vida activa dos futuros, dos actuais e dos antigos estudantes universitários.



EQUIPA TÉCNICA / RESPONSÁVEL  
Andreia Micaela Nascimento

Campus Universitário da Penteada



AS CONFERÊNCIAS DO MUSEU 2019

## MISSÃO EDUCATIVA

A Herança Madeirense é um programa criado por estudantes, dinamizado por uma equipa diversificada na sua cultura e origem, assentando no ideal europeu de união dentro de um panorama de diversidade.

As atividades, que se baseiam na investigação e na promoção da Arte, da Cultura e da História, desenvolvem-se através da execução de visitas educativas, de exposições, de visitas guiadas, de saraus de música, de circuitos de visitas autónomos e de publicações literárias.

A difusão do respeito pelo património (i)material materializa-se com a dinamização de vários monumentos e atrações que são alvo da intervenção do programa ao longo do ano, permitindo que o visitante explore como esses monumentos e os seus ocupantes ajudaram a moldar a nossa sociedade.

As ações são desenvolvidas por estudantes, antigos estudantes e jovens ao abrigo do programa Erasmus+, integrando a sociedade civil na fruição das várias experiências que são proporcionadas, maioritariamente gratuitas e em vários idiomas.

Há uma forte componente social imbuída em toda a ação através do financiamento, com as receitas geradas, de um amplo programa de apoio social e de voluntariado, que envolve a recuperação do património, o financiamento de refeições e material escolar para jovens desfavorecidos, a aquisição de material técnico para bibliotecas e o apoio e formação dos nossos voluntários.

## PROGRAMA / AÇÕES

As atividades, que se baseiam na investigação e na promoção da Arte, da Cultura e da História, desenvolvem-se através da execução de:

- Visitas educativas;
- Exposições;
- Visitas guiadas;
- Saraus de música;
- Circuitos de visitas autónomos;
- Publicações literárias.





## MUSEU DE IMPRENSA MADEIRA



AS CONFERÊNCIAS DO MUSEU 2019

### MISSÃO EDUCATIVA

O Museu de Imprensa – Madeira (MIM) situado na cidade de Câmara de Lobos, Av. da Autonomia n.º 3, foi fundado em 2013 e assume-se como uma memória histórica dos tempos em que a imprensa escrita se impunha como o principal meio de comunicação de massas. É propriedade municipal e ocupa uma área com dois mil metros quadrados, nos quais se desenvolve a exposição permanente composta por equipamento dos sécs. XIX e XX, subdivida em seis grandes áreas: Fundição, Composição Manual, Gravura, Composição Mecânica Impressão e Encadernação. Possui uma ala central em *open-space*, que acolhe conferências, palestras e exposições temporárias, em estreita comunhão com a exposição permanente.

O MIM tem por missão mostrar, inventariar e recuperar o património da indústria gráfica e da imprensa da Região Autónoma da Madeira, valorizar a história da imprensa e da tipografia e contribuir para a dinamização cultural da Região Autónoma da Madeira.

O MIM procura interagir com a sociedade e o meio onde se insere, e procura abrir-se a outras iniciativas que não somente museológicas ou expositivas, bem como desenvolver o gosto e o respeito pela diversidade cultural, criando experiências gratificantes numa perspectiva de educação não-formal, que contribua para a valorização do património cultural e integração social.



### PROGRAMA / AÇÕES

Maio - IV Seminário de Educação  
Iniciativa dirigida a toda a comunidade educativa, numa organização da Câmara Municipal de Câmara de Lobos.

Maio (18) - Dia Mundial dos Museus  
Oficina Pedagógica sobre a Tipografia.

Setembro - Prémio de Mérito Escolar Joaquim Pestana  
Iniciativa da Câmara Municipal de Câmara de Lobos destinada a premiar os melhores alunos do concelho em todos os níveis de ensino.

Setembro (2) - Dia Mundial do Turismo  
Realização de um "open day" no museu. Este dia visa mostrar a importância do turismo e do seu valor cultural, económico e social, bem como a relação dos museus com o turismo.

Dezembro - Dia do Selo  
Exposição temporária subordinada ao tema "Câmara de Lobos na Filatelia Portuguesa".

Sub-unidade de Educação, Cultura e Desporto  
Museu de Imprensa – Madeira

Av. da Autonomia N.º 3, 9300-146 Câmara de Lobos  
Horário – Segunda a Sexta das 9:00 às 17:00

[museuimprensamadeira@cm-camaradelobos.pt](mailto:museuimprensamadeira@cm-camaradelobos.pt)

291 910135

facebook @MIM Museu de Imprensa da Madeira

## MUSEU DE ARTE SACRA DO FUNCHAL

O Museu de Arte Sacra do Funchal é uma Instituição privada, sob tutela da Diocese do Funchal que tem como finalidade primordial a preservação, investigação e divulgação de património artístico proveniente das igrejas e capelas da Diocese do Funchal e/ou particulares.

Conjugando as dimensões, religiosa e cultural dos objetos, funda-se na convicção de que é possível conciliar as duas – sem que uma se subordine à outra – para prestar um serviço de bem comum.

Expõe desde 1955 um conjunto patrimonial de coleções de pintura, escultura, ourivesaria, têxteis e paramentaria religiosas que testemunham cinco séculos de história da ilha da Madeira.



EQUIPA TÉCNICA / RESPONSÁVEL  
Martinho Mendes e Líliliana Melim

Rua do Bispo, 21 9000-073 FUNCHAL

HORÁRIO

Segunda a sexta das 10h às 17h; Sábado das 10h às 13h



AS CONFERÊNCIAS DO MUSEU 2019

## MISSÃO EDUCATIVA

O Museu de Arte Sacra do Funchal (MASF) procura por meio da programação do Serviço Educativo fortalecer as relações entre o Museu e a comunidade nomeadamente o vasto público escolar. No entanto existe a preocupação em diversificar os públicos que acedem ao Museu, abrangendo os diversos níveis etários e sociais. Esta programação assenta na planificação e diversificação de novas atividades que explorem as coleções do MASF na perspetiva da educação estética artística e patrimonial. Estas atividades são programadas de acordo com os objetivos requeridos no âmbito das muitas solicitações que o MASF tem por parte dos vários grupos no âmbito escolar, público adulto e sénior no contexto das universidades seniores, instituições de solidariedade social, ateliês de ocupação de tempos livres entre outros.

## PROGRAMA / AÇÕES

- Programação e orientação de visitas de estudo;
- Visitas de estudo com componente de ateliê;
- Atividades de trabalho no domínio da leitura e interpretação da obra de arte;
- Dinamização de exposições dos trabalhos desenvolvidos no âmbito do Serviço Educativo;
- Desenvolvimento de oficinas criativas de curta ou longa duração assinalando datas específicas (Páscoa, Dia Internacional dos Museus, Dia do Turismo, Dia Nacional dos Bens Culturais da Igreja, Natal, etc.);
- Visitas orientadas à hora do almoço;
- Realização de conferências e mesas redondas;
- Orientação de estágios ao abrigo de vários programas;
- Participação na conceção e animação das diversas ações e recursos em articulação com a área de conservação, investigação e gestão das coleções;
- Oferta Formativa: interna e externa.

## DESENVOLVIMENTO DO “LABORATÓRIO NARRATIVAS ENCADEADAS: PLANIFICAÇÃO DE ATIVIDADES EDUCATIVAS COM O PATRIMÓNIO CULTURAL E NATURAL DO ARQUIPÉLAGO DA MADEIRA”



Pretendeu-se, através deste encontro, criar um espaço alargado de partilha, debate e reflexão, centrado na multiplicidade e transversalidade dos conceitos, definições, âmbitos e espaços da educação patrimonial hoje.

Dando seguimento a estas reflexões e adaptando as mesmas ao contexto escolar de modo a procurar respostas concretas aos seus atuais desafios, propôs-se que os docentes definissem uma atividade que fosse de encontro ao Projeto de Autonomia e Flexibilidade Curricular (PFAC).

O PFAC está integrado nas prioridades definidas no Programa do XXI Governo Constitucional para a área da Educação, regulamentado no Despacho n.º 5908/2017, de 5 de julho que define os princípios e regras orientadoras da conceção, operacionalização e avaliação do currículo do ensino básico e secundário de modo a alcançar o Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória, homologado pelo Secretário de Estado da Educação, através do Despacho n.º 6478/2017, de 26 de julho.

Sendo o papel dos professores a criação e diversificação de instrumentos que impliquem uma ação intencional conducente ao desenvolvimento/alcance das áreas previstas neste *perfil*, dos alunos à saída da escolaridade obrigatória, e tendo em conta a individualidade de cada escola gerir o currículo de forma flexível e contextualizada, pretendia-se a planificação de uma atividade educativa que incidisse nas propostas que as várias instituições culturais do arquipélago da Madeira apresentaram nos seus respetivos pósteres: A construção de uma narrativa encadeada (Imagens 18-24).



Imagem 18\_Exposição de pósteres das instituições  
©ArquivoMASF, 2019.





Imagem 19\_Conjunto de materiais base para o desenvolvimento do Laboratório  
©ArquivoMASF, 2019.



Imagem 20\_Conjunto de materiais base para o desenvolvimento do Laboratório  
©ArquivoMASF, 2019.



Imagem 21\_Desenvolvimento  
do Laboratório  
©ArquivoMASF, 2019.



Imagem 22\_Desenvolvimento  
do Laboratório  
©ArquivoMASF, 2019.



Imagem 23\_Desenvolvimento do Laboratório  
©ArquivoMASF, 2019.



Imagem 24\_Desenvolvimento do Laboratório  
©ArquivoMASF, 2019.



## DESCRIÇÃO DOS TRABALHOS APRESENTADOS

Por questões práticas de trabalho o grupo de inscritos foi dividido em quatro grupos, onde puderam debater e refletir acerca das ofertas apresentadas pelas 17 instituições participantes. Mediante esta reflexão, os professores e pares de outras instituições criaram uma proposta de atividade educativa envolvendo as diversas instituições representadas nos pósteres, num conjunto de dinâmicas encadeadas entre si. O resultado das quatro propostas é agora apresentado de forma sintética.

### **Grupo 1 (Imagem 25)**

Património natural/Património cultura: imóvel, móvel e imaterial

Atração da formiga branca às matérias das construções quer pelas infiltrações quer pela qualidade aplicada

Formiga branca

1 - Elemento presente na natureza

2 - Construção: seca/húmida

3 - Análise de três espécimes

#### Desenvolvimento da atividade

- Sensibilização nas escolas sobre a temática das pragas; exemplos de madeiras atacadas, para todos os níveis de ensino.
- Vista à Igreja de São João Evangelista (do Colégio): observação de problemas de segurança com o teto pela infiltração de água; articulação com Museu de História Natural.
- Articulação entre várias áreas disciplinares: Ciências; Biologia; Cidadania e Desenvolvimento; Geografia; Educação Visual; Educação Tecnológica; História; Prevenção de Riscos.
- Exposição de trabalhos na escola.



11

- Património Natural / Património Cultural: imaterial e material
- Família Riança - 3 espécies - 2 - construídas <sup>sec</sup> / húmida  
1 - existe na natureza
- ataque da família às madeiras das  
construções para pela infiltração que  
pela qualidade aplicada (corte)
- Exemplo de madeiras atacadas
- Oda à escola - porta pelas das fragas
- Igreja do Colégio
- Problemas de infiltração com o tecto do Colégio (tábuas)
- Por entrada de água
- Visitas para todos os níveis etários
- Articulação entre disciplinas: ciências, biologia, ciências  
e desenvolvimento geográfico, história, Matemática, educação  
cívica, geografia, ciências tecnológicas, português e línguas
- Trabalho na escola para a Tórtola
- Lia Tratas - 22diverfeiki@gmail.com - 931959427
- Neide Pereira nichedeo@gmail.com
- YSABEL GONCALVES ysabl.goncalves@cm-funchal.pt
- Olga Cordeiro olgacordeiro22@netomadeira.com

TRANSMISSÃO  
DE VALORES -  
DE PRESERVAÇÃO  
DO PATRIMÓNIO

valores  
nossos  
→ Educação  
→ Respeito  
pela família  
e património

INQUIETADO  
FALTA  
IGUALDADE

Sempre o calor  
do Museu  
para muitos o  
mundo  
→ Transformar  
ideologias

Valores: @  
Democratização,  
Programas

Quando amos  
obrigados  
Não destruímos  
como o país

Urgência  
injustiça  
justiça

Tolerância  
Direitos  
HUMANOS

## **Grupo 2 (Imagem 26)**

### **Rota das Origens**

Este grupo encadeou um conjunto de atividades que abrangia um total de cinco concelhos culminando num roteiro que denominaram *Roteiro das Origens*.

### **Ribeira Brava e Ponta do Sol**

#### **Ciclo do Pão**

- Visita ao Museu Etnográfico da Madeira (artefactos da produção cerealífera)
- Visita ao Solar do Esmeraldo/Capela do Espírito Santo
- Visita ao Moinho
- Caminhada na Levada do Moinho
- Igreja Matriz de Nossa Senhora da Luz
- Cais

### **Calheta**

#### **Ciclo da Cidra**

- Visita à Quinta Pedagógica dos Prazeres (herbário e museu): produção da cidra e cereais
- Engenhos da Calheta

### **São Vicente**

#### **Rota da Cal**

- A cal na agricultura (flores; árvores de futa
- Fósseis
- Visita às Grutas de São Vicente (geologia)

### **Porto Moniz**

- Floresta da Laurissilva
- Chão da Ribeira: a tradição do *Panelo*

## ROTA DAS ORIGENS

DINIS PACHECO  
MARIELA CAMPO  
ODÍLIA SOUZA  
ANA BOMITO  
MÉLIO PUSSA



- Chão da Ribeira (panela)
- Floresta Laurissilva

\*



- Rota da Sal (fósseis)
  - Grutas S. Vicente (geologia)
- ↓  
sal na agricultura (flor.,  
árvore fruta)



- Quinta Pedagógica dos Prazeres (Herbário + museu) → produção da Cidra e do cereais
  - Engenhas da Calheta
- \* Ciclo da Cidra



- Solar das Esmeraldas (capela do Espírito Santo)
  - Moinho
  - Lezíria do moinho — ÁGUA (nascentes, levada)
  - Igreja Matriz (Sra. da Luz)
  - Cais
- \* Caminhada levada



- Museu Etnográfico (artefacto, produção cerealífera)
- ↓  
pão \* ciclo do pão

II

### Grupo 3 (Imagem 27)

Este grupo desenvolveu a sua narrativa centrada numa figura histórica de grande relevância para a RAM, João Gonçalves Zarco, e delineou um percurso partindo da sua *história* para um conhecimento global da história da RAM.

Estátua de João Gonçalves Zarco

1 - Quem? Contexto histórico/descobertas/património natural

2 - Espaços de referência:

a) Parque de Santa Catarina

b) Museu Quinta das Cruzes

c) Convento de Santa Clara

3 - Cultura do açúcar durante os séculos XV e XVI: Museu do Açúcar

4 - Consequências da produção do açúcar: Museu de Arte Sacra do Funchal

5 - Imortalização: Museu Henrique e Francisco Franco – estudos para a elaboração de estátuas (esboços; técnicas e materiais)





## INCLUSÃO PELA ARTE

conectar o mundo

O Museu como ferramenta no Espaço educativo escolar

Partilha de conhecimentos

## Elementos do grupo

Liliana Castanheira

Isabel Barros

Amândeo Lourenço

Isabel Pinheiro Nunes

Luísa Costa

Carla Gouveia

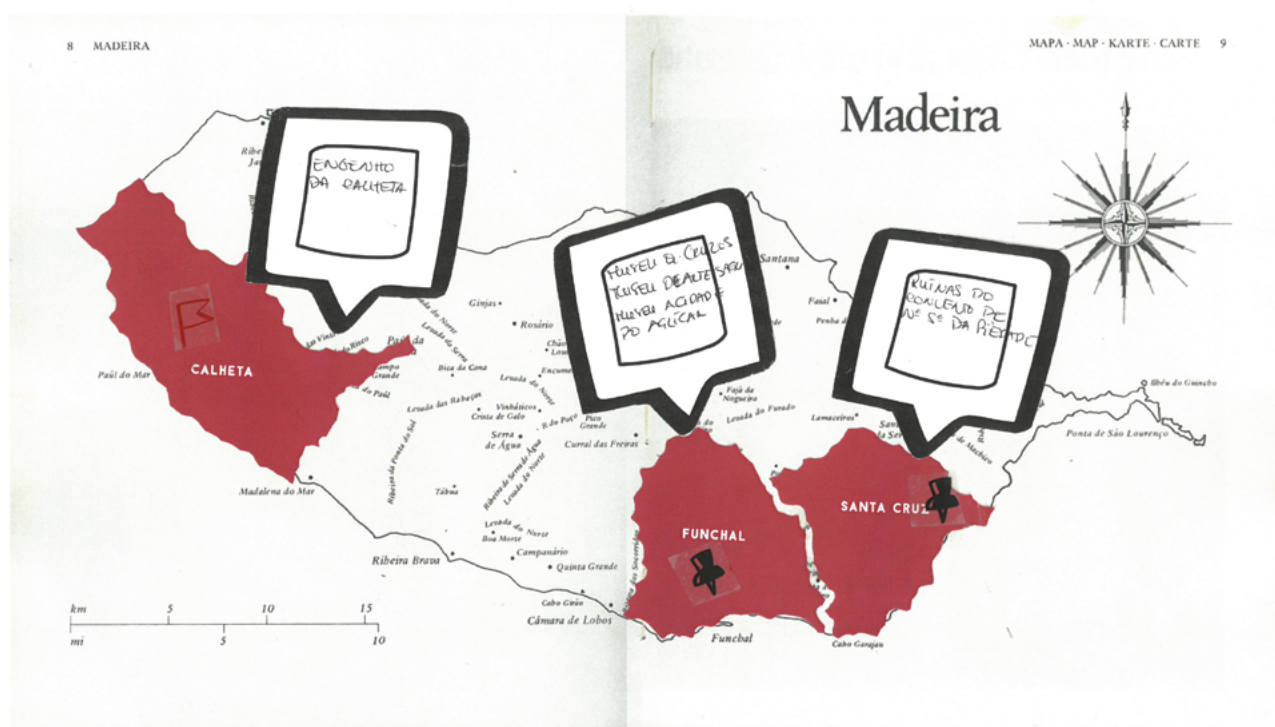
III

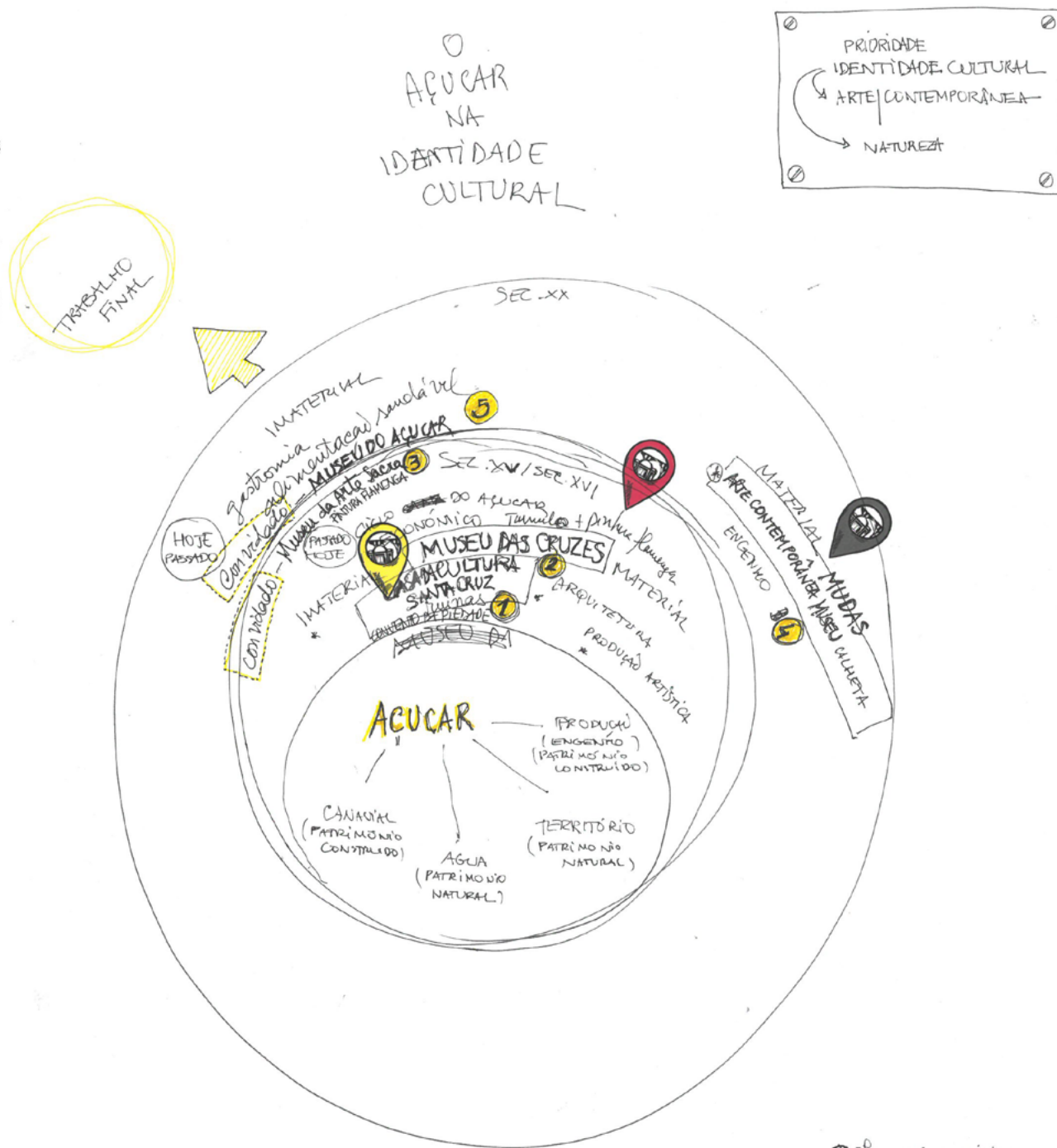
## Grupo 4 (Imagem 28)

### O açúcar na identidade cultural

Elegendo o açúcar como elemento central a dinâmica deste grupo incide sobre o património material e imaterial, natural e cultural da RAM. O grupo definiu as seguintes palavras-chave: Prioridade; Identidade Cultural; Arte Contemporânea; Natureza. Indicou o Ensino Secundário como público-alvo e delineou um conjunto de estratégias que refletissem o contributo do açúcar na formação da identidade cultural da RAM. Este grupo considerou as visitas aos fragmentos arquitetónicos do antigo Convento da Piedade, depositadas nos jardins da Casa da Cultura de Santa Cruz, ao Museu de Arte Sacra, ao Núcleo Museológico da Cidade do Açúcar, ao Museu Quinta das Cruzes e ao Mudas - Museu de Arte Contemporânea para a construção de um roteiro que remetesse para a temática escolhida. A linha do raciocínio seguido é ilustrada na imagem (Imagem 28).

Imagem 28\_Grupo 4  
©ArquivoMASF, 2019.





Alunos SECUNDARIO

SANDRA SOUSA - ESCOLA SEC. JAIME MONIZ 939814394

FATIMA GOMES - ESCOLA SEC. JAIME MONIZ 919182006

1- NA TEREZA DOMINGOS - ESCOLA ASIST 2; 3º VÍDEO BRAZÃO DE CASTRO 965240694

ANDREIA MORGADO - ~~REPER~~ MUSGU QUINTA DAS CRUZES 963853667

DESIDÉRIO SARGO - MUDAS MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA

LUCILINE FREITAS - CASA DA CULTURA DE SANTA CRUZ / QUINTA DO REVEDADO 962497114 *Lucilaine*

sandra.sousa.a@live.com.pt  
~~felixma~~ f4tim4freit4s@hotmail.com  
 ana.gondomigos@gmail.com  
 andrei.morgado@madeira.gov.pt  
 Creada cultura santa cruz@gmail.com

## “LABORATÓRIO NARRATIVAS ENCADEADAS: PLANIFICAÇÃO DE ATIVIDADES EDUCATIVAS COM O PATRIMÓNIO CULTURAL E NATURAL DO ARQUIPÉLAGO DA MADEIRA”: ALGUMAS LINHAS CONCLUSIVAS



Esta atividade desenvolvida no âmbito d’As Conferências do Museu 2019 – Mediações: Aprendizagem, Património e Museus, tinha como objetivo final a validação da ação e avaliação dos profissionais de educação inscritos nas mesmas e diferenciou-se de outros modelos de avaliação previamente aplicados. De componente essencialmente prática, decorrente da análise dos pósteres apresentados, esta proposta de desenvolvimento de uma atividade assente nas ofertas educativas das Instituições da RAM em complementaridade com outras atividades correlacionadas, pelos presentes, possibilitou a verificação da crescente preocupação das várias instituições ligadas ao património cultural e natural da RAM, na estruturação da sua missão educativa, na definição de objetivos dos seus programas e ações e na diversificação de oferta.

O resultado desta atividade verificou-se proveitoso ao proporcionar um ambiente informal na troca de experiências entre os participantes reunindo professores, coordenadores dos serviços educativos de várias instituições e outros profissionais ligados ao património cultural e natural da RAM.



Foram esboçadas propostas de aprendizagem de carácter não formal, e verificou-se a cada vez maior importância da construção de roteiros que permitam a circulação e articulação entre os vários agentes do património cultural e natural, em atividades dinâmicas, fora do contexto da sala de aula, mas de possível implementação nas escolas através de projetos integrantes do PFAC.

#### BIBLIOGRAFIA

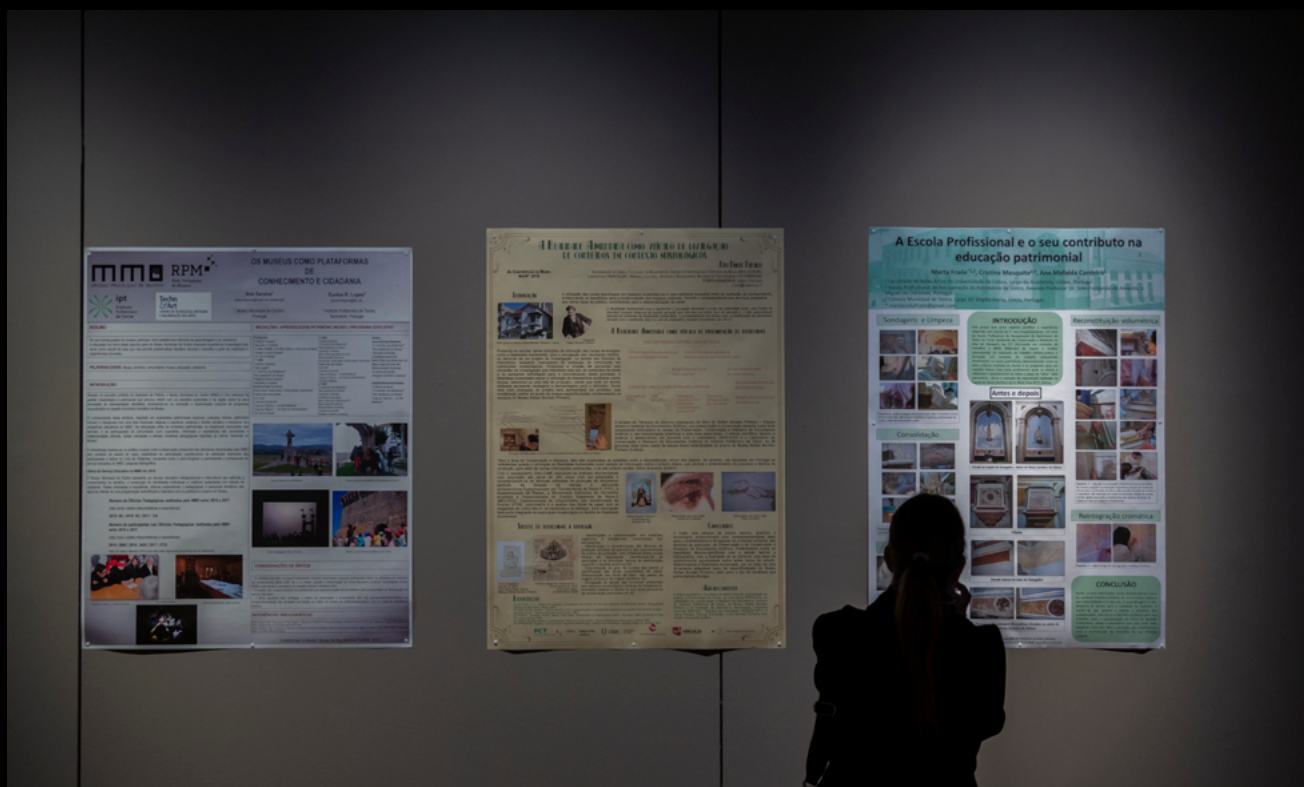
Despacho n.º 5908/2017 do Ministério da Educação e Ciência (2017). Diário da República: II série, n.º 128/2017, disponível em <https://dre.pt/application/conteudo/107636120>

Despacho n.º 6478/2017 do Ministério da Educação e Ciência (2017). Diário da República: II série, n.º 143/2017, disponível em <https://dre.pt/application/conteudo/107752620>

# FOTORREPORTAGEM

© Arquivo MASF

## As Conferências do Museu 2019



# Exposição de posters





08 de março



Sessão de abertura - João Henrique Silva (diretor do MASF) e D. Nuno Brás (bispo do Funchal)





Alice Semedo

*Pode um museu mudar o mundo? Transformações do papel da educação em museus.*

**Painel 1: *MEDIAÇÕES EDUCATIVAS EM MUSEUS – PATRIMÓNIO CULTURAL, CRIAÇÃO E SABERES NA CONTEMPORANEIDADE***  
**1ª Parte**



Martinho P. Mendes

*Esbater fronteiras criando redes: Os 25 anos do Serviço Educativo do Museu de Arte Sacra do Funchal.*





José Ferreira e Silva  
*O Serviço de Públicos do MMIPO – Museu e Igreja da Misericórdia do Porto.*

# MISSÃO

O Museu pretende, através de objetos de arte sacra e etnográficos, introduzir o visitante no espírito missionário da Igreja e levá-lo a participar com ela no esforço de evangelização do mundo.

MEDIAÇÕES:  
APRENDIZAGEM  
PATRIMÔNIO E  
MUSEUS

Gonçalo  
Cardoso

José Ferreira  
e Silva

Helena Berenguer  
Moderadora

Martinho P.  
Mendes



SALA DA "MISERICÓRDIA"  
Coleção de Presépio e Meninos Jesus do Padre António Rozado Belo  
(2007 Arquivo Consolata Museu)

MEDIAÇÕES:  
APRENDIZAGEM  
PATRIMÔNIO E  
MUSEUS



Em modo de reflexão...

**Cristo da Piedade, dito Senhor da Paciência**  
Escultura de barro cozido e policromado,  
modelada em vulto pleno.  
Altura 43 cm largura 28 cm  
Escultura portuguesa século XV-XV  
2008 Arquivo Consolata Museu



MEDIAÇÕES:  
APRENDIZAGEM  
PATRIMÔNIO E  
MUSEUS

Gonçalo Cardoso  
*O Serviço Educativo e de Animação do Consolata Museu:  
Contributos para o desenvolvimento da literacia religiosa.*





Debate da 1ª Parte do Painel 1  
Gonçalo Cardoso, José Ferreira e Silva, Martinho P. Mendes, Alice Semedo. Moderadora: Helena Berenguer.

## Painel 1 - 2ª Parte



Marta Ornelas

*O museu como território de relação pedagógica com a escola.*





Odete Paiva  
*Museus: Lugares de memória e de contemporaneidade.*



Luís Nobre  
*Relações e dispositivos entre narrativas, temas e espaços.*





Debate da 2ª Parte do Painel 1  
Marta Ornelas, Odete Paiva, Luís Nobre. Moderadora: Ana Cristina Duarte.

## Painel 1 - 3ª Parte



Sofia Carolina Botelho

*Um museu em diálogo com a paisagem: Natural, humana e cultural.*





Margarida Camacho

*Acessibilidade e mediação cultural: Reflexões em torno do Palácio de São Lourenço.*





Debate da 3ª Parte do Painel 1  
Sofia Carolina Botelho, Margarida Camacho. Moderadora: Natércia Xavier.

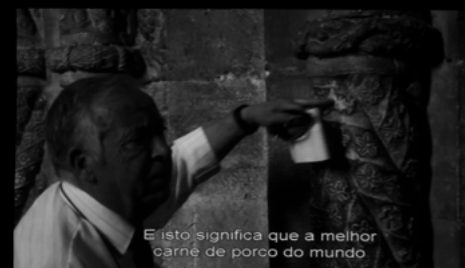
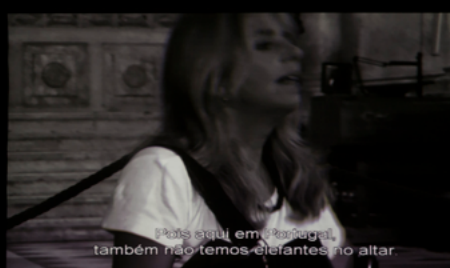


09 de março



Elisa Vasconcelos e Carolina Ferreira  
Lançamento do MASF Journal da 2ª Edição das Conferências do Museu

Painel 2: *EDUCAÇÃO PATRIMONIAL PARA TODOS –  
– APRENDIZAGENS, METODOLOGIAS E PROJETOS*  
1ª Parte



Tiago Hespanha  
Projeção e apresentação do documentário "Visita Guiada" (Tiago Hespanha, 2009)





Nunca, como agora, a sociedade e suas instituições demonstraram tanto interesse pelo Patrimônio, podendo afirmar que esta circunstância tem hoje uma dimensão planetária.



MEDIAÇÕES:  
APRENDIZAGEM  
PATRIMÔNIO E  
MUSEUS



Francisco Aznar Vallejo

*La dimensión formativa en la socialización del patrimonio.*



Marco Daniel Duarte  
*Para uma museologia comunicativa e contemplativa:  
 O contributo do Museu do Santuário de Fátima.*





Debate da 1ª Parte do Painel 2

Tiago Hespanha, Francisco Aznar Vallejo, Marco Daniel Duarte. Moderador: Carlos Valente

## Painel 2 - 2ª Parte



Andreia Micaela Nascimento  
*Madeiran Heritage – Sharing our legacy.*







Debate da 2ª Parte do Painel 2

Hélder Spínola, Andreia Micaela Nascimento. Moderador: António Rodrigues



# LABORATÓRIO - EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E SERVIÇOS EDUCATIVOS NA CULTURA

Narrativas encadeadas: Planificação de atividades educativas  
com o património cultural no arquipélago da Madeira





#### DOWNLOAD

<https://conferenciasmasfsite.wordpress.com/publicacoes/>

#### CONTACTOS

Rua do Bispo, 21, 9000-073 Funchal  
+351 291 228 900  
[masfjournal@gmail.com](mailto:masfjournal@gmail.com)

<http://www.masf.pt>

<https://conferenciasmasfsite.wordpress.com>

#### LICENÇA

Este trabalho está licenciado com uma Licença  
Creative Commons - Atribuição-NãoComercial  
4.0 Internacional.





